

GUERRA DOS MASCATES

## OBRAS DO MESMO AUTOR

---

O ERMITÃO DA GLORIA. — A ALMA DO LAZARO, 1 v. enc. 3\$, br. . . . .	2\$000
O GARATUJA, chronicas dos tempos coloniaes, 1 v. in-8º enc. 3\$, br. . . . .	2\$000
TIL, romance brasileiro, 4 v. enc. 6\$, br. . . . .	4\$000
IRACEMA, lenda do Ceará, 2ª edição, 2 v. br. 2\$, enc. . . . .	3\$000
VIUVINHA E OS CINCO MINUTOS, 2ª edição, 1 v. br. 2\$, enc. . . . .	3\$000
O GUARANY, 3ª edição, 2 v. in-4º encadernados	10\$000
AS MINAS DE PRATA, rom. historico, comple- mento do precedente, 6 v. in-8º br. 12\$, enc.	16\$000
O DEMONIO FAMILIAR, comedia em 4 actos, 2ª edição, 1 v. . . . .	1\$500
A MÃI, drama em 4 actos, 2ª edição, 1 v. . . . .	2\$000
VERSO E REVERSO, comedia em 2 actos, 2ª edição, 1 v. . . . .	1\$000
AS AZAS DE UM ANJO, comedia em 1 prologo, 4 actos e 1 epilogo, 2ª edição, 1 v. . . . .	2\$000

### Senio

O GAUCHO, romance brasileiro, 2 v. in-8º br. 4\$000, enc. . . . .	6\$000
PATA DA GAZELLA, romance brasileiro. 1 v. in-8º br. 2\$000, encadernado . . . . .	3\$000
O TRONCO DO IPÊ, romance brasileiro. 2 v. in-8º br. 4\$000, encadernado . . . . .	6\$000
SONHOS D'OIRO, romance brasileiro. 2 v. in-8º enc. 6\$, br. . . . .	4\$000

### G. M.

DIVA, <i>perfil de mulher</i> , 2ª edição. 4 v. enc. . . . .	3\$000
LUCIOLA, <i>perfil de mulher</i> , 3ª edição 1 v. enc. . . . .	3\$000

SENIO.

---

*José de ALENCAR.*

# GUERRA DOS MASCATES

CHRONICA DOS TEMPOS COLONIAES

---

VOLUME SEGUNDO

---

RIO DE JANEIRO.

Edictor — B. L. GARNIER — Rua do Ouvidor n. 69.

—  
1873



869.0 (81) ALENCAR, JM.

ALE

V. 2

# GUERRA DOS MASCATES

---

## CAPITULO I

SCENAS ROMANTICAS DA VIDA CONJUGAL SEM O ADUBO DA IMMORALIDADE.

Era por noite calada.

A episcopal cidade de Olinda, envolta nas trevas, jazia em profundo silencio. Desde muito que se tinham apagado os fogos, e apenas de longe em longe, pela praia, tremulava a chamma do mó-lho de palhas, que servia de pharol aos pescadores.

A não ser o rôlo das ondas, desdobrando-se ao longo do isthmo; o susurro do coqueiral, rugido pela viração da noite; ou o regougo da coruja, á caça dos morcegos; nenhum outro rumor quebrava a mudez da metropole pernambucana.

Todavia, pela volta das nove horas, no alto da subida do Varadouro, soaram passos, os quaes se

diriam de cavalleiro, pelo tinido das esporas, batidas nas pedras sôltas que lastravam o chão.

Quem era desceu rua abaixo, com o andar rapido, mas parando a trechos, tanto para verificar si porventura o espreitavam, como para orientar-se no meio da escuridão.

Chegado ao principio do muro de taipa, que fechava o quintal da casa de André Figueiredo, o desconhecido redobrou de precaução até alcançar um ponto em que a copa frondosa do arvoredor, reclinando para a rua, tornava a escuridão ainda mais densa.

Ahi, julgando-se ao abrigo do mais penetrante olhar, já apoiava a mão sobre o lombo do muro para formar o salto, quando ouviu um roçar de folhas na cerca fronteira.

Fitando prompto a vista, pareceu-lhe ter percebido entre a ramagem vulto humano, e sem a menor hesitação, atirando a longa capa em que se envolvia para os hombros, sacou a espada da bainha e pôz-se em guarda.

— Emfim! murmurára então resfolgando á larga.

Como, passado algum tempo, nada apparecesse de suspeito, pensou o desconhecido que, ou se enganára na sua desconfiança, ou o vulto não tinha negocio com elle, a quem talvez nem houvesse presentido; tornando ao primeiro intento

galgou com agilidade o muro, e sem difficuldade achou-se do outro lado, dentro do quintal.

Com o perigo cresciam agora as precauções do cavalheiro, receioso de dar rebate á gente da casa. Esgueirando-se por entre o arvoredado até o terreiro d'onde avistava as janellas do oitão e a porta da serventia do quintal, ali ficou occulto pelas folhas e á espreita de alguma cousa de sua muita devoção, pois assim o trazia á affrontar perigos.

Ao cabo de algum tempo dessa espreita percebeu o desconhecido que a aba de uma janella do sobrado se entreabria, e o busto de uma pessoa reclinava-se ao balcão, recolhendo logo após uma rapida pesquisa dos arredores.

Apezar do sobresalto que teve o cavalheiro não desmentiu sua consummada prudencia. Conservou-se immovel e occulto entre a folhagem, redobrando de vigilancia. Sómente depois que a oscillação da janella repetiu-se por tres vezes, e que na impaciencia como na subtileza do movimento, elle presentiu um gesto feminino, foi que o desconhecido resolveu-se a sahir da sombra, destacando o vulto no descoberto do terreiro.

Ouviu-se então o sossobro de uma respiração cortada de repente, e que mais parecia o soluço intermittente da aura nas folhas da bananeira. Cerrou-se a janella; mas um objecto cahira aos pés do cavalleiro.

Era um fino lenço de baptista, perfumado e ainda tépido das mãos que o apertavam pouco antes; trazia atada a uma das pontas, grossa chave de ferro, a qual o desconhecido sem mais demora buscou introduzir na porta fronteira.

Não se logrou da deligencia, que a chave não servia; e afastando-se aguardou que a janella se entreabrisse para obter a explicação de que precisava. Nova esperança frustrada, pois o vulto havia-se recolhido de uma vez.

Começava o desconhecido a impacientar-se, quando lhe acodiu a lembrança que tinha a casa mais de uma porta.

— Em alguma hade servir.

Cosendo-se á parede foi experimentando a chave em quanta porta encontrava, até que afinal acertou. Ao ranger dos gonzos que obedeciam ao impulso, escapou-se pela fresta um tremulo psio recommendando silencio.

Adiantando o desconhecido a mão para sondar as trevas do aposento em que entrava, encontrou outra mão, porém pequena, suave, mimosa, que escapou-se arrufada e palpitante como uma rôla apanhada no ninho.

— Não tendes que receiar-vos de mim, senhora, pois ainda que vosso esposo pela benção do Senhor e por vossa propria escolha, um irmão não respeitaria com maior disvello vosso recato.

Nenhuma voz respondeu á estas palavras do cavalleiro ; mas ouviu-se distinctamente um profundo suspiro, que parecia vir do mais recondito d'alma.

Esta scena passava-se na noite do dia seguinte áquelle em que principiou nossa chronica ; e para o qual D. Leonor tinha de vespera emprasado Vital Rebello por um bilhete escripto com o sangue de suas veias.

Dissipada a exaltação de animo que a impellira áquella affouteza, a misera moça cahindo em si, ficou espavorida com a imprudencia que havia commettido.

Como poderia ella, tão guardada de sua pessoa, illudir a vigilancia que a cercava, e a defesa das casas de André de Figueiredo, que mais pareciam presidio do que moradia ?

Vital acudiria ao emprasamento ; não a encontrando, se arrojaria para vel-a á alguma temeridade que o trahisse. E ella, esposa a quem traziam viuva do querido de sua alma ; ella que todos os dias rogava a Deus a restituísse aos braços de que a tinham arrancado ; ella encerrada nas paredes de sua recamera ; ouviria talvez o grito de angustia de Vital, succumbindo aos golpes de inimigos, que por maior infelicidade sua, ella era obrigada a acatar.

Então resava para que o marido não viesse a entrevista ; mas quando enchia-se dessa esperan-

ça e achava-se mais animada, a vinha desconsolar a idéa de que essa fria indifferença de Vital seria a prova do pouco affecto que lhe votava ; e logo repellia um lenitivo que, si acalentava-lhe os sustos, exercuciava-lhe o coração.

Assim nesta cruel absorpção passou ella parte do dia, cogitando mil alvitreos que a tirassem de tão apertado trance ; mas sem animo de tomar uma deliberação. Por tarde seus espiritos estenuados cahiram em profundo abatimento ; e nessa atonia esperou com gelida impassibilidade a catastrophe que via iminente.

Estava a familia como de costume reunida na sala principal, quando entrou André de Figueiredo, que dirigiu-se a irmã.

— D. Lourença mande-me dar as chaves do trem.

Ergueu-se a dama e foi ella mesmo tirar de uma arca, na proxima camera, duas chaves atadas em uma correia, que entregou ao capitão.

— Em tempos como estes bom é precatar-se cada um para o que póde acontecer. Ninguem sabe o que nos trará o dia de amanhã.

Estas palavras que André de Figueiredo proferiu á sabida, traspassaram o coração de Leonor. Apossou-se della um pavor inexplicavel.

Havia ao rez do chão e para os fundos da casa um vasto armazem onde se guardavam trastes fóra

do uso, ferramentas, utensilios, mas principalmente armas e petrechos, de que todo morador principal d'aquelles tempos tinha cuidado de prover-se, para acudir, sendo preciso, á defesa da cidade e da propria habitação.

Foi a esse repartimento, chamado casa do trem, que se dirigiu o capitão: alli demorou-se até o escurecer.

Recolhendo-se á sua recamera, o viu Leonor que voltava. Vinha elle preocupado e distrahido; a tal ponto que parecendo não reparar na presença de alguem, guardou as chaves em uma gaveta da mesa de jantar, e desceu para a rua.

Sobresaltou-se Leonor, e fugiu espavorida com a idéa que a assaltára. Todo o serão correu para ella entre os assaltos da luta obstinada que haviam travado em sua alma, a paixão do marido e o terror da familia.

Vencêra afinal o amor, que depois de mil hesitações a trouxera ao encontro do esposo, por quem se estava ali morrendo de pejo e de affecto.

—Não vim aqui, senhora, em requesta de vossas finezas, como cavalheiro namorado que implora favores á sua dama. Ficai portanto descansada; que não terei palavra, nem acção, capaz de magoar vosso melindre. Si ainda uma vez busquei fallar-vos, depois de tantas em que me recusaste esta mercê, foi para decidir afinal de nosso destino, e romper

d'um golpe, ou a fatalidade que vos arrebatou a meu affecto, ou o laço que ainda prende nossas almas. No ponto a que nos trouxe a sorte adversa, ou sois tudo para mim, ou nada sereis ; si não vos falla agora, neste momento, o esposo a quem jurastes pertencer, e a quem vos deveis de corpo e alma pela vida e pela eternidade, dizei-o, senhora, dizei-o prompto, que não serei mais do que um estranho, que já não vos conhece e fugirá á vossa presença, como um phantasma que volta á catacumba.

Proferidas estas palavras, Vital aguardou um instante a resposta ; mas o silencio que reinava naquella escuridão apenas foi cortado por soluços, cujo tepido bafejo aqueceu a face do cavalheiro.

Este abriu os braços e conchegou ao seio o corpo vacillante da esposa, que se rendia ao seu amor.

— Leonor ! murmurou Vital. Ainda me queres ? Pensei que já se tinha de todo apagado em teu coração aquella ternura que te mereci, e que tenho pago com tantas desesperanças ?

— Mais que as desesperanças, dóem as injustiças, senhor Vital, respondeu Leonor tragando o pranto. Que fiz eu para m e accusarem de ingrata ?

— Ninguem vos accusou ; apenas queixei-me eu algumas vezes, e a mim mesmo.

— Mas de que ?

— Ainda o perguntaes, D. Leonor ? Depois deste

anno passado longe um do outro na viuvez de nossas almas ; deste anno que devia ser a primavera florida de nosso amor, e que um máo fado transformou em torva borrasca ?

— Que podia eu contra a sorte ?

— Tudo. Não tinheis um esposo, cujo dever era proteger-vos, e cuja maior ventura seria obedecer-vos ?

— E minha mãe ? replicou Leonor com desalento.

Vital calou-se.

— Bem sabeis que a maldição cahiria sobre mim, si eu me revoltasse contra a tyrannia que nos separou ; e por nenhum preço eu, que vos preso e respeito acima de todos os homens, senhor Vital Rebello, vos daria uma esposa maldita e um affecto mal agourado. Agora mesmo quem sabe que perigos nos ameaçam e que desgraças não custará esta minha imprudencia ?

— Não póde ser maldita a esposa que o ministro do Senhor uniu em face do altar, pelo proprio voto e com o consentimento dos seus ; nem será mal agourado, este affecto porque desarrasoadá obstinação de parentes se oppõe á sua felicidade.

— Consentimento dos seus, dizeis ; mas elles affirmam que esse consentimento o deram illudidos, e logo o retiraram, antes que deixasse eu a casa paterna para pertencer-vos, pelo que...

— Proseguí, D. Leonor! acudiu Vital, percebendo a hesitação da moça.

— Não vos queria affligir; porém melhor é saberdes logo, pois não tenho esperança de fallar-vos outra vez.

— Assim é este o momento de nossa eterna despedida, senhora? tornou Rebello com um termo grave e triste.

— Ah! si soubesseis!...

— Sei tudo.

— Sabeis que mandaram a Roma para dissolver o nosso desporio e que esperam receber o breve pela primeira embarcação do reino?

— Sabia-o, sim, D. Leonor; respondeu o cavalheiro com a mesma grave placidez. O que não sabia, e preciso ouvir de vossa boca, é si deste á isso vosso consentimento.

— Eu?... balbuciou a dama.

— Fallai sem receio. De mim não tendes que temer maldições, nem ameaças. Vosso querer é a minha lei; eu que zombo das fanfarronadas de vossos parentes, e da bulla que mandaram comprar a Roma, obedecerei submisso a uma palavra proferida por vós, comtanto que essa palavra seja a voz d'alma; porque si me eu curvo ante vosso desejo não terei, ficai certa, a mesma docilidade com as vontades alheias que abusam de sua posição para insinuarem-se em vosso animo tímido e ingenuo.

Pois que é esta a ultima vez que nos vemos, abri-me vosso coração. Tiveste parte nesse trama da dissolução de nosso casamento ?

— Eu assignei um papel, que me apresentaram, mas não o li.

— E não vos disseram o que elle continha, nem o suspeitastes vós ?

— Minha mãe tinha-me prevenido.

— Portanto não ignoraveis de que se tratava, nem que influencia devia ter em vossa existencia aquella assignatura. Quando escrevestes ali vosso nome, renegastes o esposo que havieis escolhido.

— Obedeci a minha mãe ! soluçou Leonor com a voz dilacerada.

— Vossa mãe andou bem avisada em vo-lo ordenar, D. Leonor.

— Tambem vós a approvaes ?

— Si não me tendes o menor affecto, porque serieis minha mulher, e ficarieis com a vossa existencia encadeiada á um estranho, quando a podeis partilhar com quem melhor vos mereça ?

— Não me estejaes apunhalando com estas palavras de desprezo ; melhor é acabar-me de uma vez, e a esta triste sina. Não posso pertencer-vos como esposa, que minha mãe se interpõe entre nós, mas pertenço-vos como quem se vos deu e não quer e não póde ser jámais de outro ; aqui me

tendes; ponde um termo a este resto de existencia, que ainda me sobra de tamanho soffrer.

Vital permaneceu calmo, apesar de abalado profundamente no intimo :

— Dizeis que vos déstes a mim, senhora ; e eu vejo que não vos podeis dar a ninguem, pois para isso era preciso que vos pertencesseis, o que não acontece. Nada mais sois do que o corpo que anima a alma de vossa mãe, ou antes a alma que lhe empresta vosso tio, André de Figueiredo, que ella não a tem e menos de mãe.

— Senhor Vital ! disse Leonor resentida.

— Não quereis e não podeis ser jámais de outro...

— Eu vos juro !

— Tambem me juraste a mim a fé de esposo e bastou o sopro de vossa mãe para apagar esse juramento. Ordene-vos ella amanhã que ameis a outro.

— Nunca !

— Haveis de obedecer-lhe, D. Leonor ; disse Vital com amarga ironia, sinão ella póde amaldiçoar-vos !

— Não estou eu supplicando-vos que me mateis ! exclamou a moça em um grito de desespero atirando-se de joelhos aos pés do cavalheiro.

Ergueu-a Vital Rebello nos braços, e pousou-lhe um beijo casto na frente :

— Não, alma de minha vida, não morrerás; que eu te salvarei contra todos e contra ti mesma, que és o meu bem supremo, mas tens sido o meu e teu algoz. Eu te salvarei; e si Deus me negar essa dita, restar-nos-ha então, Leonor minha, a de morrermos juntos.

Um regougo de riso sarcástico reboou no meio da escuridão, acompanhado por uma voz zombeteira.

— Ha de morrer, esteja descansado, mas sem companhia.

Leonor desmaiára nos braços de Vital Rebello.

---



## CAPITULO II

UM CAPITULO DE HISTORIA, QUE PARECE TER SIDO  
ESCRIPTO PARA O ROMANCE.

Por tal fórma se travam os negocios da governança com os amores de Vital Rebello, que para melhor comprehensão desta nossa chronica, vamos dar uma resenha do estado das cousas na capitania de Pernambuco pelo correr do anno de 1710.

Já pela rama se fallou da rivalidade que existia entre a cidade de Olinda e a recente povoação do Recife, por causa do incremento que esse bairro commercial, importante ainda no dominio dos hollandezes, fôra tomando com o volver dos tempos.

Desde a epocha da restauração que os mercadores attrahidos pela vantagem de um ancoradouro commodo e seguro, se estabeleceram de preferen-

cia nessa povoação e occuparam os armazens e tercenas construidos pelos flamengos.

Os senhores de engenho, que eram os principaes da capitania e aquelles que formavam a nobreza pernambucana, foram obrigados a supprirem-se do necessario para o custeio de suas fbricas, nas lojas e tendilhões do Recife.

Dava-se então o que ainda hoje acontece com pequena differença. Onerado o agricultor com uma divida avultada, que não podia pagar, tinha de sujeitar-se á usura do credor, ou de entregar-lhe a safra a preço e condições lesivas. Assim a arroba de assucar, o mercador a pagava no Recife por 400 rs. para vende-la no reino por 1\$400.

Mais de seculo e meio é decorrido e ainda o tacanho espirito que sob varias encarnações tem governado este paiz, não descobriu um meio de proteger a lavoura contra o monopolio mercantil; antes parece que de todo o desamparou entregando-o á sanguessuga do Banco do Brasil, que lhe exhaure a seiva em proveito de certa oligarchia financeira.

Uma circumstancia muito concorria para aggravar a posição da nobreza pernambucana. Não permittindo as idéas do tempo que os fidalgos se dessem á mercancia por ser esse um officio plebeu, resultava d'ahi que os seus fornecedores eram gente inferior e animada do ciume que em todos

os tempos, mas principalmente n'aquella epocha, dividia as classes.

O que porém mais fomentou a rivalidade entre os povos de Recife e Olinda foi o espirito de bairrismo.

Os moradores da Capitania descendiam na maxima parte de portuguezes, ainda que já entrava ahi grande mescla de sangue flamengo e outro de Europa, sem fallar do indigena e africano. Tinham porém nascido ali, na terra americana, e consideravam-se herdeiros dessa patria que seus maiores haviam reivindicado do hollandez pelo heroismo e intrepidez de suas armas.

Por isso chamavam-se elles *pernambucanos*, e áquelles que vinham do reino se estabelecer na colonia davam o nome de *forasteiros*, negando-lhes o fôro de vizinhos e portanto o direito de tomar parte no governo da terra.

Com poucas excepções, eram os mercadores do Recife desses portuguezes europeos, que deixavam a sua aldeia para tentarem a fortuna no novo mundo.

Já n'aquelles tempos, como nos de hoje, tinha a colonia portugueza duas virtudes, a que deve a sua prosperidade: e são, a perseverança e a união, dotes de raça, que todavia por uma ignota rasão desmerecem no solo brasileiro e não se transmitem á prole aqui nascida.

« Chegava um desses garotos, sem outro fato mais do que a trouxa amarrada em lenço de Lamego ; com a camisa de bertangel, preto de sujo, e calções de lona bezuntada de alcatrão. A' força de trabalho conseguiam uma duzia de patacas, com que se proviam de algumas resteas de alho e cebolla, além de outras drogas, e sabiam a mercar pelas ruas do povoado e engenhos do interior. Nesse giro mesquinho ajudavam-n'os os patricios, fiando-lhes fazendas e drogas para estenderem o seu trafego; e assim arvorados em mascates aquelles labregos que no reino nem para moços de servir prestavam, de repente se viam senhores de grosso cabedal. »

Deste modo, com pouca discordancia de termos, se exprime um malevolo chronista pernambucano, no intuito de rebaixar os mercadores do Recife, quando ao envez lhes tece o maior encomio, pondo em relevo o character laborioso e paciente desses homens, filhos de seus trabalhos e obreiros da propria fortuna.

De dia em dia pois ia crescendo o ciume entre os dois povoados, na medida em que o plebeu Recife medrava com o impulso de seu commercio florescente, e a aristocratica Olinda decahia pelo desbarato dos ricos patrimonios ontr'ora accumulados pelas familias pernambucanas.

O primeiro choque dessa luta de supremacia politica datava do anno de 1685.

Desde sua fundação padecêra Olinda da falta de boa agua potavel, reduzida a pessimas e raras cacimbas, pois o Beberibe que lhe banha as fraldas e podia prove-la em abundancia era então alagado até muito acima pela enchente da maré.

Disvelados os moradores em remediar esse achaque, avisaram meios de trazer agua de longe. Primeiro abriram um vallado de legua para encanar uma levada do Paratibe; mas não surtiu bom effeito porque era o terreno de muitas arêas que frustravam o trabalho, sumindo a agua.

Outra vez intentaram obra semelhante no Beberibe, tomando-lhe a veia acima da maré: e não tiveram melhor resultado, porque as enlameavam os gados soltos na varzea. Quando estavam empenhados em aperfeiçoar a obra, substituindo a levada por um aqueducto de pedra e cal succedeu a invasão hollandeza.

Depois da restauração, e logo que se restabeleceram os moradores dos maiores estragos de suas fazendas, curou a camara de Olinda de prover aquella necessidade de boa agua, mas por um novo arbitrio que o engenho, ensinado das muitas lições da experiencia, veiu a suggerir.

Em 1685 com boa diligencia se levou a effeito o plano que consistia em tapar o rio Beberibe com um reparo de pedra no ponto onde elle costuma-

va seccar na baixa da maré, e por isso chamado *Varadouro*.

Com esse dique, em fôrma de ponte ou passagem, impedia-se a agua salgada de subir alem, emquanto que a represa do Beberibe formou um vistoso lago que despejava as sobras por dezoito canos, fartando a cidade de agua doce, como da grande copia de peixe que ali se creava.

Desta obra se aproveitaram tambem os do Recife, que mandavam em canôas encher as vasilhas nas bicas do Varadouro; especialmente para as aguadas dos navios, pois suas cacimbas, como as de S. Antonio, eram salobras e cheias de limo.

Não obstante foi a ponte na phraze do chronista uma *figa* para os mascates, os quaes não podendo soffrer que Olinda se lograsse de tal vantagem sobre o Recife, buscaram traça para a desforra, que em má hora lhes trouxe a fortuna adversa.

Aconteceu, seis mezes depois, que abrindo-se uns barris cheagdos de S. Thomé dias antes, estivesse a carne que traziam corrompida a ponto de matar logo ali de prompto com o ramo da peste o tanoeiro e mais quatro que o ajudavam, desenvolvendo-se em seguida uma devastadora epidemia.

Entrou o povo do Recife á clamar que todo o mal proviera da tapagem do Beberibe, pois estagnadas as aguas onde cresciam tantaservas, era de prever que se envenenassem aquellas com a po-

dridão destas, infeccionando os ares de toda aquella redondeza.

Sem mais demora levaram os mercadores sua queixa a el-rei, que mandou ouvir sobre o caso os medicos de sua real camara. Parece que n'aquelle tempo a higyene publica estava tão adiantada em Lisboa como no Rio de Janeiro ; e que os physicos-móres do senhor D. Pedro 2º de lá não tinham que invejar aos do senhor D. Pedro 2º de cá.

Reuniu-se em junta a mestrança e conveiu que effectivamente a peste provinha da repreza do rio. Houve quem notasse a coincidencia de terem apparecido os primeiros casos da molestia na occasião de abrirem-se os barris de carne ; assim como a circumstancia de não se haver manifestado a epidemia em Olinda, que tinha o Varadouro á beira.

Não toscanejaram os preclaros rabichos, e decidiram *verbis magistris* que era urgente romper-se o dique, e deixar que o rio despejasse livremente como dantes a correnteza de suas aguas, com o que cessaria o contagio. E assim o mandou el-rei em carta á Camara.

Imagine-se, como receberiam os moradores de Olinda essa ordem estulta, que vinha destruir o fructo de tamanhos esforços e economias : e quanto podiam o respeito e obediencia á régia autoridade, pois sopitaram a revolta dos brios e dos direitos opprimidos desses povos leaes.

Ficou porém no coração pernambucano um entranhado ressentimento, e crescendo todos os dias o desprezo com que os nobres tratavam a gente do Recife, passaram a designa-la pelo epitheto de *mascates*.

Esse termo derivado do nome de um reino da India, cujos naturaes eram dados ao commercio, significava em principio entre os portuguezes de Gôa, o mesmo que mercador ambulante, que percorria varias terras á maneira do Oriente.

Com o andar dos tempos veio a servir unicamente para exprimir o myster baixo e desprezível de bufarinheiro ou regatão que apregôa pelas ruas. Tão affrontoso era dar-se tal nome a um mercador desse tempo, como seria hoje em dia chamar em estylo classico de *traficante* a um homem de negocio.

Retaliaram os do Recife com a alcunha de *pés-rapados* que puzeram aos naturaes, não só pela circumstancia de andarem elles descalços e á ligeira, com o que se desembaraçavam no manejo das armas e na celeridade da marcha entre o mato fechado, como por allusão á estreiteza de muitos fidalgos cahidos em completa penuria.

Soberbos os mercadores com a primeira victoria na questão do Varadouro, puzeram a mira em cousa de maior monta, como era o foral de villa para o Recife, o qual uma vez independente de Olinda

e com governo proprio, não tardaria em derrocar a velha cidade, que lhe estava sugando a seiva.

Razoaram os advogados, pois já naquelle tempo os havia politicos e administrativos, como se vê da chronica desta guerra, que talvez nunca rompesse, si elles não a tivessem por fórma enredado, que não houve mais geito de a desatar.

Foram procuradores á Lisboa com boas propinas e o preciso para azeitar as molas da machina régia, seguindo no mesmo navio uma representação em que o Governador D. Fernando de Lencastro expunha a el-rei a conveniencia de erigir-se o Recife em villa.

Desta vez, porém, não lograram os mercadores a deligencia. Ou porque D. Pedro 2º de Portugal tambem adoptasse a maxima politica — *uma no cravo e outra na ferradura*; ou porque ainda não se tinha de todo apagado na côrte lusitana a memoria do heroismo Pernambucano na restauração da capitania; resolveu Sua Magestade pela carta regia de 28 de Janeiro de 1700 que maneira alguma se devia pôr em pratica esse arbitrio da separar o Recife da cidade de Olinda; recomendendo que para conservação dellaahi fizessem assistencia o governador e ministros como em repetidas ordens havia determinado.

Todavia não esmoreceram os mercadores; desganhos de obter por emquanto a realisação do

primerio intento ; cuidaram de se insinuar na governança da terra, esperando mais tarde com a popularidade de suas doblas e patações, apossarem-se dos cargos principaes da vereança.

Hoje em dia usa-se traficar á boca do cofre com os titulos e as commendas ; naquelles tempos menos adiantados não se faziam as cousas com a simplicidade moderna. Os mercadores que juntavam grosso cabedal compravam os serviços de algum fidalgo rafado, de quem se justificavam parentes com tesmunhas quejandas ás que ora servem para fazer moço fidalgo de quatro-costados a qualquer beldroegas. Com essa papelada requeriam para Lisboa um habito de Christo em que se enfunavam tanto como os excellentissimos d'agora.

Assim bezuntados dessa nobreza postiça, julgavam-se os mais ricos dos mascates idoneos para os cargos de officiaes da camara. Mas sahiram-lhe os pernambucanos com embargos, pela razão de não serem naturaes, aos quaes sómente compete o governo das terras, não podendo nella ingerirem-se forasteiros, que vinham de fóra buscar fortuna.

Durou este pleito até 1703 em que mandou el-rei admittir aos pelouros todos os habitantes da cidade, sem differença de naturaes e vindiços, uma vez que estivessem nas condições da Ord. do liv. 1º tit. 67 e Leis de 12 de Novembro de 1614 e 6 de Maio de 1649.

Triumphantes com a decisão régia, os mercadores empenharam quanto podiam na primeira eleição e conseguiram alguns officiaes e almotacés. A consequencia não se fez esperar; armado da vara branca, o Sr. Simão Ribas foi taxando por preço excessivo tudo que vendiam os taberneiros seus patricios; e as fructas e viveres que traziam os matutos, pô-los a real.

Foi geral o clamor em Olinda. Reunido o senado representou sem mais tardança a el-rei mostrando o perigo de se admittirem na governança os forasteiros.

Por essa occasião lembraram os pernambucanos a el-rei que ainda estavam pagando os chapins da senhora infanta D. Catharina; e portanto se devia ter alguma contemplação com tão leaes vassallos, não os privando dos poucos meios de que tiravam para se quitarem dessa finta, com sacrificio de sua subsistencia.

Essa historia dos chapins, merece um commento. Costumavam os reis de Portugal, quando lhes nascia filho ou casavam filha, lançarem um tributo sobre os povos de certas cidades ou villas á pretexto de compôr-lhes o enxoval.

Casando-se a infanta D. Catharina em 1661 com Carlos 2º de Inglaterra coube ás possessões de ul-

tramar fornecer á noiva os chapins, o que ainda estavam fazendo os pernambucanos quarenta e dois annos depois.

Dignos filhos daquelles pais somos nós brazileiros que nascemos, uns para trapaceiros e outros para cangueiros. Ainda hoje o nosso bom e paternal governo finta-nos com os impostos da guerra do Paraguay; e já nos ameaçam com outra guerriinha de que ficou pejada aquella.

Acodiu D. Pedro 2º a seus vassallos pernambucanos, declarando que não podiam servir cargos da vereança os mercadores visto ser esse um officio peão, na conformidade das leis do reino; depois entrando a governar como regente na molestia de seu pai a infanta D. Catharina, rainha de Gran-Bretanha, a tal senhora dos *chapins*, aproveitou a occasião para agradecer a condescendencia dos pernambucanos.

Pela provisão de 8 de Maio de 1705 declarou que por *mercadores* se havia de entender unicamente os que assistissem de loja aberta, vendendo, medindo e pesando ao povo.

Sendo em numero limitado os mercadores, de grosso cabedal, que já se não occupavam com o meneio de seus negocios, mercando no balcão ou trapiche; ficaram os de Olinda tão superiores ainda, que já não podiam temer-se dos contendores na eleição.

Quanto aos mascates, essa ultima derrota não fez senão aferra-los ainda mais é primeira idéa da separação, na qual desde ahi trabalharam sem descanso, dispondo na capitania, como na metropole, os elementos para o favoravel despacho de sua pretensão.

Foi nestas circumstancias que a 9 de Junho de 1707 tomára conta do governo da capitania, Sebastião de Castro Caldas.

Como de costume, os nobres de Olinda e os mercadores do Recife porfiaram em obsequiar o novo governador á sua chegada, com a mira de ganha-lo á seu partido. Durou mais de anno essa cortezia hospitaleira, pelo geito com que soube o fidalgo trazer ambas as parcialidades embaladas em esperanças.

A saliencia do character politico de D. Sebastião de Castro Caldas era uma susceptibilidade de proeminencia. Elevado ao alto posto de capitão-general de Pernambuco, sob uma apparencia de philosophia e abnegação, elle não tolerava em torno de sua pessoa, vultos que podessem disputar-lhe uma parcella minima do respeito e até mesmo do embaimento publico.

Qualquer superioridade fazia-lhe sombra, e sua preocupação incessante era abatê-la, não derrocando-a, pois era avesso ao estrondo e á violencia, mas aluindo-a aos poucos. Essa obra sub-

terranea, seu espirito a proseguia com uma tenacidade fria e inflexivel, apezar da indecisão e malleabilidade de que pareciam envoltos os seus actos.

Si algum homem grangeava por seu merecimento a estima geral, cuidava logo D. Sebastião de o chamar a si, não só para que aos olhos da gente essa elevação parecesse mero effeito de uma liberalidade que elle podia retirar quando lhe approuvesse, como para respirar o puro incenso das almas superiores. Além de que assim ficavam-lhe essas papoilas á geito de ceifar.

Desde os primeiros tempos que atravez das mostras de respeito e termos cortezes sentiu o governador a tempera do character altivo e independente dos pernambucanos, os quaes presando-se de subditos leaes, tinham o nobre e legitimo orgulho de haverem pelo esforço de seu braço restituído á corôa portugueza esse importante estado ultramarino.

Brios e escrupulos eram asperezas que arranhavam a a cutis moral de Sebastião de Castro. Elle não se accommodava sinão com as almas flacidas e ductis, que tomam todas as feições e prestam-se á guiza de pellica para uma luva, como para um chinello. Destas gostava de apossar-se, a ponto de torna-las adherencias da sua.

De tal quilate, não faltavam exemplares entre os mascates, pois o balcão era o berço onde se cria-

vam, como o dinheiro o leite de que se amamentavam. Por isso continuando a favonear a nobreza de Olinda, o novo governador prelibava o suave prazer de fazer do Recife um espinho para crava-lo no orgulho de Olinda.

Em segredo representou a el-rei mostrando a urgencia da separação do Recife; e tão avisadas foram suas razões que, finalmente por carta régia de 19 de Novembro de 1709 foi creada a villa.

Digamos em abono da verdade que foi essa uma medida de toda justiça. O Recife, a primeira praça de guerra do estado do Brazil, como se póde ver do inventario feito em 1654, ao tempo da sua evacuação e entrega pelos hollandezes; o ponto commercial mais importante ao norte do Cabo de Santo Agostinho, com uma população de cerca de oito mil almas, e as melhorias que lhe tinham ficado do dominio flamengo quando era côrte do conde de Nassau; o Recife não devia com a restauração ter perdido o seu titulo de cidade.

Mas apesar de todas estas razões politicas, Sebastião de Castro descobriria alguma conveniencia para adiar a criação da villa; si não estivesse nisso empenhado o seu amor-proprio.



### CAPITULO III

ONDE SE LOBRIGA O VULTO DO BISBILHOTEIRO QUE ESCREVEU  
O ALFARRABIO ENCONTRADO PELO SACHRISTÃO.

A criação da villa do Recife, tão porfiada pelos mercadores, devia ser o desfecho dessa contenda em que os dois povos rivaes andavam empenhados, havia mais de dez annos.

Com outro governador assim teria acontecido; mas com Sebastião de Castro não passou de uma phase nova da lucta, que tornou-se mais ardente, pelo despeito de um partido e a arrogancia de outro.

A indignação dos moradores de Olinda, quando entre elles estourou a nova como uma bomba fulminante, não guardou termo e prorompeu em ameaças e assuadas. O que mais revoltava aos per-

nambucanos era a falsa fé com que o governador, adormecendo-os na confiança inspirada por palavras insinuantes, havia sorratamente obtido do conselho ultramarino a separação do Recife.

Em verdade era completa a segurança dos pernambucanos. Conversando o velho capitão-mór João Cavalcante uma tarde em palacio com o governador, e trazendo a pratica para o ponto que mais lhe interessava, teve em resposta estas formaes palavras : — «Sobre este particular pode ficar descançado, senhor capitão-mór. O Recife pelo que ouvi em Lisboa, tão cedo não será villa. »

Estas palavras, referiu-as textualmente João Cavalcante, aquella mesma noite, no serão costumado; e ninguem houve que se não tranquillisasse com o penhor dado por Sebastião de Castro ao venerando ancião. Não conheciam ainda a polpa do homem que os governava.

No meio do geral espanto, causado pela noticia, interrogavam-se todos acerca daquella promessa; e os principaes acercavam-se do capitão-mór para ouvir delle os pormenores do caso e a repetição fiel da asseveração do governador.

Não occorria ao velho fidalgo que pudesse alguem duvidar de sua palavra; mas incommodava-o a só idéa de haverem faltado á fé por elle assegurada. Além de que essa fé tambem lhe fôra dada

a elle por quem se prezava de cavalheiro e como cavalheiro lhe devia contas severas.

Recobrando um assomo do antigo vigor, montou o capitão-mór a cavallo e sem mais acompanhamento do que um pagem, deitou-se á galope para o palacio do Recife onde estava o governador, inquieto com o alvoroço de Olinda.

Nessas occasiões em que se embrulhava a politica, si não mente a chronica, o figado de Sebastião de Castro como o de Cesar soffria a repercussão do abalo moral; mas a bilis, promptamente corrigida, nunca perturbava a fleugma desse organismo.

Já áquella hora andava o ajudante Negreiros n'um corropio, despejando ordens pelos fortes e quartéis; enquanto o governador em conferencia com o secretario Barboza de Lima combinava nos pannos quentes e cataplasmas com que se devia acodir ao desmancho.

Pressuroso sahi Sebastião de Castro ao encontro do capitão-mór a quem recebeu com desusada affabilidade; mas com isso não desarmou a caranca do velho que foi direito e rijo ao ponto.

Não podia o governador occultar a parte que tivera na criação da villa, pois a carta régia se referia positivamente á sua informação, mas ainda quando houvessem omittido essa circumstancia, não a negaria elle. Em sua opinião a mentira é

um expediente grosseiro, que sómente empregam os espiritos frouxos e indolentes.

Ouida a queixa, sinão amarga exprobação do velho Cavalcante, respondeu-lhe o governador sem alterar-se :

— O que disse ao senhor capitão-mór, e mantenho, foi ter ouvido em Lisboa, a quem o devia saber, a asseveração de que tão cedo não seria villa o Recife.

— Mas não se dirá...

Impetuoso como sempre interrompera João Cavalcante ao fidalgo para retrucar-lhe sobre a contradicção de seu procedimento. Atalhou-o o governador :

— Quanto a haver eu representado em favor da criação da villa, comprehende o senhor capitão-mór, como cavalheiro que é, e leal subdito, que eu faltaria ao meu dever de governador desta capitania, não informando a el-rei das necessidades da terra, para que Sua Magestade as proveja de remedio. Nem podia deter-me neste particular o muito que me merece a nobreza de Olinda, pois contava infallivel o indeferimento.

Os cesares modernos que se deixam vencer pelos ministros quando lhes convem enfeitar-se de suas lantejoulas democraticas, não responderiam com maior dignidade e abnegação á algum favorito sacrificado : «Sou seu amigo, mas lembre-se que

tambem sou rei constitucional.» O que em gíria cortezã quer dizer : « Si agora para guardar as apparencias fui obrigado a despedi-lo como um importuno, com geito posso faze-lo sota-rei mais tarde. »

— O caso é que os mascates lograram a final o que em dez annos não puderam.

Estas palavras soltou-as o capitão-mór com um tom morno, pois dissipado o primeiro assomo, já se lhe relaxava a fibra.

Sorriu-se o governador :

— Lograriam.... ? disse elle com uma entonação que não se podia affirmar si era de interrogação, si de reticencia.

— Pois vossa excellencia ainda o põe em duvida ? exclamou o capitão-mór.

— Por linhas tortas escreve-se direito, em havendo arte.

— Confesso que não atino.

— Mandou-me el-rei crear villa no Recife ; mas a villa não está creada, e pode bem ser que se não chegue a crear ; entretanto que embalados nesta esperanza, os mercadores se aquietarão.

— Lá diz o ditado — «que entre a boca e a mão vai o bocado ao chão.» E assim acontecerá si tivermos por nós a vossa excellencia, que em respeito a seus brazões, como grande fidalgo se deve a nossa causa que é a da nobreza contra a ralé.

— Neste posto de governador, devo-me a el-rei primeiro, e aos povos depois, sem distincção de nobreza e peonagem. Mas não careceis de escudo, com os titulos que tendes. Do que precisaes é de moderação e tolerancia para attrahir á nobreza pessoas abastadas e preponderantes.

— Não se costuma entre nós, senhor governador, repellir os que vem como amigos, ainda quando não trazem cabedaes, que mercê de Deos, não cobicamos.

— Será então falso quanto me referiram ?

— Ignoro o que fosse.

— Que o alferes Vital Rebello requesta uma sobrinha vossa, a qual lhe corresponde ao affecto, mas vós ou os vossos a tendes por modo deffeza, que ao valente namorado custa-lhe um assalto d'armas cada vez que se avista de longe com a formosa dama ?

— Ha razões particulares ; respondeu João Cavalcante reservado.

— Estas razões, senhor capitão-mór, são desarasoadas. Si o pai de Vital Rebello ficou senhor do engenho e mais haveres do finado Luiz Barbalho, marido de vossa sobrinha, mais pela prodigalidade deste do que pela usura daquelle ; que melhor meio de reparar esse revéz da fortuna, do que devolver por uma acertada alliança ao casal donde sahiram, os bens dissipados ?

Callou-se o capitão-mór.

— Que dizeis a isto ? insistiu o governador.

— Digo que pode bem ser esteja a razão da parte de vossa excellencia.

— Neste caso, porque não m' a dá o senhor capitão-mór fazendo o que lhe aconselho.

— E' do agrado do senhor governador o casamento ?

— Penso, respondeu o governador elevando a voz como para accentuar melhor o seu alvitre, que será de grande proveito ao partido e a familia a alliança de sua sobrinha D. Leonor Barbalho com Vital Rebello, pois é este, além de cavalheiro de muitas prendas, homem de dotes superiores.

Desde algum tempo, que um dos toma-larguras do palacio, andava rondando soffrego de bispar alguma cousa da pratica. Não escapou-lhe uma só das ultimas palavras do governador, que alteára a voz a talho de ser escutado.

Nessa mesma tarde Vital Rebello sabia do que a seu respeito dissera o governador.

Foi extrema a surpresa do mancebo.

Apezar de filho de mercador e partidario do Recife, não era elle dos que estavam nas boas graças de Sebastião de Castro : bem ao contrario tinha impulsos de dignidade e altivez, que deviam beliscar o orgulho do fidalgo.

Assim não lhe dava *excellencia*, tratamento que

não competia aos governadores, mas que elles recebiam de todos com prazer em vez da chata *senhoria*, havendo-os que o impunham de preceito, bem como outras cortezias a que não podiam pretender, pois eram prerogativas da magestade.

Guardando ao governador a reverencia que julgava devida, o alferes cortejava-o com o chapéo quando o encontrava; mas não ficava de cabeça ao tempo como usava a gente principal, que não se cobria nem voltava as costas, estando elle presente e até o perder de vista.

Tambem não era Vital assiduo em palacio, onde compareciam habitualmente todos que tinham officio publico ou posto de milicia e ordenanças. Alguma vez que lá ia de longe em longe, levava-o mera urbanidade e não lisonja.

Passava Sebastião de Castro por philosopho e desabusado ácerca dessas maneiras palacianas, do que muito se lastimavam os officiaes de sala então como agora mais realistas do que o rei. Todavia nunca se lembrou o fidalgo de acabar com taes praticas, no que bem mostrava não lhe serem desagradaveis e menos incommodas.

Mas por cima dessas exquesitices veniaes tinha Vital Rebello peccado mortal. Uma ou outra vez em discurso com o proprio Sebastião de Castro, e muitas nas praticas dos mercadores, chegara a dizer que os governadores abusavam do seu regi-

mento, já ingerindo-se nas cousas de justiça, já provendo postos que não cabiam em sua alçada.

E não andava elle mal informado, pois ao proprio Sebastião de Castro mandou El-rei *estranhar asperissimamente* por se intrometter nos negocios de justiça, e tambem por exigir que a camara de Olinda lhe dêsse o tratamento de *Senhor*, á igual da magestade. Prova isto que o rei-povo é menos que o rei-só zeloso de suas prerogativas, e mais bonachão com seus governadores e ministros.

Com taes antecedentes não havia reparar na surpresa de Rebello ao saber do conceito em que o tinha Sebastião de Castro e do empenho que tomava pela realisação do mais ardente voto de sua alma.

— Fui injusto ! E' homem de animo generoso, e um nobre coração ! disse o mancebo penhorado da fineza.

Havia então no Recife um lettrado que vivia dos provarás, porém mais da rigorosa economia, a que se acostumara. Chamava-se Carlos de Enéia ; e era homem de meia idade, mettido comsigo, que o mais do tempo levava a rabiscar papel.

Ha suspeitas de que seja o incognito autor da chronica manuscripta donde extrahiram-se estas memorias, e na qual por ventura se refugiava o advogado do nojo pelas miserias publicas que o rodeavam.

Fôra Enéia algum tempo secretario de Sebastião

de Castro, quando este governara o Rio de Janeiro, bem que não se demorara no cargo, pois elle, como de D. João de Castro disse Jacyntho Freire, «podiam soffre-lo como vassallo, mas não como criado. »

Do pouco tempo de serviço lhe ficara larga experiencia do natural de Sebastião de Castro, de quem algumas vezes costumava dizer ; «que era varão insigne, porém no posto a que o subira a fortuna, andava desencontrado, desgovernando tudo pela ancia de muito governar. »

Ligava Rebello ao lettrado, uma affeição que nascera da conformidade no temperamento de suas almas. Estando á noite com o amigo, referiu-lhe o alferes o occorrido, mostrando-se rendido á galhardia de Sebastião de Castro.

Sorriu-se Enéia, citando um verso de Sirius :

— *Nisi qui sit facere, insidias nescit metuere.*

— Que queres dizer com isto ? tornou Vital.

— Que vês a imagem alheia no espelho de tua alma ; mas eu que a vejo á luz da experiencia descubro sombras que te escapam.

— E quaes são ellas, não me dirás ?

— O elogio é um meio muito usado, mas sempre novo de render a vaidade, e neste caso tem outra serventia qual é convencer-te da gentileza de quem os faz. Si até agora nutrias uma prevençãõ contra Sebastião de Castro, de hoje ávante vai

elle tentar-te pela mais perigosa das seducções, que é a da virtude. Acatando nelle, já revestido das dignidades do governo, um modelo de honradez e symbolo de justiça, que não exigirá de tua veneração que tenhas força para recusar? Serão em começo cousas de pouca monta, que não assustarão teus escrupulos; mas esse caminho é assim talhado, que em tropeçando nelle, já ninguém se pode erguer: e para subir não ha outro geito sinão ir de rastos ou ás gatinhas.

— Estou á prova! disse Vital com sobrançeria.

— Ainda não; por ora pertences ao amor, que é capaz de todos os raptos e enthusiasmos, como de todas as loucuras; que faz heroe ao cobarde, e martyr ao egoista. E' na idade da ambição que se prova a tempera aos homens.

— E qual é essa idade? Não dirás que seja a tua, pois nella te condemnas ao esquecimento.

— Não se trata de mim; que já não pertença ao mundo, nem cuido sinão de mirrar a mumia deste espirito para deixa-la á posteridade. Não que eu creia nisso que se chama pomposamente a justiça da historia; mas creio no sarcasmo retrospectivo do futuro; creio no desprezo posthumo pelas torpezas que já não aproveitam; e nessa gargalhada eterna que desde o principio do mundo atravessa as idades, fustigando como um latego todas as grandezas ridiculas e grotescas.

Cahindo em si o advogado reprimiu esse rasgo, como homem que já não permittia á sua palavra austera as flôres da eloquencia :

— E eu a fallar de mim, quando é de ti e do governador que me devo occupar. Quer-te elle casado ...

— Tambem entra nisso um plano ? perguntou Rebello gracejando.

— E o mais perigoso. Moço, rico, bemquisto, brioso, ornado de prendas tão luzidas que o proprio Sebastião de Castro não as pode esconder, és um manjar de rei. Tua altivez já passa a escandalo, e faz sombra em palacio. Neste momento não tem o governador com que fascine teu coração de namorado. Suas insignias de capitão-general, não valem para ti o requebro d'olhos e o sorriso de tua dama. Mas casado e com uma fidalga de Olinda, tu mercador, e filho de mercador podes responder por tua isenção ?

— Juro-te que sim; e si me conhecesses, não o duvidarias.

— Não te conhece elle, e por isso espera que tua mulher será a chave com que os Cavalcantes te abrirão a consciencia, e se apossarão della até fazerem de ti uma creatura sua. Eis porque Sebastião de Castro se empenha por teu casamento.

— Tenho na melhor estimação o teu voto em tudo ; mas neste ponto cuido que exageras a ha-

bilidade do homem ; não o supponho capaz de tal argucia, e nisso faço menos justiça á sua virtude, do que ao seu engenho.

Estavam os dois amigos no gabinete do advogado, que seguia a pratica andando de um a outro lado. Passava elle por diante da livraria e acertou de cahir-lhe sob os olhos um volume.

— Conheces este livro ? perguntou apontando o rotulo com o index.

— O *Principe* ?

— Anda em moda compara-lo com Sebastião de Castro ; e já ouvi de alguém, que o governador não era senão o livro encadernado em pergaminho humano. Com essa maledicencia cuidam deprimi-lo, e o absolvem. Machiavel foi o politico de seu tempo, como este o é de sua escola. Observa-se em ambos a extranha fusão das maximas severas da moral com os manejos de uma astucia desabusada. Agora a dedicação ao bem publico ; logo apoz um frio egoismo. A razão disto, queres sabel-la ? E' que para elles, que tem os povos em conta de crianças, pois os conheceram assim ; o governo do estado não é outra cousa senão a arte de enganar os homens para o bem de todos.

Essa convicção robusta não deixou de abalar o mancebo, que movido em parte della e em parte da deferencia com que tratava ao amigo, disse-lhe em acto de despedir-se :

— Que me aconselhas então ?

— Nada. Segue teu caminho ; serás illudido por tua vez e aprenderás á tua custa. Aqui has de tornar cedo, porque não és dos que aprendem a grimpar, e se agacham para subir.

---

## CAPITULO IV

SYSTEMA DE NAMORO QUE A POLICIA NÃO CONSENTIRIA NOS  
TEMPOS D'AGORA.

Foi um dia de Corpo de Deus, que Vital Rebello viu a primeira vez D. Leonor, e ali ficou preso de seus encantos.

A gentil donzella, debruçada ao balcão da janella, acompanhava com os olhos a procissão que passava nesse momento ; e o mancebo parado defronte enlevou-se na contemplação de seu formoso semblante.

Quiz o acaso que um laço de fita se desprendesse do toucado da donzella, e cahisse na rua alcatifada de lambeis. Correu pressuroso o namorado mancebo a apanha-lo ; e beijando-o cortezmente com os olhos na dama, pregou-o ao peito do gibão como uma divisa.

Acompanhara Leonor com a vista ao seu tope azul até o momento de o levar aos labios o cavalheiro ; então uma onda de rubor lhe subiu ao rosto. Foi quando tornou a si desse desmaio que reparou a furto no galante cavalheiro, e não se pode esquivar de acha-lo gentil e airoso.

Mas, agastada pela vergonha que lhe causava, não repoz nelle os lindos olhos negros, ainda que não deixou de volver-lhe uma e muitas vezes a vista de relance.

Nessa hora decidiu-se o destino de Vital Rebello.

Outras donzellas tinham o Recife e Olinda e das mais formosas, que suspiravam entre as persianas do balcão, vendo passar no seu garboso ginete o prendado mancebo, e cuja mão de esposa bastaria um desejo seu para obte-la.

Mas havia elle de prender-se áquelles negros olhos, que si lhe promettiam meigos rendimentos, deviam custar-lhe lant as ancias e afflicções, como lhe estavam reservadas na triste sina de amante, que depois de esposo, tornou ao que era, porém desventurado.

Desde aquella tarde de Corpo de Deus avistou-se Vital muitas vezes com Leonor, ou no balcão da casa, ou na Sé em hora de missa, ou na rua por entre as cortinas do palanquim ; e parecia-lhe que de cada vez se apagava aquella esquivança, como

que de principio fugiam os olhos da donzella de encontrarem-se com os seus.

Uma tarde em que ficou a donzella só por um instante no balcão, Vital que andava espreitando essa occasião chegou a todo o galope do ginete, o qual ao manejo do dextro cavalheiro empinou-se quasi direito apoiando as patas na parede.

Baixos como eram naquelle tempo os andares, poudo o agil mancebo erguer-se na sella a geito de offerecer a Leonor um cravo encarnado, menos formoso todavia que os dois abertos aquelle instante nas avelludadas faces da donzella.

Não se animava a timida moça a tomar a flôr da mão do cavalheiro, e foi preciso que este lh'a deixasse na manga do vestido, que abria-se em volta do mimoso braço, como a folha á cingir o calice do lirio.

Nesse momento assomou á janella, André de Figueiredo que suspeitoso observara de dentro a ousadia do cavalheiro e a indulgencia da dama. Lançando mão á flor arremessou-a contra o rosto de Vital, enquanto com o braço esquerdo arredava a sobrinha da janella, fallando-lhe de um modo aspero :

— Recolha-se, Leonor !

Entretanto Rebello que apanhára a flor no ar, trouxe outra vez o brioso ginete contra a parede.

Então com admiravel agilidade alcançou o parapeito do balcão e saltou na janella, ao lado de Figueiredo.

Quando este apercebeu-se do lance, estava sugiado á portada pela mão robusta de Rebello, que desembainhando a adaga disse para Leonor :

— Tomai-me este cravo, senhora, e predei-o ao peito de vosso justilho, porque si o deixais cahir, á fé de Deus e da muita adoração que me mereceis, juro-vos que o plantarei no coração deste cavalheiro com a ponta de meu punhal.

Leonor espavorida obedeceu machinalmente, e Rebello deixando o capitão ainda suffocado da gargantilha viva que lhe cerrara o pescoço, saltou na sella e afastou-se a galope.

Tão rapida correu esta façanha, que já o alferes desaparecera no fim da rua, quando André de Figueiredo se debruçava na sacada furioso, com os dentes a ranger e os labios tremulos de ira.

Estava temeroso assim o capitão, que já de si era ainda mesmo em socego de aspecto duro e carancudo. Dobrando a meio sobre o parapeito a alta estatura, devorava com o fero olhar o espaço em busca de Vital.

Era Leonor, filha unica de D. Antonia de Figueiredo, a qual depois da morte de seu marido Luiz Barbalho de Vasconcellos, viera habitar nas casas do irmão André de Figueiredo, onde tambem

morava sua irmã viuva D. Lourença de Hollanda.

Foi essa familia um ramo dos Hollandas, a cujo tronco se prendia por Agostinho de Hollanda Vasconcellos, 3.º filho varão de Arnault de Hollanda, que fundou em Pernambuco essa linhagem, casando-se com D. Brites Mendes de Vasconcellos.

Pelo casamento de Christovão de Hollanda, 1.º filho varão de Arnault de Hollanda com D. Catharina de Albuquerque, filha de Felippe Cavalcante, fidalgo florentino, começou a alliança das tres casas dos Hollandas, Cavalcantes e Albuquerques, a qual d'ahi em diante se foi ainda mais estreitando com o volver dos tempos por novas uniões.

Com a morte do pai de Leonor, tomára-lhe a autoridade o capitão André de Figueiredo, como cabeça da familia; pois além de tres irmãs, ainda tinha elle dois irmãos mais moços, o tenente Antonio Tavares de Hollanda e o bacharel José Tavares de Hollanda, que já encontramos á ceia do capitão-mór.

Deixou o finado Luiz Barbalho em pobreza mulher e filho, tendo-lhe devorado o jogo tudo quanto pode apurar de seu patrimonio e da fazenda que levara-lhe a esposa, pois para acudir as perdas e dividas de honra, fez barato das suas propriedades.

O capitão-mór que porventura poderia com a au-

toridade dos annos e da chefia, pôr cobro a esse desmando, abstinha-se apesar dos rogos da sobrinha D. Antonia de Figueiredo, mãe de Leonor.

Foi sempre o jogo uma das fidalguias dos Cavalcantes ; por isso o velho peccador, que não era homem de pregar como frei Thomaz, desconversava o caso.

Sucedeu que os predios queimados por Luiz Barbalho fossem comprados, uns directamente e outros em segunda mão, por Manoel Rebello, pai de Vital e negociante de grande giro, que havendo accumulado cabedal, não perdia occasião de dar-lhe seguro e vantajoso emprego.

Outro, si elle não se propozesse, haveria os bens e por mais vil preço. Não obstante, aquella coincidência fortuita tornou-se crime aos olhos dos parentes propensos a buscar um bode espiatorio para as culpas de seu conjuncto.

Ainda Vital não era conhecido de Leonor, que já esta aprendêra da mãe a abomina-lo, como o herdeiro, no nome e no rancor, do usurario que arruinára seu pai, reduzindo á extrema pobreza sua casa. Mas estas sementes de malquerença em coração de menina são arriscadas, porque em vez dos abrolhos, acontece as mais das vezes brotarem rosas.

Já se vê que André de Figueiredo não podia vêr de boa sombra que sua sobrinha fosse requestada

por um Rebello, que além de pífio mercador, indigno de levantar os olhos para uma descendente dos Hollandas e dos Cavalcantes, era fidalgo inimigo da familia.

Não disfarçara Rebello os obstaculos com que tinha de affrontar-se o seu affecto; e todavia não se abateu o animo esforçado.

Sua condição de homem sem nascimento, elle a aceitára como uma injustiça da sociedade; e desde muito moço foi seu timbre destruir essa barreira que os prejuizos antepunham ás nobres e legitimas aspirações de sua alma.

Podia como outros comprar um habito de Christo ou algum officio dos que traziam nobreza. Mas sua fidalguia, não a queria elle mercada e sómente conquistada por seus feitos. Assim foi que adquiriu todas as prendas e gentilezas de cavalheiro, e com tal realce, que não havia nobre em Pernambuco, sinão em todo o reino, capaz de lhe disputar a primazia em qualquer exercicio de corpo ou de espirito.

Dahi provinha o seu justo orgulho de se haver feito a si proprio grande fidalgo, sem necessidade de brazão e linhagens, pelo unico estimulo de seus brios generosos. E tinha um presentimento de que sua Leonor o estimaria mais assim, filho de suas obras, do que alapardado em ridiculos pergaminhos.

Desde aquella tarde do cravo, cada vez que Rebello queria avistar-se com a dama de seus pensamentos, custava-lhe isso, como dissera o governador, um assalto d'armas ou uma batalha campal.

Tinha elle mensageiros que o traziam informado dos passos de Leonor, e o avisavam das occasiões em que a mãe lhe consentia estar á janella, ou a levava fóra, em passeio e visitas.

Então corria o mancebo a Olinda, si já ali não estava occulto em casa do alviçareiro, e acompanhado de dois acostados de sua confiança ia se ao encontro de Leonor, para corteja-la com o respeito devido a uma rainha, e significar-lhe com o gesto singelo da mão esquerda sobre o coração, que ella continuava a reinar ali como soberana.

As mais das vezes, antes de aproximar-se da donzella, tinha elle de romper atravez das espadas e adagas de André de Figueiredo e sua comitiva; outras tomava-os de surpresa, e era na retirada que se travava a peleja.

Nessa profia andavam tão tribulados amores, quando a carta régia da creação da villa no Recife levou a palacio o capitão-mór; donde resultou a intervenção de Sebastião de Castro em favor dos dois amantes.

Bem que penhorado pela acção generosa do governador, não se deixou Rebello affagar pela travessa esperança que lhe roçava o coração com as

zas verdes. Sabia elle de que tempera era a soberba dos Cavalcantes, como o odio de André de Figueiredo : não bastava para dobrar esse aço o favor de algumas palavras, embóra de pessoa de tamanha valia.

Tres dias depois, sobre tarde, Vital Rebello, encaminhou-se a cavallo para Olinda, ansioso por vêr Leonor, em cujos formosos olhos se não tinha mirado desde muitos dias.

Passou a ponte do Varadouro, subiu a ladeira e entrou na rua de S. Bento. Estava a donzella á sacada, e debruçou-se ao avistar o galante cavalleiro, pendendo-lhe da mão mimosa uma candida e formosissima teia de Cambray, cercada de rendas de Flandres.

Quando passava o mancebo por baixo da janella, soltou-se o lenço que Vital Rebello recebeu na palma, beijando-o uma e muitas vezes, sobre tudo nos emblemas que trazia bordados a fio de seda pelas mãos de Leonor ; e eram um cravo encarnado ao qual servia de vaso um coração.

Tornando á casa, ainda enlevado, agradecia o alferes á Sebastião de Castro sua ventura ; pois aquella prenda, trabalhada por Leonor nas horas de saudade, não teria ella nem animo nem liberdade de offerecer-lh'a, si não houveram cessado a severidade e vigilancia de que a cercavam.

De feito o que Vital não ousara esperar, veiu a

realisar-se, ainda que não sem muita reluctancia e acerbas contestações.

Relatara o capitão-mór aos principaes da familia quanto passara em palacio ; e para todos ficou evidente que o governador querendo proteger Vital Rebello, por quaesquer motivos, fazia do casamento deste com Leonor, a condição do prometido favor de protelar a creação da villa do Recife, e frustra-la sendo possivel.

Sebastião de Castro tinha para si que nada promettera, e ficara senhor de proceder como julgasse mais acertado de futuro, em face das circumstancias. Era essa uma das subtilezas do fidalgo ; persuadir aos outros de empenhos, que além de não tomar, elle costumava resalvar por umas palavras ou reservas mentaes a que se não dava attenção.

Largamente se discursou no sofá acerca do que havia a fazer em tal emergencia. Logo em principio preponderou o alvitre de repellir sem mais exame a possibilidade de uma alliança degradante para a nobreza e em particular para os Cavalcantes ; e ás razões dos mais politicos sobre a necessidade de derogar um tanto no lustre da nobreza pernambucana para salvar-lhe a summa que eram as regalias e privilegios, retrucavam que sinão havia mister de tal sacrificio, quando podiam fazer que o senado de Olinda embargasse o execução da carta regia obtida ob e subrepticamente.

Destes ultimos eram os mais assomados como de razão, André de Figueiredo que ás publicas estimações junctava as particulares das affrontas recebidas e tambem o ouvidor Arouche. No outro partido estava o sargento-mór, Christovão de Hollanda, que era de natural brando e conciliador.

Acodiou então Filippe Uchôa com o seu pêco de reduzir differenças e suggeriu o alvitre de se não embaraçar pelo em quanto o casamento, sem todavia aceita-lo definitivamente, e assim ganhando-se tempo, o que era de toda importancia para o caso, differia-se a difficuldade que mais tarde se resolveria como pedissem as circumstancias.

Era o bacharel camarada de Vital Rebello, ou inculcava-se tal; mas esse favor de Sebastião de Castro pelo alferes estava-lhe fazendo coegas á vaidade; pelo que machinava cinzar ao governador o qual nessa busca da politica era homem para dar-lhe sota e az.

Tão varios e encontrados pareceres, ouvia-os João Cavalcante com semblante de juiz que pesa o pró e o contra. As vezes, embóra raras, cobrava esse animo alquebrado o vigor primitivo, e mostrava a effigie do galhardo e leal cavalheiro que fôra.

Tomou elle a palavra com autoridade, e todos o escutavam reverentes.

— Si nesse casamento está o penhor de nossa victoria e portanto da conservação de Olinda e de

sua nobreza, que muito é tão pequeno revez em comparação da desaffronta de nossos bríos enxovalhados pela mascateria do Recife? E uma vez que havemos de passar por essa prova, cumpre soffre-la com animo de cavalheiros, sem despeitos nem subterfugios.

Neste ponto Filippe Uchôa corando ao de leve, enfrestou o olhar por cima dos oculos para examinar o effeito que produzira no semblante dos outros a indirecta do tio.

— Esse Rebello, continuou o capitão-mór, não é nobre; mas tambem por seus cabedaes e trato de vida já si não póde dizer um peão. E os descendentes dos Cavalcantes, Coelhos, Albuquerque e Hollandas, temos fidalguia de mais, que sobra sem duvida para repartir com os maridos de nossas filhas e sobrinhas.

Ficou pois decidido que se deixaria o campo livre ao mancebo para cortejar a donzella, com o que elle infallivelmente se affoutaria a pedir-lhe a mão, soffrego da honra insigne dessa alliança, ainda mais do que dos arrebatamentos da paixão.

Não se atreveu André de Figueiredo á oppôr-se de frente ao capitão-mór. Arrancou desabridamente, como quem se não podia conter, e entrando por casa foi-se a irmã:

— Querem casar Leonor com o filho do judeu que desgraçou-lhe o pai. Com o meu voto, nunca

o fareis. E tambem vos digo que, eu vivo, aquelle villão não passará a soleira desta casa. Nem jámais terei por meu sobrinho e vosso filho, o perro que eu jurei de coser com esta adaga.

Parece que D. Antonia contou ao tio as ameaças do irmão, pois nessa mesma tarde, antes de montar a cavallo, buscou o capitão-mór a André de Figueiredo.

—Sabereis meu sobrinho e senhor capitão André de Figueiredo que me veiu ao conhecimento vossa intenção de desafiar-vos com Vital Rebello; e então occorreu-me dizer-vos que d'ora avante, visto ser por minha vontade que o rapaz corteja Leonor, não é com elle, mas comigo, que vos tereis de haver, do que vos dou aqui por sciente.

Estas palavras, as proferira o velho desempenando o grande talhe com o garbo marcial de outros tempos; e rematou-as batendo com a palma da mão direita nos copos da espada suspensa ao quadril. Depois cortejou, tocando com donaire na aba do chapéu :

— Ao seu dispor, senhor capitão.

André de Figueiredo de cabeça baixa não abriu boca, temendo ao descerrar os labios, que lhe rompessem, não palavras, mas todas as pragas do inferno que lhe ferviam no coração. Quando se foi o tio, rugiu de cholera, arrancando um punhado de barbas.

Desde esse dia sumiu-se de casa. Soube-se depois que partira para seu engenho do Cayrá, onde conservou-se por muito tempo fermentando sua ira.

Taes eram as occurrencias que nos dias anteriores haviam conduzido os amores de Vital a feliz conjuncção em que elle os achara na sua ida a Olinda, e em que permaneceram até o dia dos desposorios.

---

## CAPITULO V

UM ECLYPSE DA LUA DE MEL, COM QUE NÃO CONTAVA O GOVERNADOR, O QUAL SE PRESUMIA DE SABER DE TUDO, ATÉ DE ASTROLOGIA.

Marcou-se para as bodas o dia 1º de Setembro de 1709 que veio á cahir em domingo.

Fôra preciso á Vital a muita paciencia que elle tirava de seu grande amor para suportar até aquelle dia as impertinencias e arrogancias da familia Hollanda. Começara pelo sim que só lhe deram depois de mil negaças, havendo o cuidado de encarecer-lhe sobre medida a honra que recebia com essa alliança, á qual se tinham movido por commiseracão ás supplicas de Leonor.

Dissimulando a revolta de seus brios, soube Rebello todavia sem quebra da cortezia, rebater-lhes a arrogancia.

— Podeis guardar esta certeza, senhores. Tão precioso thesouro é para mim a mão de D. Leonor, que a nobreza de Pernambuco não tem cousa que o valha, nem eu o trocaria por todas as fidalguias do mundo. Por isso não canso de agradecer a Deus, Nosso Senhor, a ventura de m'a ter concedido.

No dia marcado, e a noite como era então o costume, celebraram-se as bodas nas casas de João Cavalcante, com a pompa e luzimento adequadas á fidalguia da noiva e riqueza do noivo.

Leonor estava deslumbrante sob os candidos véos que lhe nublavam de tenue sombra diaphana a imagem formosa, tocadas pelas vivas tintas do rubor, e lhe perfumavam a lindeza de uma graça angelica.

O nosso amigo Lisardo de Albertim no epitalamio que teve de recitar á mesa do banquete, na sua qualidade de poeta familiar da casa, comparou a gentil noiva com a Aurora, a deusa da luz, descendo dos céos, aljofrada de orvalhos, para abrir com os classicos dedos de rosa as portas do oriente:

Envolta nos puros véos,  
Qual Aurora prazenteira  
Que meiga desce dos céos  
Ao raiar da luz primeira,

De per'las vestindo o manto luzente  
 Para abrir as do Oriente  
 Rijas portas de rubim ;  
 Ella, a dryade formosa destes prados,  
 Com seus dedos de rosa e de jasmim  
 Abre os porticos dourados  
 Do templo do hymeneu.

Era feliz o Albertim nas suas comparações. Ali, no meio da sala, se repimpara D. Severa, a *nympha olindense*, que esticada por um vestido verde-gaio a ponto de verter sangue da cara, estava retratando o madrigal do poeta, como a viva imagem de uma roseira de Alexandria.

Desde o principio da noite que se poderia observar na sala entre os parentes da noiva um continuo apuridar-se que não era consoante em companhia de amigos e para fim tão prazenteiro como aquella.

Não deixou Vital Rebello de fazer esse reparo, assim como de notar que o centro daquella trama de cochichos que se estava urdindo, ali era o bacharel Filippe Uchôa, pessoa a quem apezar de camarada elle já não via com boa sombra, pela indisivel repugnancia que lhe causavam aquelles ademanes refohados.

Reclamado pela cerimonia religiosa, que ia fixar a sua sorte e prende-lo por laços indissoluveis,

não prestou mais attenção aquelles manejos, sinão á hora do banquete em que elles se tornaram mais inquietos, por ventura com a approximação do momento esperado.

Sentiu o mancebo um vago e indisivel receio travar-lhe do coração, que nesse instante se engholphava na ventura de achar-se unido para todo o sempre á sua Leonor. Era como o pressentimento de uma nuvem que pudesse toldar de repente o céo limpido dessa felicidade tão anciada.

O capitão-mór João Cavalcante depois de ter rendido o preito que um bom fidalgo devia a tão sumptuoso banquete, levantou aos noivos o brinde de honra fazendo voto para que lograssem unidos muitos e longos annos de felicidade ; no que foi acompanhado por todos os convivas, mas sem effusão.

Preenchido esse acto do ceremonial que lhe competia de juro como o chefe da linhagem, eclipsoou-se o capitão-mór da casa do banquete e recolheu-se aos seus aposentos de dormir, pois era chegada a sua hora habitual.

Era então costume, que se acabou com a recente invasão das modas francezas, continuar a festa das bodas até ao romper da alvorada.

No maior calor do baile e das folganças, os noivos illudindo a vigilancia e dichos dos convivas mali-

ciosos buscavam esgueirar-se furtivamente, azo que nem sempre se lhes deparava.

Não soffria a gravidade dos Cavalcantes esses remoques ou não o tinham por conveniente naquella occasião. Assim que pouco tempo não era passado desde a sahida do capitão-mór, quando o tenente-coronel Antonio Tavares tomando a direcção da festa, fallou alto do meio da casa:

— E' hora, senhores, de acompanharmos os noivos.

Chegou-se Vital Rebello, que viu a todos os convivas em alas, á espera que fosse elle dar o braço a Leonor, para tomar a frente do prestito.

— Não vejo á porta o palanquim de D. Leonor, nem os nossos cavallos.

Os parentes a essa observação entrolharam-se um tanto confusos, e Felipe Uchôa desdobrando pichosamente o seu fino lenço de baptista, passou a limpar o vidro dos oculos, com o apuro que elle punha em todas as minudencias.

Afinal como Vital se não movia á espera da resposta, decidiu-se Antonio Tavares a fallar :

— E para que palanquins e cavalgadasuras ?

— Pois não vêdes que a minha senhora D. Leonor e estas damas não podem ir a pé até o Recife ? tornou o mancebo sorpreso.

— Mas si não vamos ao Recife ! acudiu o Tavares com despacho.

— Não vamos ao Recife?... E por ventura não é ahí que moro eu, senhores, e que tenho casa preparada para receber-nos? exclamou Vital que sentia approximar-se a tormenta.

Nesse momento adiantou-se o licenciado José Tavares, que era o lampião da irmandade e tomou a palavra. O Philippe Uchôa deixou-se ficar na penumbra, pondo os oculos para apreciar o modo porque o primo ia desempenhar o seu papel.

— Assentamos, a senhora D. Antonia de Figueiredo Barballho, e seus irmãos, em que sua filha e nossa, pois como tios lhe fazemos as vezes de pai, ficasse estes primeiros tempos aposentada em nossa companhia, e nesta conformidade mandamos preparar na casa vizinha os alojamentos precisos, que estão promptos para recebe-la e a seu noivo.

— Ah! E a quem devo tão fina lembrança? Quero apostar que ao nosso amigo, o senhor bacharel Philippe Uchôa?

Proferindo estas palavras com um sorriso de ironia, Vital procurou com o olhar ao bacharel, o qual estava então muito entretido em provar a D. Severa que os encantos nella augmentavam com os annos, e que em vez de invernos a nympha podia affoitamente contar cincoenta primaveras.

Não se enganara Rebello. Fôra com effeito Philippe Uchôa quem urdira essa conSPIRAÇÃO nupcial, com aquella destreza que Sebastião de Castro tanto

prezara outrora, quando não havia ainda bem experimentado a do Barbosa de Lima.

Obrigados da necessidade e respeito ao capitão-mór, a consentir no casamento de Leonor com o filho do mascate, a mãe e tios da moça não podiam esconder o seu descontentamento. Deste se aproveitou o bacharel para tecer o seu plano cuja summa o José Tavares acabava de annunciar.

Fazendo que Vital Rebello, rendido aos encantos da noiva, se deixasse ficar na companhia da sogra, sequestrava-se o novo parente á ralé donde infelizmente procedia, e contava-se com a seducção de Leonor e os conselhos dos tios para essa regeneração, que se podia consummar com a mercê régia de algum habito de Christo.

Desta sorte transformado o mascate do Recife em nobre de Olinda, não sómente se apagava a mancha nos brasões da familia, mas ainda por cima se ganhava um partidista de grande valia, por seus dotes pessoaes, como por seus haveres; e assim pelejariam o inimigo com esse forte reducto, que elle não soubera defender.

A urdidura deste stratagem e o seu discurso, foram como dissemos de Felipe Uchôa, que excedeu-se em pô-lo por obra, encarecendo-lhe as vantagens e ensaiando os varios papeis. Mas a inspiração ou traça primeira parece ter sahido do paço de S. Antonio.

Entre as boas manhas, de que era tão prendado Sebastião de Castro, uma em que muito se apurou, foi a de insinuar no animo de outrem uma idéa, mas de forma e com tal subtileza, que nem elle a exprimia, nem o seu interlocutor poderia asseverar que a ouvira.

Tinha elle diversos methodos para esta sorte, sendo mais frequente o de por exclusão de partes suggerir no animo alheio, por modo que parecia espontaneo, aquillo que tinha em mente, e que não lhe convinha communicar por palavras, sempre ariscadas.

Assim querendo nomear certo sujeito para algum officio, si lhe não fazia conta mostrar sua predilecção, entrava a achar pecha em todas os indicados, dando uns signaes de quem serviria ao caso, até que o ajudante Negreiros soletrava-lhe o nome do tal, e elle o acolhia como uma surpresa.

A verdade é que foi na volta do palacio, uma noite, que Filippe Uchôa concebeu o seu engenhoso plano.

Apezar da raiva que tinham a Sebastião de Castro e da linguagem solta que usavam a seu respeito, não deixavam os principaes de Olinda de comparecer uma vez por semana no Palacio das Duas Torres, para cumprimentar o governador, pelo qual eram acolhidos com as mostras do mais especial agrado.

Como bom politico, pensava o fidalgo que a não do estado devia por sua grande monta andar sempre á *duas amarras*. Com esta maxima significava que se devem distribuir os favores entre os partidos, de modo que tocando a um as mercês, ao outro fiquem os affagos.

Por isso era o governador o primeiro antagonista dos mascates, de quem se rodeava, assim como o primeiro apologista dos nobres, que não perdiam occasião de feri-lo.

Estando pois em palacio os principaes de Olinda, acertou-se de fallar do ajustado enlace de D. Leonor Barbalho com Vital Rabello; e tomando o governador interesse na pratica, allongou-se esta pela noite adiante.

Haverá quem repare em occupar-se longamente do casamento de uma moça, um governador, cujo pensamento deve de estar sempre preocupado de negocios de summa gravidade. Mas além de contar-se o talento das minudencias entre os ápices regios, attenda-se a que naquelles tempos idos a arte da governança ainda se praticava por esse teor da politica de aldeia.

De mais tenho para mim que no alfarrabio donde se vai extrahindo esta chronica anda mettida muita alegoria, com que o letrado Carlos de Eneia, seu apocripho autor, quiz significar certos enredos de governo por contos de amor, figu-

rando talvez interessado na sorte das damas, quem somente se movia pela vaidade das honras e ambição do mando.

D'envolta com boa cópia de banalidades, deixou Sebastião de Castro escapar a supposição, de que Vital alliando-se á familia Hollanda, seria attrahido insensivelmente para o partido dos nobres, com o que estes muito ganhavam.

Esta semente lançada em tão boa terra, e com o amanho de Felippe Uchôa, por força que havia de dar fructo. E a prova ahí estava no plano tão bem tecido para reter em Olinda o noivo de Leonor.

Comprehendeu Vital de prompto o designio dos novos parentes e a desvantagem de sua posição. Como ultima concessão ao orgulho dos nobres e tambem para não expôr ao desdem e motejo seus amigos mercadores, não os convidara o noivo á suas bodas, e se acompanhara nellas unicamente de um amigo o capitão Euzebio Monteiro, que estava a seu lado.

Não se deteve porém o brioso mancebo, e erguendo a fronte com serena altivez, atirou aos nobres estas palavras.

— Pois, senhores, com bastante magoa vos digo eu que de D. Leonor Barbalho, emquanto donzella, podiam sua mãe e seus tios dispôr a bel-prazer; de D. Leonor Rebello, minha esposa e senhora, não dispõe ninguem mais sinão ella, e por

que dando-me sua mão, aceitou-se por minha companheira e dona de quanto me pertence, é de razão que a conduza a sua casa.

Voltando-se então para o amigo.

— Capitão Euzebio Monteiro, mandai vir o palanquim de D. Leonor e os cavallos que meus criados devem ter a mão aqui perto.

Em quanto sabia o capitão a satisfazer o pedido, Leonor approximou-se tímida e vergonhosa de seu noivo para supplicar-lhe que fizesse a vontade a mãe.

Pelos olhares que trocava a donzella com D. Lourença, emquanto balbuciava palavras tremulas, se estava conhecendo que ella desempenhava uma parte que lhe fôra destinada naquelle drama de familia.

Ao ver com que respeito Vital escutava Leonor e o mimo de suas maneiras buscando dissuadi-la da idéa de condescender com a vontade da mãe; os parentes tinham por certa a victoria. Cuidavam elles que as delicias de uma noite de noivado, não havia tenção que lhe resistisse.

Da porta Euzebio Monteiro fez signal ao amigo, que sua ordem estava cumprida.

— Vamos, D. Leonor! disse Vital offerecendo a mão á sua noiva,

Ainda chegou a donzella a roçar os dedos afilados na palma do cavalheiro; mas retrahiu-se logo

sob o olhar de sua mãe, e um movimento da tia D. Lourença, que lhe puchara pela manga.

Voltou-se o mancebo, sentindo que a donzella retrahia-se :

— Então, senhora?

— Não posso! balbuciou Leonor.

— Não podeis acompanhar-me á vossa casa do Recife? insistiu Vital empallidecendo.

Poz o mancebo os olhos cheios d'alma em sua amada e disse-lhe com a voz repassada de tristeza :

— D. Leonor, acabaste de jurar a Deos neste mesmo momento de me acompanhar por toda a vida, como eu a vós, e sermos eternamente um do outro; ainda se não apagou o echo destas palavras, e já em vossa alma se apagou a lembrança dellas, que recusaes seguir o esposo, e entrar em vossa casa, para ficar na alheia?

— Nunca lhe será alheia a casa em que nasceu; acudiu D. Antonia de Figueiredo.

— Sabe Deus, senhora, continuou Vital dirigindo-se á noiva, quanto me mereceis; sabe o quanto fiz para obter vossa mão e o muito mais que faria. Tudo pareceu-me pouco, e ainda me parece neste momentó. Só uma cousa vos não dei nem a posso dar, que sem ella não seria digno de vosso amor. Mas essa que é a honra, ninguem a deve mais resguardar do que a esposa por quem sobre todos e sobre mim, a prezo e estimo.

— Pretende o senhor Rebello que lhe é deshonra nossa companhia ! observou Philippe Uchôa.

— Deshonra seria renegar dos meus e bandejar-me a outros ; tornou o mancebo indifferente á ironia. Não posso ficar em Olinda, D. Leonor, sem quebra de meu nome, que por não ser de nobre, não o é menos para mim, pois vos pertence. Deixar-me-heis partir só, e vos negareis desta sorte aquelle a quem Deus vos destinou e vós mesma vos concedestes ?

Decorreu um instante no mais profundo silencio. Com os olhos fitos em sua noiva, Vital esperava uma palavra, um gesto de aquiescencia.

— Adeus, senhora ! disse afinal com uma voz em que se lhe partia a alma.

E caminhou para a porta.

Este desfecho não o esperavam os parentes, que tomados de surpresa, se foram ao primeiro assomo do despeito. Antonio Tavares, primeiro, e os outros apoz, arrancaram das espadas com brados de sanha.

— Daqui não sahireis !

Lançou-lhes Vital um olhar de frio desprezo.

Se eu não estivesse em casa de fidalgos, cuidara ter cahido em uma emboscada. Quereis forrar-me ao desgosto de deixar-vos ? Tendes um meio certo, que é tirar-me este resto de vida ; com o que me fareis grande amizade, propria de parentes que sois.

Com estas palavras amargas, cruzava os braços o mancebo affrontando sereno as ameaças dos nobres, que já cobrados do primeiro arranco, se retrahiam confusos e desconfiados.

A agitação que houvera na sala não deixou ver o arrebatamento de Leonor, a qual no momento de sacarem seus tios das espadas, se arremessou para defender com o corpo o peito do marido. D. Antonia e D. Lourença que lhe estavam ao lado reprimiram este generoso movimento.

Como se tivessem de todo reportado os nobres, deixando-lhe franco o passo, atravessou Vital vagorosamente a sala, e voltou-se do limiar da porta para dizer ainda uma vez.

— Adeus, senhora !

Leonor desmaiara ; mas não o viu o marido, que já tinha desaparecido no corredor da sahida.

---

## VI

NO QUAL SEBASTIÃO DE CASTRO PÕE OS PONTOS NOS IS, E DÁ  
UMA LIÇÃO MESTRA NO ALFERES VITAL REBELLO

Nos dias, que seguiram-se á noite das bodas, a vida de Vital Rebello não foi sinão a longa e asiaga modorra, em que apagou-se o sonho ineffavel de sua ventura.

Todavia um só instante não se arrependeu do que havia feito. Tinha elle uma alma dessas para quem a virtude não é a cousa banal que o mundo chama dever; mas um supremo enlevo da consciencia, que sente-se divinal quando triumphada das proprias paixões.

Para os homens deste temperamento a honra não consiste em vanglorias, que insufla a vaidade; e sim no intimo contentamento de si mesmo, que é a seiva robusta de que se nutre sua existencia.

Resolvendo ficar em Olinda, Vital não teria rompido o fio dourado de sua felicidade e estaria aquella hora gozando as primicias do amor terno e mavioso de sua Leonor. Mas no estado das cousas, aquelle passo o rebaixara em sua propria consciencia ; e desde então, sob a vergonha dessa humilhação, já sua ventura não teria a pureza immaculada que o enchia de jubilo ; as caricias de sua noiva perderiam o sabor celeste com o travo deste pensamento, que elle as comprara por uma villezza.

Perdera tudo quanto podia embellezar-lhe a existencia, mas salvara-se a si, e podia-se dizer o homem que fora, e não um desses espolios d'alma que abandonados de sua propria individualidade, andam no mundo como vasilhas humanas, onde se despejam e fermentam as paixões alheias.

Nos primeiros tempos o tédio que tomara ao mundo, tornando-lhe grata a solidão, o levava pelos sitios escusos, onde parecia-lhe que o entendiam os rumores do bosque susurrante.

Por vezes na volta destes passeios encontrava-se com a cavalgada de Sebastião de Castro, que vinha tambem da sua costumada excursão. Respondia o governador com muita urbanidade á cortezia do mancebo ; e correspondia-lhe de um modo tão affectuoso, que mettia inveja aos da comitiva.

Estas repetidas mostras de apreço, significativo

á ponto de traduzir-se nos apertos de mão e zumbaias da gente de palacio; despertaram no espirito aborrido de Vital Rebello uma idéa que, repellida a primeira e outras vezes, tornava sempre com insistencia.

Fora o governador quem arranjava seu casamento pela recommendação que fizera ao capitão-mór João Cavalcante; e pois bem podia elle que vencêra a maior difficuldade cortar agora a minima exigencia que sem proposito faziam os tios de  
nor.

Logo porém arredou este pensamento, pela aversão que sempre tivera de solicitar favores. Mas tratava-se de sua felicidade, por ventura de sua vida: quando o governador lhe dava tantas provas de apreço, parecia-lhe demasiada sobrançeria, si não desatino, desprezar os bons officios que já uma vez tanto haviam aproveitado.

No meio desta perplexidade resolveu consultar Carlos de Enéia contando que o amigo o dissuadiria da idéa. O contrario aconteceu.

— Não só procedes com acerto fallando a Sebastião de Castro, como no teu caso é o que de melhor podes fazer: respondeu o letrado.

— Pensas então que obterei por seu intermedio chamar á razão os tios de Leonor.

— Alguma cousa com certeza obterás deste passo; disse Carlos de Enéia com um leve sorriso

de ironia, que apagou-se logo na habitual expressão do semblante melancolico.

No seguinte dia foi Vital Rebello á palacio.

Sebastião de Castro o recebeu affectuoso, e indagando com vivo interesse dos pormenores da scena, que passara na noite das bodas, poz o mancebo a caminho do pedido que lhe vinha fazer.

— Fiado na muita bondade de Vossa Senhoria que já uma vez foi servido interessar-se por minha sorte, venho rogar-lhe a continuação do favor, que espontaneamente já mereci, na esperança de que tão valiosa intervenção porá um termo a birra malfadada dos parentes de D. Leonor,

O prasenteiro semblante do governador fechava-se ouvindo o mancebo :

— E porque recusa o senhor obstinadamente morar em Olinda, na companhia de sua mulher ? Não lhe acho razão ; nem admira que os Cavalcantes se mostrem offendidos com o seu procedimento.

— Sabe Vossa Senhoria quem eu sou ! respondeu Vital com altivez ; e comprehende que os meus brios não me permitem ficar em Olinda. E' ponto de honra ; e não acinte.

Tinham certas palavras a propriedade de arranhar o ouvido fidalgo de Sebastião de Castro ; essa de *brios* era uma das taes.

Pelas collisões frequentes em que o collocava o

seu systema de governo, e pelo habito de transigir com as difficuldades em vez de as remover; adquirira elle a admiravel malleabilidade com que sabia ageitar-se a todas as circumstancias.

Dahi provinha que as melhores temperas d'alma, como o sejam a firmeza, a coherencia, a perseverança, eram cruezas de que se julgava elle isento e que taxava nos outros, como graves defeitos que os tornava inhabeis para os cargos da republica.

Tomara a sua physionomia um gesto desdenhoso ao ouvir as ultimas palavras do mancebo, a quem redarguiu nestes termos:

— O senhor ainda está muito moço. Com os annos hão de passar esses verdores do animo exaltado; e eutão aprenderá por experiencia que se não sacrificam cousas de mór ponderação á melindres e enfados do animo por de mais susceptivel.

— A idade ha de quebrar-me as forças do corpo e do espirito que tal é nossa humana condição; mas esta isenção que vossa senhoria apellida melindres, nasci com ella e com ella morrerei.

— Quer um conselho de amigo? tornou Sebastião de Castro com um modo insinuante. Faça a vontade a sua sogra; vá para a companhia de seus parentes: e fio-lhe eu que se não arrependerá.

— Esse alvitre é impossivel; e por estar disso

bem convencido foi que resolvi buscar a intervenção de vossa senhoria.

Fechou-se então de todo o fidalgo :

— Como governador desta capitania, encarregado de prover as necessidades da republica, vedame o meu regimento intrometter-me no sagrado da familia : retrucou Sebastião de Castro.

— Neste caso não devia o senhor governador ter trazido as cousas ao ponto a que chegaram.

— Naquella occasião o vosso casamento resolvia graves difficuldades, e acabava com uma rixa, que, turbados como andavam os animos, podia ser o facho da guerra civil ; estava pois na minha alçada, pois que d'ahi dependia a paz da capitania. Agora não é assim ; realisou-se a alliança ; e só do senhor depende mante-la.

— Todavia esta semana passada certo rapaz que desinquietara uma rapariga lá para Santo Amaro, foi obrigado a casar por ordem de vossa senhoria.

— Não ha tal. Seria por ordem do meu ajudante, e sem conhecimento meu.

Tinha Sebastião de Castro esta balda, de lançar á contã dos subalternos a culpa dos actos que praticava, quando sobre elles cahia a censura. Por este modo arranjava para si o commodo rojão do rei constitucional, *que não pode errar* ; mas pouco lhe valeu isso contra os ataques dos Olindenses, e mais tarde contra o acincalhe dos mascates.

Apezar do que dizia o discreto secretario Barbosa Lima, e do que trovejava o farfalhudo ajudante Negreiros ; era corrente que não se movia uma palha na governação da capitania sem licença de Sebastião de Castro, o qual entendia com tudo, até com a razão da tropa, e o beabá dos meninos na escola.

De volta de palacio, passou Vital por casa de Carlos de Enéia, para contar-lhe o mallogro, que elle em grande parte imputava ao amigo por have-lo animado a esse passo, longe de o dissuadir.

— Disso que succede agora, te preveni ha tempos ; mas não me quizeste crêr.

— Entretanto ainda hontem me promettias que alguma cousa eu obteria de ir ao governador ; replicou Vital sorpreso.

— E avalias em pouco a lição que recebeste ? Depois do que ouviste em palacio, já não duvidarás que Sebastião de Castro quando arranjou o teu casamento com Leonor, só teve em mira quebrar-te o orgulho, amarrando-te ao cepo de humilhação que te preparavam os parentes de tua mulher: porque tem como certo, que essa conspiração de alcova é obra insigne do nosso homem.

— Presumes isso ? exclamou Vital tomado de igual suspeita.

— *Ex ungula leonem* ; pela trama conheço a aranha que teceu a rede. Elle deu o fio, e

o teu bom amigo, o urdiu com a sua consumada pericia.

— Desse tenho certeza, ainda que não posso atinar com o interesse que podesse ter elle em magoar-me.

— O de agradar ao governador, ao passo que te privava de um bem de que elle não podia gozar : queres incentivo maior do que esse da ambição abraçada com a inveja.

Vital calou-se, tomado do tédio que lhe inspiravam estes manejos, e Carlos de Enéia continuou :

— Si aceitasses com a precisa coragem a prova a que Sebastião de Castro submetteu a tua docilidade, ficava teu amigo ; e não tardaria muito que atirasse fóra o ajudante, como um sapato acalcanhado para calçar-te ao pé. Como porém te mostraste exaltado, intolerante, sem traquejo e até malcriado ; podes contar que d'ora avante estás no index expurgatorio.

Desde então Vital Rebello não contou, sinão comsigo ; e buscou modo de fallar a Leonor para concertar nos meios de tira-la da casa de André de Figueiredo, onde se achava guardada com a maior vigilancia.

Ao recordar os acontecimentos da noite fatal de suas bodas, doía ao mancebo no fundo d'alma, a fraqueza com que se houvera Leonor. Suppunha-

se querido com mais ardente affecto, desse que faz as heroínas do amor. Esperava porém que a donzella livre da sugeição em que a trazia a mãe, havia de ser a esposa carinhosa e terna que elle sonhara.

Uma tarde Leonor, aproveitando um instante de liberdade, sahio á cerca, e estava a scismar á sombra do arvoredó, quando appareceu-lhe de repente Vital Rebello, que ajoelhou á seus pés.

Como si ante ella houvera surgido um espectro, a misera donzella espavorida e fóra de si deitou a correr para a casa, sem dar tempo a que lhe dissesse o marido uma palavra.

O abalo que sentiu Vital escureceu-lhe a vista; arrimou-se elle ao tronco de uma arvore e permaneceu immovel o espaço de muitas horas, á vêr si vinha alguém que o acabasse ali onde se acabara a sua esperança.

Quando d'ahi tornou, era no seu pensar um viuvo: e desde esse dia trouxe luto por seu amor, que se finara.

Ignorava que André de Figueiredo, já de volta a Olinda, protestara a Leonor mata-lo a elle Vital Rebello, á sua vista, si ella tivesse a infelicidade de dirigir-lhe uma palavra ou consentir que elle se lhe approximasse.

Esta ameaça, que não lhe sahia da mente, obrigara-a a repellir com horror o unico bem que lhe

haviam deixado, a doce esperança de rever o marido. Assim que no momento de avista-lo depois de tão longa ausencia, o que a dominou foi a idéa atroz de que succumbisse aos golpes traiçoeiros.

Correram os mezes e completou-se um anno depois do casamento de Vital Rebello ; durante esse periodo em vez de se disporem as causas para uma solução favoravel, ao contrario mais se baralhavam com as complicações politicas, e as animosidades entre os nobres e os mascates.

Não era Rebello e nunca fôra dos empenhados na luta, porque cedo aprendera a desgostar-se dos partidos, que são um amalgame de toda a casta de gente e de paixão. Mas não obstante carregava para os nobres com a culpa dos mercadores, a quem não quizera renegar.

Por esse tempo foi que veio á noticia do mancebo um aviso de terem os Hollandas mandado a Roma impetrar do Papa um breve de annullação do seu casamento.

O pensamento cruel de que Leonor livre podia pertencer a outro venceu o ressentimento de Vital. Voltou a Olinda, onde não fôra desde oito mezes e achou nos grandes olhos castanhos de Leonor, a mesma ternura de outr'ora, ainda que tocada de uma sombra merencoria das saudades tão longamente cortidas.

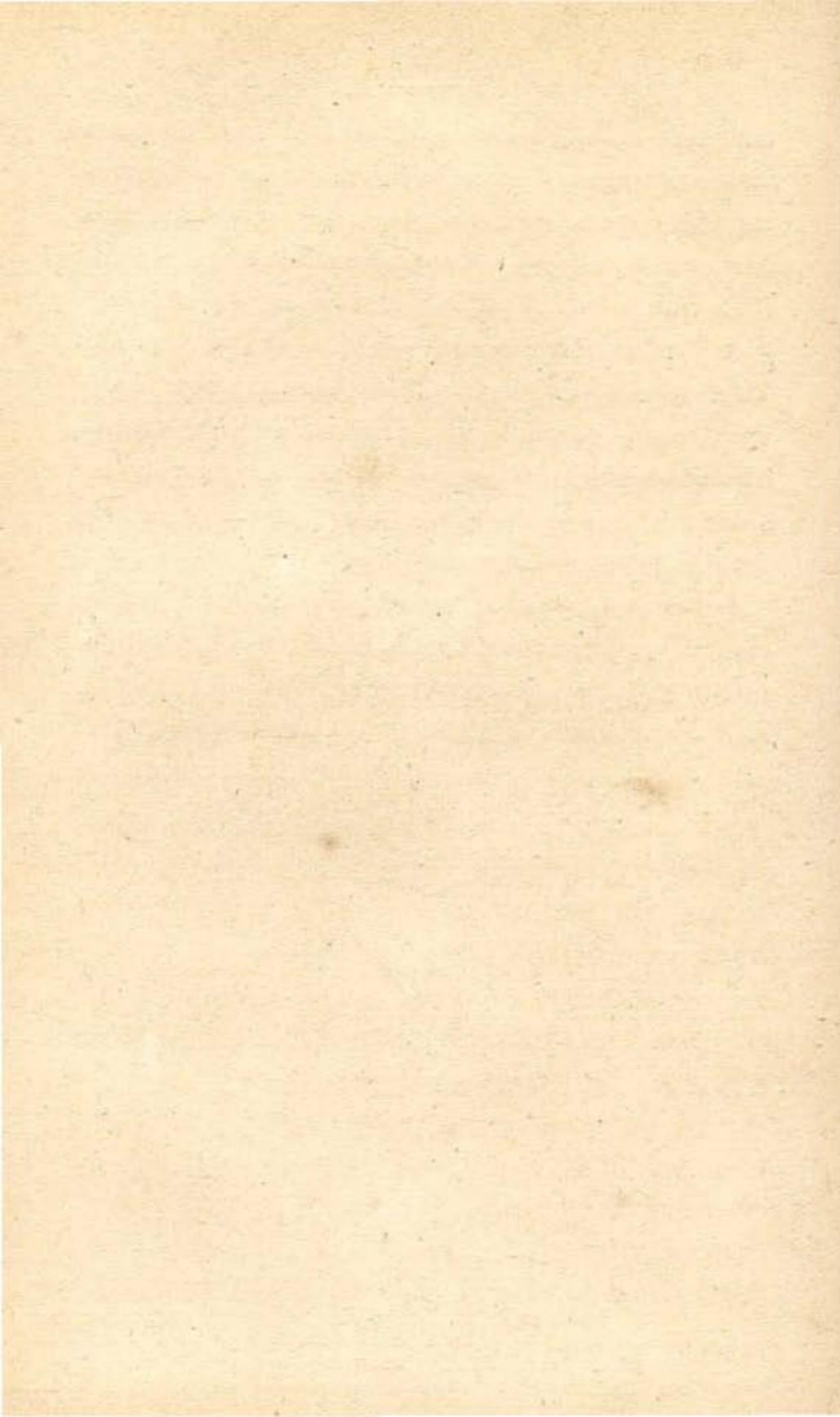
Tornou uma e mais vezes ; e si nem sempre era

tão feliz que encontrasse Leonor á janella, ou a visse de longe na cerca, com uma troca de signaes rapidos e quasi imperceptiveis chegaram os dois namorados esposos a combinar a entrega do bilhete que me Vital pedia a entrevista.

André de Figueiredo soubera das vindas de Vital Rebello a Olinda; mas o capitão-mór João Cavalcante apesar do que havia occorrido, prohibira que se tirassem razões com o marido de sua sobrinha, que seu sobrinho era, salvo si elle formalmente as provocasse.

Por isso o capitão, roendo o freio com impaciencia, redobrava de vigilancia á espreita do momento da desforra e da vingança.

---



## CAPITULO VII

D. SEVERA ACOMPANHADA DE SEU PAGEM PROPÕE-SE PELA PRIMEIRA VEZ A REPARAR UM TORTO DONDE IA SAHINDO UMA TORTA.

E' tempo de voltarmos á entrevista em que deixámos Vital Rebello, na casa do trem.

O riso escarninho e a voz que o ameaçara, bem os reconheceu o alferes, e comprehendendo o passo arriscado em que se achava, cuidou em defender a vida, ou vende-la caro aos inimigos.

Houve um momento de silencio tão profundo como era a treva que enchia o vasto armazem ; mas com pouco rangeram os gonzos de uma porta, e appareceram dois escravos com tocheiros accesos.

O seu baço clarão que derramou-se pelo aposento mostrou a Vital o capitão André de Figueiredo á frente de seis sequazes armados, com as espadas desembainhadas e promptos a ataca-lo ao primeiro signal.

O mancebo mal teve tempo de reclinar sobre um velho bahú que havia ali perto, encostado á parede, o corpo desmaiado de sua querida Leonor, e cahir em guarda contra as seis catanas que o assaltavam.

André de Figueiredo, de parte com as mãos apoiadas na cruz da espada que fincara no chão assistia ao combate immovel; mas via-se-lhe no semblante a violencia que fazia sobre si em conter os impetos de seu genio arrebatado.

— Bem vejo que isto é uma emboscada; disse Vital Rebello com desprezo, defendendo-se galhardamente. Eu sabia que os fidalgos de Olinda eram peritos em arma-las, desde os tempos dos judeus hollandezes, seus illustres antepassados; mas os daquelle tempo usavam pelejar nellas, e não se resguardavam como os d'agora.

A lamina da espada de André de Figueiredo vibrou com o estremeção que lhe imprimiram as mãos convulsas; mas ainda pode o capitão dominar este assomo, com a idéa de humilhar seu inimigo pelo desprezo.

— Estaes enganado; isto não é emboscada, mas obra de justiça; é execução que se costuma fazer em réo de morte; respondeu entre um riso de mofa.

Com um corropio da espada fez Rebello recuar os assaltantes, alguns dos quaes já tinham no

corpo a marca de ferro; e aproveitou da aberta para replicar ao capitão.

— Ah! é obra de justiça? Mas parece que o carrasco não sahe do officio pois está ahí feito um estafermo em vez de manejar o seu cutello.

— Não quero manchar a minha espada de cavalleiro: has de morrer á mão de tua laia: tornou o capitão com gesto de asco.

— Tem razão o nobre fidalgo; só esqueceu um ponto e é que para dizer destas cousas se precisa de ter a espada mais comprida do que a lingua, sinão...

Neste ponto, operou-se tal mutação da scena, que não é possível descreve-la sem cortar o fio á palavra de Vital.

Desde o primeiro assalto, curando o mancebo de tomar a melhor posição para a defeza, approximou-se de um grande armario encostado ao fundo do aposento, cerca do qual havia algumas arcas e canastras espalhadas pelo pavimento.

Assim, tendo as costas guardadas de qualquer surpresa, com as canastras, que ia arranjando a mão esquerda emquanto a direita combatia, fez elle uma especie de trincheira que lhe resguardava meio corpo; e sobre ella debruçava-se para atirar o bote certo da sua espada á algum dos sequazes menos promptos em recuar.

Quando André de Figueiredo lançou-lhe o ul-

timo insulto, ao rechaça-lo, mediu o mancebo com o olhar a distancia que o separava do inimigo, e quasi tão rapido como esse olhar, saltou em cima de uma das arcas, della em outra mais alta, e arremessando-se com pasmosa agilidade, veiu cahir em face do capitão, antes de aperceber-se este do que se havia passado.

Tudo isto porém succedeu com tamanha velocidade, que foi apenas uma reticencia na resposta de Vital.

— Sinão, acabou elle, corre-se o risco de soffrer logo em cima da palavra a correcção de sua insolencia.

Soaram estas palavras, ao mesmo tempo que a lamina da espada de Vital batendo de chapa no hombro do capitão. Era á face que a destinara o impetuoso mancebo. acceso em ira ; mas seu valente adversario, apezar do repente, logrou desviar-se a tempo.

Além de mais prompto e dextro, tinha Rebello nesse momento sobre o capitão a superioridade do enleio em que o posera a sua investida. E foi aproveitando-se dessa vantagem que de um revez da espada elle desarmou o adversario e prostrando-o calcou-lhe o pé sobre o peito, em acção de traspassar-lhe a gorja.

Atalhou-o porém um grito de angustia.

Leonor que pouco antes cobrara os espiritos, mas

ainda no torpor do deliquio via, sem comprehender, aquelles vultos a agitarem-se ao clarão baço das tochas, de subito recordou-se do lance em que se achava, ao encarar o vulto ameaçador do seu marido, prestes a desfechar em André de Figueiredo o golpe mortal.

O sangue do seu tio, do irmão de sua mãe e que lhe fazia as vezes de pai ; esse sangue derramado pela mão do marido, era a separação eterna ; e mais do que isso, a morte de seu amor, que ella já não poderia sentir, embóra apartada, pelo homem que lançasse o luto no seio de sua familia.

Esta idéa horrivel perpassou como um relampago o animo da donzella, que arrojou-se para deter o braço de Vital ; mas faltando-lhe as forças ao impulso cahiu ali mesmo de joelhos, estalando-lhe a alma no grito da afflicção.

Voltou-se Vital ; vendo sua mulher, com os cabellos em desordem, os olhos allucinados e o semblante convulso, adivinhou o pensamento que a espavoria. Poupar a vida ao inimigo naquella conjunctura, era entregar-lhe a sua ; mas de que lhe servia esta, si cavasse um abysmo de odio entre elle e Leonor ?

Um instante não hesitou. Ergueu a ponta da espada, e recuou deixando o capitão livre e escapo da morte.

Os seis sequazes, que atacavam Rebello, ficaram

a principio attonitos com o desapparecimento do mancebo, que alguns delles julgaram ter cahido por detraz das canastras. Outros porém que haviam confusamente entrevisto o salto, cuidaram que fôra um impeto de fuga!

Quando afinal descobriram o aperto em que se achava André de Figueiredo e corriam a acudi-lo, esbarraram-se com Rebello que já de volta buscava a primeira posição. Não a pode alcançar, que os espoletas lhe cortavam a retirada; collocando-o dessa arte em um passo difficil, pois atacado em numero tão desigual pela frente, ia se-lo de costas pelo capitão.

A' tempera d'alma, succede o mesmo que á tempera do aço; em sendo boa, quanto mais se lhe calca, mais forte ella brande. Com tamanha affouteza investiu Rebello a troça, que abriu caminho atravez; e recuperou o primeiro posto junto ao armario.

A este tempo erguera-se André de Figueiredo; com a sanha de um tigre correu ao combate.

— Arredem-se, que este villão me pertence, não quero que lhe toquem, pois ainda é pequeno para me faltar de corta-lo.

Rebello não respondeu á bravata, sinão com um sorriso de desprezo. Tolhido como estava de matar este homem, e com a sahida embargada pelas grossas portas de jacarandá; o alferes repu-

tava-se perdido ; pois afinal se lhe esgotariam as forças e seria obrigado a traspassar-se com a propria espada, para se não render ao inimigo.

Todavia não o abandonara ainda a confiança que tinha na affouteza de seu animo, como na força de seu braço. Empenhando o combate com o capitão, elle concentrou-se para dividir a attenção entre o manejo da espada e a pesquisa de algum meio de salvação.

Por diversas vezes se precipitara Leonor para implorar o tio em favor do marido ; mas á um aceno de André de Figueiredo, um dos sequazes conduzira a donzella a seu máo grado para o outro extremo do aposento, collocando-se por diante para tirar-lhe a vista do combate.

Entretanto este proseguia, sanhudo e furioso da parte de André de Figueiredo, sereno e attento da parte de Rebello, que, prompto em parar os golpes, mas desdenhando as abertas que lhe offercia a imprudencia do inimigo, não cessava de prescrutar os recantos do aposento.

Tinha este duas portas, uma de sahida exterior, por onde havia entrado o mancebo ; outra de comunicação interior, por onde viera D. Leonor. Ambas estavam fechadas á chave, com trancas atravessadas ; e eram champrões de lei impossiveis de arrombar. Por esse lado pois não havia esperança de escapula ; menos por outro qual-

quer, pois não se via nas paredes, e nem mesmo no tecto, qualquer fresta ou buraco por onde podesse passar um homem, ainda que elle tivesse o privilegio da enguia.

Nesta estreiteza, em que o animo de Vital já se repartia por tantos cuidados, o da sua Leonor á lamentar-se do outro lado, o da guarda á que o obrigavam os amiudados golpes do capitão, e o da busca de um meio de salvação : ainda assim lhe não escaparam os movimentos dos cinco sequazes, que apuridavam-se conchegados entre si, e apartados a um canto.

Sussurrou ao ouvido subtil do mancebo a palavra *mosquete*, e com ella uns ruidos significativos, que lembravam o tinir da vareta no cano de uma arma de fogo. Si lhe restasse duvida, certos movimentos de um braço meio occulto pelo grupo lhe denunciariam a obra em que se mostravam tão empenhados os sujeitos.

O quer que era estava prompto, pois voltando-se continuaram os marotos a assistir ao combate como simples espectadores ; mas notou Vital que o quinto ficara atraz dos outros ; e que no hombro do primeiro, mais á frente, apparecia um oculo negro que lhe estava olhando o peito.

No animo do mancebo surgiu uma idéa ; saltar de repente a André de Figueiredo forçando-o a recuar por modo que se interpozesse á mira do mos-

queto, com o que não só o faria de escudo contra o tiro, mas livrava-se do inimigo sem o ferir nem tocar, sendo menos difficil então acabar com os outros.

Mas em todo o caso não lhe imputariam a elle só a morte do capitão, e com ella não se levantaria um tumulto para separa-lo de sua Leonor?

Quando elle cogitava n'esta duvida, de chofre bateu o cão do mosquete, e ao disparar-se o tiro, ouviu-se grande estrondo, maior do que se devera esperar da explosão d'arma; ficando o aposento sepultado nas trevas.

Para explicação deste accidente, que vinha complicar o caso, carecemos de ir em busca da cavalheiresca D. Severa.

Tinha-se a dona recolhido á sua camera, e achava-se então justamente em vestes de nympha, com a insignificante differença de uma anagoa em vez da faixa classica. Acabara de ler como costumava um capitulo do *Palmeirim*, e repassava na fantasia as aventuras do *cavalheiro da fortuna*.

Nisto ouviu grande rumor no pavimento terreo, e sobre curiosa, inquieta, vestiu ás pressas uma cabia amarolla com que sahiu fóra a inquirições, levando a candeia na mão.

Si a visse naquelle instante, com a capa de seda que na ausencia das anquinhas se lhe pregava ao corpo como um estojo amarello do qual sahiam

os dois joelhos que serviam de castões aos caniços das pernas, abandonaria com certeza o inspirado Lisardo a comparação da rosa, e buscaria no seu armazem poetico, outra imagem mais apropriada ; por exemplo a flôr da abobora, ainda que esta naquelle tempo não tinha entrada no Parnaso.

O corredor estava tranquillo pelo que animou-se a nympha a chegar ao topo da escada por onde vinha o rumor.

— Quem está ahi? perguntou com desplante ouvindo passos.

A pessoa que era, galgou aos saltos a escada ; e D. Severa reconheceu o Nuno, seu pagem desde a vespera.

— Acuda, senhora D. Severa, que sinão acabam de matar o Vital Rebello !

— Pois elle está aqui ?

— Na casa do trem. Não ouve ? Estava a fallar com a mulher, a D. Leonor, quando o Sr. capitão André de Figueiredo, que se pozera de espreita com os seus homens, deu sobre elle, e lá andam aos botes de portas fechadas.

— Leonor ?

— Tambem lá está encerrada, que lhe ouvi as afflicções, uma vez, no meio do barulho.

— Coitada !

— E o Rebello, senhora, que gentil cavalheiro ! Sete contra um ! Elle só é homem para fazer frente

a todos ; mas era preciso que estivesse em campo raso. Assim de emboscada, com certeza o acabam.

— Não ha de acontecer essa desgraça.

— Si já não aconteceu agora mesmo que lhe fallo. A senhora consente que se mate á traição, aqui dentro da sua casa, a seu sobrinho, porque elle o é ?

Estava precisamente a D. Severa pensando que era aquelle um dos casos em que uma dama, segundo as regras da cavallaria andante, devia intervir em favor do opprimido ; pelo que tomando a generosa resolução disse para o Nuno, com o tom senhoril de uma castellã :

— Ide armar-vos, pagem, em quanto me adereço para amparar nossa formosa sobrinha e salvar-lhe o esposo.

— Mas, senhora, si perdeis um momento, chegaremos tarde.

— Quereis que me apresente neste desalinho ; acudiu D. Severa pudicamente ; e vós sem armas, que ajuda podereis dar ?

Só então reparou Nuno no fresco atavio de nympha em que se achava D. Severa ; e prompto a replicar acerca da sua armadura da vespera que o esperava em baixo, não achou argumento contra a necessidade que tinha a dama de um trajo mais avaro de seus encantos serodios.

Força foi ao moço resignar-se durante meia hora

em que roído pela impaciencia, descera dez vezes a escada para escutar á porta do armazem, e dez vezes subira para espiar no camarim da dama si ella acabara de adornar-se.

Afinal sahio D. Severa em grande paramento, de anquinhas, cauda, trumpha, pluma e leque, pois não dispensava em occasiões solemnes, nenhum desses atavios fidalgos. Podia o marido de Leonor ter morrido vinte vezes no tempo dispendido com esse adereço; mas ella é que não podia derrogar nos seus deveres de dama da primeira nobreza pernambucana.

Desceu a senhora com um andar pomposo ao rez do chão, onde o Nuno enfiou apressado a cou-raça e a cervilheira que deixara ao pé da escada para mais ligeiro correr acima e abaixo.

Depois que o pagem bateu de balde uma e muitas vezes na porta do armazem, lembrou-se D. Severa que do outro lado havia uma janella, por onde mais facilmente poderiam penetrar.

Deram volta, e á sumida luz da candeia, que o vento açoutava, acharam sem mais demora o que procuravam.

Precisamente nessa occasião, Vital attento ao mosquete prestes a disparar, desviara-se para o lado esquerdo do armario, a fim de no momento dado abrigar-se com a quina do movel.

Feriu-lhe o ouvido o ceceo das vozes de D. Se-

vera e seu pagem que avisavam no modo de penetrarem no aposento. Notando que esse murmúrio sahia da fresta que ficava entre o armario e a parede, adivinhou o mancebo a existencia de um vão de janella ou porta naquelle ponto. Com um olhar calculou a posição de seus adversarios, a distancia em que se achavam os tocheiros, e traçou um plano.

Ao disparar o mosquete, arrojou-se elle ao canto do armario, e mettendo o braço entre o fundo e a parede empurrou com tal força o pesado traste, que este despenhou-se no chão, causando um temeroso estrondo, e apagando as tochas com a violenta deslocação do ar.

Aproveitando-se da escuridão, o intrepido mancebo encontrou ás apalpadellas a janella, cuja aldaba facilmente abriu. Com o baque do armario, D. Severa soltara a candeia, ficando o corredor ás escuras; mas percebia-se no fundo uma nesga de céo.

Por ali desapareceu Vital.

Ao saltar a janella, encontrou resistencia que logo cedeu, e ouviu um grito; mal suspeitava que d'uma peitada tinha virado de cambalhotas, um sobre o outro, a respeitavel D. Severa e seu pagem.

Mas o peor foi que nesse rolo, a ponta do chifrote de Nuno ia vazando o olho direito da dama que nessa occasião provou a vantagem de possuir um soffrivel nariz.



## CAPITULO VIII

### UMA AMOSTRA DA GERINGONÇA POLITICA DE NOSSOS AVÓS

Pouco faltava para soarem trindades na torre da Madre Deus.

Era um sabbado, 15 de outubro; e portanto dois dias depois da aventura de Vital Rebello em Olinda.

Havia essa tarde o ajuntamento do costume na calçada do mercador Vianna, que morava como já se sabe á rua da Moeda, para as bandas do forte de Mattos.

Aos dois e tres iam chegando os principaes da mascataria, e outros que não tinham voz activa, mas serviam para fazer numero.

Percebia-se que era de ponderação o negocio, não só pela maior companhia, como pela preocupação que se mostrava em todos os semblantes.

Junto a uma das janellas estava sentado o

Vianna, pai do nosso Nuno, e com quem ainda não tivemos occasião de avistar-nos.

Era uma formidavel amostra de homem, com soffivel estampa, e uma dessas caras sedições, ornadas do classico passapiolho, como se encontram a cada volta entre os nossos irmãos de além-mar, e que são vulgarmente conhecidas por caras de *mestre de barco*.

No mais, boa pessoa, um tanto pachorrento e descançado na voz, como nos gestos; marruaz, amigo da chelpa, que para elle fôra sempre a melhor politica, o Sr. Miguel Vianna passava entre os amigos no physico e no moral por um perfeito pé de boi.

Incommodara ao mercador a peraltice do Nuno, que já elle sabia estar mettido com os nobres em Olinda; mas devemos confessar que o desgosto do pai com a marotice do filho não foi tão grande quanto a mofina do patrão, por ver-se de repente sem caixeiro na loja.

A medida que vinham chegando os parceiros, erguia-se o mercador para os saudar, e tambem para alcançar dentro da casa os tamborettes que offerencia aos recém-chegados, os quaes se iam abancando em roda.

A parte feminina da familia entrava para a sala, onde estava a senhora Rosaura para as receber com mil requebros em que nestas occasiões se desfazia

o seu corpo rochonchudo com serio risco de sua respeitavel trumfa.

Já havia chegado com sua cara metade e a menina Martha, o digno almotacé, o Sr. Simão Ribas, que estava abancado a direita do Vianna, e nesse momento apontara na esquina o importante almoxarife, Domingos da Costa Araujo, que se aproximou com um andar grave e emphatico.

Era o Costa Araujo um dos luminares da mascataria, e sem contestação o mais bem fallante. Em arranjar um bonito ramalhete de bonitas phrases, ninguem levava-lhe a palma. No mais não se cançava; toda a sciencia dos negocios, cifrava-a em ter por si o *homem*, fazendo-lhe como aos meninos se costuma as pequenas vontades.

Quando moço, tinha elle tomado ao serio essa nigromancia appellidada politica; e prodigalisara grande somma de talento, de enthusiasmo e de actividade, na defesa dos povos contra a prepotencia dos governadores. Fôra um dos precursores da democracia brazileira, que um seculo depois devia suscitar o Martins, o Miguelinho e outros martyres pernambucanos.

Nesse fervor dos annos escrevera uma phylipica, no genero de Demosthenes, contra a raça bragantina; o que lhe valeu a ira dos adversarios, e o receio dos amigos, que temiam-lhe o contagio.

Recebeu a lição e aproveitou-a. Conheceu que

os povos, por quem se havia sacrificado, eram animaes domesticos; á liberdade preferem o quente aprisco onde os reis os põe a ceva.

Desde então mudou de rumo; passou a viver nos melhores termos com os governadores, que tinham em grande conta os seus conselhos; pelo que o proveram no cargo de almoxarife, além de outras mercês. Rosnavam os invejosos de um acto de contrição feito á D. Sebastião de Castro. Vinha o boato da mordacidade de um dos taes amigos, que se valem da intimidade para melhor beliscarem; são como os gorgulhos que se mettem dentro do grão para lhe roerem a flôr.

No physico não fôra a natureza tão liberal com o Costa Araujo, como no moral; mas sabia elle dar á sua quadratura um tom apresentavel. Si neste seculo de spiritistas em que si tiram photographias ás almas do outro mundo, houvesse curioso que se lembrasse de pintar a estampa de alguma figura de rhetorica, das mais bochechudas, como por exemplo a prosopeia; teriamos o retrato ao vivo do nosso pomposo almoxarife.

A seu lado o Simão Ribas fazia as vezes de um solecismo junto de uma oração de Cicero; e todavia não tinha o almotacé menos engenho que elle, avantajando-se-lhe assás na copia dos conhecimentos que havia colhido nas varias provincias

litterárias ; pois era de muito e constante labor, tão versado nos livros, quão pouco nos homens.

Tomou o Costa Araujo assento a esquerda do Vianna ; e depois das urbanidades usuaes e de uma anedocta contada pelo almoxarife, que apreciava esse acepipe litterario, assoou-se o almotacé, e temperou a garganta para abrir a conferencia.

—Sabem os amigos e companheiros que se está seliamente cuidando no suplemo da cleação da nossa villa do Lecife ; mas alguns senholes andam inquietos com a demola e então quizelam que se fizesse uma junta para se avisal no que mais convém, e conceltal os meios de aplessal o nosso triumpho. E' pol isso que estamos aqui ; cada um dos senholes melcadoles dilá seu palecel : o meu é que devemos confial no suplemo e espelal que a alta sabedolia da govelnação do estado ploveja como entedel, que ha de sel simple pelo melhol.

Comprehenderam os circumstantes o sentido da arenga ; pois além de muito habituados ao lambda-cismo do Simão Ribas ; sabiam que *suplemo* era uma expressão mystica para designar o governador, tendo elle por mingoa de respeito indica-lo nominalmente.

Seguiu-se uma pausa formada pela hesitação daquelles que desejavam tambem dar sua colhe-rada, mas tolhia-os o enleio. Um desses era o mar-reco do capitão Miguel Corrêa Gomes que trazia de-

corado um farelorio do padre João da Costa, com a intenção de impingi-lo á assembléa ; mas agora suava como um caldeirão a ferver.

Havia chegado momentos antes o Vital Rebello, que apeara-se do cavallo e recostado ao sellim ouvira a falla do almotacé. Percebia-se no seu gesto a indifferença que lhe inspiravam essas assembléas, onde se burlava a sinceridade de muitos em proveito da ambição ou commodismo de alguns.

— Como seja licito a cada um dar seu voto por mais desencontrado que pareça, direi eu o que penso. Esta villa do Recife, vai fazer em novembro um anno que el-rei a creou ; e pois que o governador por elle mandado a esta capitania, tem deixado de cumprir a carta régia, mostrando-se rebelde, nosso dever de fieis vassallos é obriga-lo á obediencia que deve a seu principe e senhor ; e sendo, preciso erigirmos nós, os povos em conselho, o padrão da villa. Si estaes porisso contai comigo ; mas das negaças em que andaes ás voltas com o governador, não entendo, nem quero saber.

O venerando almotacé que tinha per costume ir todas as tardes ao *benedicite* em palacio ; e que não punha taxa, nem julgava coima, sem levar antes a D. Sebastião de Castro um rascunho para receber a correcção do mestre ; azoou com aquella insolita linguagem, e apuridou ao Vianna, que ficara

impassível, resguardado como estava contra esses sobresaltos pela espessa crosta de sua pachorra.

O almoxarife porém que viu retratada a sua petulancia de outr'ora naquella isenção do mancebo, sorriu-se de um modo significativo; e pensou consigo como aos cincoenta annos se não havia de espantar o Rebello de seus arrebatamentos juvenis.

Nisso é que se enganava o Costa Araujo. Homens ha, e elle era um, em quem o desengano gera o scepticismo. Em outros porém a fé é tão profunda e tão de raiz, que não ha estirpa-la; não podendo arranca-la, o que fazem a ingratição e deslealdade é, que a força de a abalarem, deixam ali uma chaga, que se está magoando a cada instante contra as miserias do mundo. Era deste cadinho a alma de Vital.

— Aquillo é despeito! rosou o padre João da Costa.

— Como o governador não o fez capitão! accrescentou o Miguel Corrêa enfunado da sua gineta.

Tomou então a palavra o doutor Antonio de Souza Magalhães que foi um dos letrados de maiores credits entre os mascates. Era meão de corpo e estatura. Não tinha physionomia; mas uma cara ensoça e desbotada, sem a menor expressão. Só n'um traço reparava-se; era nos olhos pequenos, por causa das palpebras sem pestanas

e debruadas de vermelho, que pareciam casas de botões.

Nos primeiros tempos dizia o Magalhães que o seu lote neste mundo o queria em ouro. Com a experiencia porém foi aprendendo que o ouro é precioso sobre tudo pela ductilidade, e conheceu quanto elle se prestava a todos os misteres, á cubiça, á ambição e até á beatice.

Era o novo advogado um dos que mirravam-se com o desejo de pilharem um lugar na secretaria do governador, mas como a sombra fugia-lhe, inculcava-se de impossivel, e não perdia ensejo de rufar a sua abnegação.

Foi insigne beato. Ouvia missa com exemplar devoção, e resava todo o officio da semana santa ajoelhado, de ripanso em punho; até fazia novenas e terços em casa. Mas a sua carolice não se reduzia a essa parte acetica; frequentava o refeitório da Madre Deos nos dias de peixada; e apreciava as moquecas e pastelões que lhe mandavam de mimo em salvas de prata os padres Mendicantes do Serafico S. Francisco.

Passou o Dr. Magalhães por grande rhetorico; e poucos no seu tempo tiveram tanto geito para engodar essa simpleza do vulgacho, que hoje em dia se decora com o pomposo nome de opinião publica e que melhor se chamaria de *pasmaceira publica*.

O que distinguia especialmente a facundia do nosso homem era a entonação com que elle pronunciava as palavras. Essa especie de eloquencia re-tumbante tem sido cultivada por outros ; mas ninguem ainda levou-lhe a palma. Darei aqui um exemplo de sua força nesse genero.

Em uma das arengas que elle frequentemente fazia nas rodas dos mascates, contra os nobres de Olinda, querendo pinta-los sob uma face odiosa que produzisse impressão no auditorio, exclamou : *Vivem atolados no pirão, na rapadura e na cachaça !*

Um seu emulo diria esse rasgo com uma voz estentoria capaz de estremecer os alicerces ; outros lhe dariam inflexões emphaticas ; mas nenhum era capaz de a pronunciar como o Magalhães, percorrendo tres escalas chromaticas desde a primeira nota do tiple até a ultima do baixo profundo.

A phrase, começada no nariz, descia-lhe pela garganta aos borbórinhos e ia roncar nas profundezas do ventre. Assim quem o ouvia fallar, conhecia logo que o homem não só tinha grande papo, embora invisivel, como que era insigne ventriloquo.

Quando o Dr. Magalhães e o padre João da Costa se encontraram pela primeira vez, sentiram-se mutuamente attrahidos por uma sympathia irresistivel. Agora achavam-se estremecidos ; e dizia o reverendo que muito breve haviam de vêr o advogado ao serviço do Felippe Uchôa e da gente de Olinda.

Para rebater o alvitro do Rebello, desfiou o Magalhães uma longa perlenga, cheia dos costumes borborigmos, e arrebicada de uns revirados de olhos, com que elle pretendia dar á feição insulsa umas borrhadellas de ironia. Ao cabo, passada toda essa loquella por um cantil, não ficava senão o bagaço do que havia dito o Simão Ribas.

Assim o venerando almotacé applaudiu ; o Vianua remexeu os hombros, o que nelle era signal de grande commoção ; e o Costa Araujo fez com a cabeça um gesto gongorico de approvação.

Aqui terminou a junta com o maior desprazer do Miguel Corrêa, que foi obrigado a embuchar a perlenga ; e do Campello que não soffria lhe disputassem a gloria de incensar o governador, cujo panegyrico já tinha escripto, bem longe de pensar que teria de cantar-lhe a palinodia.

Vital Rebello fôra-se e com elle a maior parte dos que tinham acudido ao convite. Nada se resolvera ; mas era esse precisamente e não outro o fim da junta, que se fizera para acalentar as impaciencias de alguns soffregos e exaggerados. Fallara o almotacé que todos sabiam da privança de D. Sebastião ; e os mais exigentes voltavam satisfeitos.

Reduzida a roda aos intimos, tornou-se geral a palestra, travando-se os colloquios á trecho.

— Eu cá, disse o Campello, do governador não

suspeito, não ; mas o Barbosa de Lima não é homem em quem se possa a gente fiar.

— E o tal ajudante, que me tem cara de coveiro ? E com certeza o é, que ainda se não metteu em empreza que a não desandasse ; acudiu o Braz da Silva.

— Está muito atrazado o Campello! acudiu o padre João da Costa a rir. Pois o Barbosa de Lima é o que D. Sebastião quizer ; que o seu grande talento é este, de ser todos, menos elle proprio, que nunca o soube, nem poude.

— E' a pura verdade, acudiu o Miguel Corrêa, que tinha por devoção apoiar o seu confessor e amigo.

— E sinão vejam, continuou o reverendo ; o que disse o padre Leitão domingo passado quando prégoou na festa de N. Senhora do Rozario ?

— O que foi então ? perguntou o Seara.

— Que o secretario *tão facil, qual Lucano se encarecia, como qual Protheu se fingia e transformava.*

Parece que deu-lhe no goto ao padre Antonio Gonçalves Leitão a phrase, pois ella se encontra textualmente na historia da Guerra dos Mascates quando falla do capitão Barbosa de Lima, querendo alludir ao ouro dos mascates de que a inveja e a maledicencia o diziam cosido, bem como á versatilidade de genio.

E' achaque este de todos os tempos que são os amigos quem primeiro e com maior empenho se incumbem de dar voga aos aleives e epigrammas dos contrarios. Assim não trazia o Cosme Borralho de Olinda nenhum desaforo contra este ou aquelle dos mascates, para o insinuar á esconsa no ouvido de alguns dos seus freguezes que á noite não tivesse corrido todo o Recife.

Interviera no dialogo, o Zacarias de Brito ;

— Pois para mim, o capitão Barbosa Lima é homem de muito conceito, que vale o seu peso, e não só para mim, como para todo o Recife.

— Ninguém diz o contrario ; observou o Campello, resalvando em tempo o destempero da lingua.

— Por certo. Quem o nega ? acudiu o Miguel Corrêa.

— Esses mexericos que por ahi andam, donde vem sinão da raiva que tem os de Olinda de o haver perdido, sem contar a inveja de outros que não podem soffrer as suas boas partes ?

Este senhor Zacarias de Brito, seja aqui dito entre parentheses, queria ser contratador do sal, boa fatia que esperava arranjar.

Não havia naquelle tempo a maquia dos agenciamentos de voluntarios e privilegios lucrativos, com que os ajudantes de um governador philosopho recompensassem os obsequios do amigo, as caricias

de alguma bella dama, e a paciencia dos camaradas impertinentes ; mas já então existiam os estancos e monopolios com que se esfomeava o povo para enricar aos mimosos da terra.

Nenhum dos circumstantes fizera reparo em uma velha de mantilha, que desde o começo da palestra, levava a passar pela frente da casa do Vianna, quando não se escondia no canto do outão. Embora não tivesse a conferencia cousa de comprometter, tanto que a faziam na calçada ; todavia se percebessem o manejo da sujeita, é de crêr que não consentiriam nessa bisbilhotagem.

Cançada de espreitar, a velha deitou-se a trote miudo para as bandas do Corpo Santo e foi ter a uma rotula, onde apparecia a mais emmaranhada grenha que já lastrou em cabeça de mulher. A dona deste cipoal mal se podia conter á gelozia ; pois lhe estavam sahindo a lingua e as melenas pelas grades, e o corpo pela adufa.

— Deus me perdôe ! Querem vêr que foi esta excommungada que se alambasou com a minha mantilha ! Ladra do inferno ! Espera que eu te ensino !

Proferindo esta praga, a sujeita que deitara os gadanhos ao pescoço da velha puchou-a para dentro onde com espanto seu desembrulhou-se da mantilha a cara velhaca do nosso muito conhecido Cosme Barralho.

— Eu logo vi que eram artes deste peralta ! Que andou vecê fazendo por ahi com a minha mantilha ?

— Nada ; foi para divertir-me com os rapazes.

— E por causa das suas bregeiradas, me deixa aqui preza quando me estão esperando na casa da Rosaura que prometti não faltar ! Ai que não sei onde estou, marolinho, que te não arranco esses olhos de cobra morta. !

— Ora não se zangue, prima Ignacinha ; disse o Cosme com ar magano, que eu tenho um segredinho para lhe contar ?

— De Olinda ? perguntou a Ignacia em cocegas. O que é ?

— Escute !

Conchegaram-se os dois a um canto, e poz-se o Cosme a cochichar no ouvido da prima, que estava n'um formigueiro com a pressa de ir-se ao serão ajustado, e o prazer da novidade que levava.

Acompanhara o gagueio o tal segredo de um accionado original, e de uns requebros de corpo, com que se enroscava pela Ignacinha, a qual não se agastava com essas licenças oratorias do escrevente.

Acabou o Cosme, dando á prima um papelinho, que ella metteu no cabeção e traspassando a mantilha enfiou pela porta fóra, como gallinha poedeira a cata do ninho onde largue o ovo.

## CAPITULO IX

DESCOBRE-SE O — CASUS BELLII — COM QUE NÃO ATINARAM  
OS CHRONISTAS DA GUERRA DOS MASCATES

Ha quem pense que nada se move neste mundo sem licença da mulher.

Do mais não sei; mas de guerra, posso affirmar que nunca as houve, nem é possível haver, quando não o queria a soberana saia.

Podia desfiar aqui um rosario de provas tiradas da historia, além de um milhão de argumentos physiologicos; mas isso nos levaria muito longe, e para o nosso caso basta o que se passava áquella hora ahí na casa do Miguel Vianna.

A sala estava cheia do mulheroio que se atulhara pelos estrados como era uso naquelle tempo, e não motejem as moças d'agora dessa moda de sentarem-se as nossas bisavósinhas com as pernas cruzadas, que si ellas cá tornassem não se haviam de

rir menos vendo suas bisnetas ainda franguinhas e já repimpadas em cadeiras de alto espaldar como si fossem umas abbadessas.

Sentada em tamborete baixo a senhora Rufina presidia ao areopago feminino.

— Mas, gentes, não acham que já é tempo de dar uma esfrega nessa sucia de pés rapados ? dizia a senhora Rosaura que estava mordida com a escapula do filho.

— Não se agonie, senhora, que havemos de ensina-los em regra ; mas é preciso fazer as cousas com geito, porque lá de barulhos não me fallem. São capazes de metter os nossos homens na alhada, e tirar-lhe por ahi a cabeça de uma cutilada ! Então o meu que já é tamaninho !

— Emquanto isso, vão os de Olinda roubando a seu salvo nossos filhos porque não tem quem lhes vá a mão ! retorquiou a senhora Rosaura com azedume.

— Ora comadre, isto foi uma vadiagem do traquinas do rapaz que é mesmo da pelle do cão. Outro dia, que não fez o demoninho lá em casa ? Si elle tem bicho carpinteiro, sou capaz de jurar. Pois não, senhora ?

— E mesmo ! o capetinha não é capaz de assentar o *sim-senhor* um instante que seja ; disse a velha Engracia.

Carecemos de advertir ao leitor, que a senhora

Engracia tinha uma linguagem um tanto espevitada ; costumava empregar alguns termos em uma acepção peculiar sua.

Assim em uma occasião, pouco depois de entrar o fallecido marido a servir o cargo de almotacé, dissera ella : — « Des que sou mulher publica, não tenho um momento de descanso ; é todos em cima de mim que não me deixam ! » Com aquella phrase pretendia ella exprimir a sua qualidade de juiza, mulher de almotacé, e portanto pessoa que andava na governança da terra.

Agora o que ella chamava *sim-senhor*, advinhem si poderem, que a chronica neste ponto é omissa.

— Mas deixe estar, continuou a Rufina, que tudo se remedeia ; eu já fallei ao primo Rebello, que prometteu-me traze-lo pela orelha ; porém, não consinta que lhe ponha mais o pé em casa ; de lá mesmo é arruma-lo no primeiro navio que sahir para o reino.

— E' o que o Sr. Miguel Vianna ia fazer por conselho do ajudante Negreiros, quando o capetinha, parece que desconfiou, e escafedeu-se ; e logo para metter-se com aquella gente ! Assim o agarre eu como vai direitinho para Lisboa.

Ouviu-se um suspiro, que fez a senhora Rufina lançar uma olhadella para o canto donde se escapara aquella timida queixa. Ali estavam jun-

tinhas, a Martha e a Bellinhas, que encontravam-se essa tarde pela primeira vez depois dos importantes successos de que foram theatro a janellinha do sótão e a rotula do becco.

Imagine-se pois o que não se tinham a contar as duas camaradas, e como eram curtos os momentos para a sua garrulice. Cada uma começou dez vezes a historia que a outra impaciente interrompia para continuar a sua; e assim aos pedaços, alinhavando aqui e serzindo ali, conseguiram ambas dizer, não quanto queriam, mas bastante para o caso.

Acabava Bellinhas de communicar a amiga que o Lizardo áquella hora devia estar ao pé da cerca esperando ve-la na rotula; e Martha lembrava-se do Nuno que andava por longe, quando a ameaça da senhora Rosaura de mandar o filho para Lisboa, arrancou-lhe aquelle mavioso suspiro.

— Eu cá si o caso fosse commigo, havia de remetter o pequeno para Lisboa, mas era depois de ter dado o troco aos taes fidalgos de meia tigella.

Esta observação vinha da velha Engracia, que era uma das mais decididas do mulhierio recifense.

— O troco elles o hão de ter, que lh'o ha de dar o governador, e com usura; tornou a Rufina como quem lambia por dentro.

Não se rendeu á Engracia:

— O governador é um trapalhão que não ata

nem desata. Olhe, senhora, o verdadeiro era untarem as unhas ao Camarão, e então veriam a piza que lhes elle assentava, na cabralhada de Olinda, e não lhe doessem as mãos, que é do que elles andam muito carecidos.

— Que o governador é remanchão, isso é; acudiu a Josepha do Cartacho em tom de importancia. Fosse elle outra casta de homem que já o Recife estava cançado de ser villa.

— Appello eul tornou a Rufina. Que estas cousas assim de sopetão, senhora, sempre sahem aferventadas. O D. Sebastião de Castro, fique com esta que lhe digo, é manhoso, e sabe o nome aos bois, como diz o meu homem. De mais a mais, em quanto elle estiver por nós ainda que vá empalhando, somos do partido do rei, que sempre serra de cima. Por isso é que eu sustento, minha gente; nada de barulhos; que tudo se ha de arranjar com geito e paciencia. Quem é que vai metter seu gado no fogo, quando póde tirar a sardinha com a mão do gato?

Um zumbido de approvação acolheu o discurso da mulher do almotacé, prova de que predominava no concilio feminino o partido da paz. Effectivamente as recifenses, apesar de seu vivo desejo de verem creada a sua villa, não dissimulavam que os maridos, pais e irmãos, destros em manejar a vara e o covado, fariam triste figura com as armas

na mão; além de que não eram de todo insensíveis á galhardia dos mancebos de Olinda, os quaes preparando-se a vencer os mascates, se rendiam aos requebros dos olhos feiticeiros das lindas mercadoras.

— Tá, tá, tá! treplicou a Engracia, opposicionista acerrima. Vá-se fiando no bicho, que depois eu lhe contarei uma historia. Olhem, gentes, eu sempre enquigilei com homem sonso.

Neste ponto barafustou pela casa dentro, a Ignacinha, a quem vinha comendo a lingua a novidade que trazia.

— Ora muito bem chegada! disse a Rufina.

— Mais vale tarde que nunca! observou a Rozaura a rir.

— Para a nova que trago, antes nunca chegasse! tornou a Ignacinha com ar de importancia.

— Que nova é essa mulher? perguntou a Rufina.

— Que é?... Que é?... Ora advinhem!

— Despache-se de uma vez, creatura. Não esteja a resmoer a gente! accudiu a Rozaura que já estava sobre brazas.

— Que ha de ser? Um desaforo!...

— Da ralé de Olinda?

— De quem mais?

— Mas então que foi?

— A cousa é de cantiga. Elles mandaram pôr

em trova... Já me esquece o nome do cujo... Mandaram pôr em trova para andar na boca do mundo.

— Oh! mulher de meus peccados, não falarás?

— Que estou eu fazendo, des que entrei. Agora si não me deixam acabar, não tenho eu a culpa.

— Pois acabe.

— Diga a trova.

— Isso, não digo. Então a gente mette assim no caco de repente uma embrulhada de versos?

— Neste caso o que trouxe você, gente? perguntou a Rufina.

— Está o que é! disse a Ignacinha apresentando o bilhete que tirou do seio.

— Ah!

Murchou a orelha ao mulheroio que estava a escuta, com as ouças afiadas para a novidade. Naquelle tempo ainda não se contava entre as prendas de uma boa dona de casa, o saber ler e escrever: era isso luxo fidalgo, que não chegava a todos. Não se estranhe pois o logro que soffreu nesse momento a curiosidade feminina.

— Martha! disse a Rufina, passado o primeiro pasmo. Toma este papel e lê o que está zhi.

Ergueu-se a menina para obedecer á mãe, e aproximou-se da cantoneira onde broxuleava a can-

deia. Bellinhas acompanhara a amiga e por cima do hombro a ajudava a soletrar as palavras escriptas em bastardinho.

Estavam ambas tremulas e com as faces a arder: principalmente a que tinha de fazer a leitura.

Não era qualquer bagatella esta exhibição. A travessa Martha não sentiria tão grande acanhamento, si mocinha de hoje, no dia seguinte ao deixar o collegio e as calças curtas, fosse obrigada a cantar em sala de baile a mais difficil cavatina de Rossini.

Decorrido o tempo necessario para que as duas meninas solestrassem todas as palavras e chegassem ao fim do papel, a Rufina interpellou a filha.

— Anda, menina!

— Senhora mãi!... balbuciou Martha.

— Lê!

— E' uma cousa muito feia!

— Mas o que é? perguntaram as outras tinindo de curiosidade.

— Eu não sei!

— Que fazes ahi com os olhos no papel?

— Lê tu, Bellinhas!

— Eu! Deus me defenda!

— Martha, deixa-te de dengos. Lê, que te mando eu.

Quiz obedecer a menina; mas a palavra que lhe

espontava no labio gentil, recolheu-se n'um assomo de pudor.

— Não posso !

— Oh ! boginica ! disse a Rufina ameaçando de longe a filha com um coque.

— Olhem lá, gentes, não seja alguma bregeirada ! observou prudentemente a Josepha.

— E mesmo ! Pode sahir d'ahi uma sujidade !

— Que partes são estas agora ! acudiu a Ignacinha. Eu cá sou mulher de andar com porcarias ?... Ahi o que tem de mais é uma cousa cabelluda !

— Estão vendo !... Tem cousa cabelluda, senhora ! exclamou a Josepha.

— Tenha o que tiver, ha de se lêr, ou eu não me chamo Rufina ; gritou a mulher do almotacé levantando-se.

— Eu pelo sim, pelo não, vou tapando meus ouvidos ; disse a Josepha que estava latejando por saber.

— Agora é que te quero ver, sirigaita ! dizia a Rufina ameaçando a filha com um beliscão. Si tiveres o atrevimento de me respingar, com certeza te metto n'um convento, não sei que diga ! Anda, deita já para ahi.

Afinal decidiu-se a Martha, que d'um folego,

antes que se arrependesse leu d'affogadilho o conteúdo do papel.

Todo o mascate é patife,  
Labrego, cara de Judas ;  
E as mulheres do Recife  
Tem as pernas cabelludas.

— Desavergonhados ! gritou a senhora Rufina.

— Desaforo !

— Já se viu um atrevimento igual !

A grasinada de um bando de maritacas, em roçado de milho, quando lhe disparam um tiro ; pode dar uma idéa da algazarra que levantou no congresso feminino, a quadra fatal, que ia conflagrar Pernambuco.

Chamar os mascates de patifes, labregos, judas e cousa peor, era sem duvida uma insolencia ; mas não havia estranhar na canalha de Olinda que ella se despicasse dos epithetos affrontosos que tambem não lhe poupavam os recifenses.

O que porém não tinha nome e tomava as proporções de um attentado sem exemplo, era dizer-se que as damas do Recife tinham pernas cabelludas. Todos os tratos da inquisição não bastavam para punir este crime inaudito, que só podia ser expiado na fogueira.

Em quanto serena o alvoroço produzido pela lei-

tura, aproveitemos para dizer a origem daquelles versos.

O Nuno, que era um grande abelhudo, certo dia espiando pelo buraco da fechadura, tinha visto na alcova da mãe, uma perna tão cabelluda que a principio lhe pareceu de tamanduá. Mas logo com espanto descobriu que pertencia a certa pessoa que nesse dia estava de visita em casa da comadre e fôra ao quarto para concertar a saia.

Passando-se a Olinda, onde a D. Severa o atanasava de perguntinhas, escapoliu ao rapaz a descoberta da perna cabelluda, que a dama muito apreciou encarregando logo ao Lisardo de a pôr em verso. As torturas porque passou o nosso poeta nessa occasião não se descrevem; tentou elle em principio descorar o epigramma; mas a nympha olindense obrigou-o ponto por ponto a rimar aquella quadra em que offendia a formosura sem par da sua adorada Belisa.

A rima foi recitada no serão do capitão-mór Cavalcante, e muito applaudida. No outro dia teve o Cosme vento da cousa; e logo tratou de a metter no bico da gente do Recife, na esperança de ir assim cada vez mais turbando as aguas, onde contava pescar. Do como o fez, já sabemos.

— Só enforcados! dizia a Josepha.

— Qual enforcados, senhora! Ainda picados como cabedella para fazer pasteis, ou assados na

grelha do santo officio, não pagam esse desafrontamento, exclamou a Rufina.

— Eu como não tenho perna cabelluda!... disse a Ignacinha.

— Quem falla nisso agora mulher? exclamou a Rufina furiosa. Tenha ou não, é o mesmo! Ha de andar como as outras na boca do mundo.

— Mas quem foi o renegado que fez este verso?

— Espere!... Não me lembro mais do nome!

— Pois indague que elle é quem ha de tirar a prova do pelourinho de nossa villa. Já me estou regalando de o vêr açoitar!

— Eu si o encontrasse arrancava-lhe os olhos com estas unhas!

No meio da tempestade levantada pela rima do Lisardo, tinham-se esgueirado da sala as duas meninas, que foram direitas ao quarto de Bellinhas.

— Você não disse que elle está esperando? perguntou a Martha.

— Penso que está! respondeu corando a outra.

— Então é chamar?

— Eu, Martha?

— Pois, Bellinhas, quem ha de ser?

— Tenho vergonha!

— Então eu chamo por você.

E a Martha caminhou para a rotula com ar decidido.

— Está bom ; eu vou ! tornou Bellinhas mais animosa.

Com effeito entreabriu a rotula, e viu junto ao oitão uma sombra.

— Anda, Bellinhas !

A menina deu um *psio* tão sumido que não se ouviu a dois passos. Martha porém repetiu o signal com força e muitas vezes.

O nosso Lizardo, assim avisado de repente, esteve a abalar d'ali, tonto com a aventura. Mas a voz impaciente da filha do almotacé o collou á parede.

— Venha !....

O nosso poeta ficou immovel.

— Venha já !...

Parou-lhe a respiração :

— Sinão fico zangada !

Foi preciso despachar a Bemvinda, para trazer á falla o poeta, que só depois de mil sustos e arrependimentos resolveu-se a acompanhá-la.

Quando o Lizardo penetrou na alcova, a Bellinhas o esperava encostada na cabeceira da cama, e a Martha escondida por traz do cortinado ficara de espreita, para animar a amiga a quem ensinara o recado.

Sahiu porém a cousa ás vexas ; porque o Lizardo depois de duas topadas que deu ao entrar, e que o iam levando ao chão, embutiou-se no canto do thrumó como si fosse uma figura de páo ;

e a Bellinhas repuchando as sanefas do cortinado, foi-se enrolando de modo que não se lhe via sinão a ponta do pé.

Neste geito achou-se Martha descoberta, e vendo que os dous namorados não tugiã; assentou ella de tomar a si a tarefa e com a sua natural e graciosa petulancia dirigiu-se nestes termos ao Lizardo immovel e cabisbaixo.

— Saiba o senhor Lizardo de Albertim que não veiu aqui para ficar assim amuado n'um canto. Quando Bellinbas o chamou foi para experimentar os seus extremos, porque tendo vindo lá de Olinda uns versos em que se dizem cousas muito ruins das moças do Recife, ao senhor, que se rendeu a formosura de uma dessas tão maltratadas, cabe responder.

Estremecera o Lizardo lembrando-se da quadra que a D. Severa o obrigára a fazer; e julgou-se perdido. Martha, continuou, mostrando-lhe os aviamentos de escrever postos sobre o trumó.

— Ahi está a penna e todo o mais recado de escripta. Arranje-se que daqui não sahirá sem estar prompta a rima. Ha de ser uma cousa que belisque as taes buginicas de Olinda. O senhor ha de dizer, ouça bem, que ellas são magras como um fuso; e que todo aquelle espalhafato que mostram não é nada senão uma gaiola coberta de pannos. Está entendido, senhor poeta? Pois trate de des-

empenhar-se da obrigação ; e veremos então si os seus rendimentos por Bellinhas são sinceros, e qual recompensa merece a sua fineza.

Inclinou-se o Lizardo ao trumó e a musa da pirraça sob a figura travessa da gentil Martha inspirou-lhe contra D. Severa estes versos que embora allusivos a todas as Olindenses, eram todavia mentalmente dedicados á nympha :

Escorridas como um fuso,  
As damas de Olinda são ;  
Por fóra aquelle esparrame  
Por dentro é só armação  
De panno, d'osso e arame.

Tendo lido a quintilha, a Martha applaudiu com uma risadinha brejeira ; e puxando de dentro do cortinado a mão de Bellinhas, que resistiu de leve, a deu á beijar ao nosso poeta.

— Isto é para o senhor ; agora para o Nuno.

A menina tirou do seio um raminho de alecrim, que entregou ao poeta ; mas logo pareceu arrepende-se :

— Não, não lh'o dê ; guarde para si.

Sentiu umas coegas a Bellinhas, que entreabrindo o cortinado acudiu mui prompta :

— Dê ao Nuno, dê sim, senhor, que isso não lhe pertence.

— Pois dê, si quizer ; mas não que eu mande.  
Partiu afinal o Lizardo ; e as meninas voltaram á sala.

Quando ali entraram, acabava o congresso feminino de resolver a guerra a todo tranze, distinguindo-se entre as mais bellicosas a senhora Rufina, que pouco antes se mostrara tão prudente e conciliadora.

Mas a historia da perna cabelluda, posta em verso, tinha abespinhado a veneravel matrona, que desde esse momento não respirou sinão vingança, e tanto fez que terminou por desencadeiar a guerra dos mascates, apezar de todas as manhas de D. Sebastião.

---

## CAPITULO X

O COSME BORRALHO MOSTRA COMO JÁ NAQUELLE TEMPO  
SUAVA-SE PARA ARRANJAR UM TABELLIONATOSINHO

Em quanto se davam estas occurrencias, a magna questão da criação da villa do Recife, não adiantava uma pollegada nos conselhos de D. Sebastião.

« Marcar o passo » — era a manobra favorita do novo Fabio que dissipava o tempo em marchas e contramarchas ; deixando-se no meio de suas irresoluções governar pelos acontecimentos, em vez de os governar, como devem e costumam os homens superiores.

Tinha Sebastião de Castro acenado aos nobres de Olinda com a protelação no cumprimento da carta régia que mandara crear a villa ; e dessa politica da inercia contou elle tirar dois proveitos. O de engodar os pernambucanos, arrefecendo-lhe os ássomos de revolta ; e o de trazer pelo cabresto aos

mascates, que o cumulariam de bajulações, para terem-no á favor.

Ordenava a carta régia de 19 de Novembro de 1709 que o governador da capitania com o ouvidor geral fizessem o termo que entendessem podia caber ao districto da villa. Essa intervenção do magistrado era um freio salutar que o rei pozera ao arbitrio de Sebastião de Castro.

Este porém achou geito de illudi-lo, como fazem modernamente os reis constitucionaes com os parlamentos, que se não deixam corromper de rosto alegre pelas tetêas e boas propinas. Mandam-nos passeiar como importunos. Assim o fez D. Sebastião com o ouvidor, como veremos no decurso dos acontecimentos.

Servia então o cargo de ouvidor geral da capitania de Pernambuco, o Dr. José Ignacio de Arouche, que os de Olinda encareciam por honradissimo, de animo recto e mui imparcial; mas não vem fóra de sação advertir que o magistrado foi accrimo sequaz dos pernambucanos.

Era o Dr. Arouche sujeito meão, secco, e teso de porte. Os ossos repuxavam-lhe a pelle encarquilhada; porque desde moço que a inveja o mirrava. Não perdia occasião de engramponar-se na sua integridade e longa pratica; o que não o impedia de render-se ás proprias paixões.

Não attendia a amigos, porque não os tinha, nem

os egoistas sabem a significação dessa palavra, que para elles é apenas um synonymo de creado. Mas costumava apaixonar-se de tal sorte nos feitos, que não era a sua consciencia, sinão a sua irritabilidade quem julgava.

Pouco tempo depois de recebida a carta régia, chamou Sebastião de Castro a palacio o ouvidor para ouvi-lo sobre a demarcação do novo termo. Pediu o Dr. Arouche tempo para meditar o assumpto; e dias depois apresentou seu parecer, opinando que se não podia dar á villa maior termo do que do Forte do Brum á Ponta dos Afogados.

A antiga villa de Olinda que então abrangia quasi todo o territorio da actual provincia, se compunha de doze freguezias, das quaes tres urbanas. Ora segundo o parecer do Dr. Arouche, vinha o Recife a crear-se em villa com sua unica freguezia, o que não estava no espirito da carta régia, e menos no bem dos povos. Mas que se importava o ouvidor com os povos, desde que agradasse a seus amigos, os quaes lhe conheciam o fraco e não se cançavam de proclama-lo magistrado integerrimo, typo e modelo de juizes.

Inteirado do parecer do ouvidor, e depois de o haver meditado em todas as suas partes, fez Sebastião de Castro ao magistrado esta observação:

— Noto que o senhor ouvidor geral pela demarcação que dá ao termo deixa apenas aos povos do

Recife o direito de apanhar marisco em só metade do rio !

— Nem outro alvitre seria justo ; pois tambem os povos de Olinda, que são tão bons como os povos do Recife e como elles comem marisco, só ficam com o direito de o apanhar em a outra metade do rio.

O argumento era de estucha ; mas D. Sebastião tinha sempre uma avenida por onde se escapava.

— O rio pertence ao Recife, senhor ouvidor.

— Pertencerá si lh'o derem, e não ha de ser com o meu voto ; que por ora pertence á Olinda, cujo deve ser em parte igual.

— Está bem. Ainda não tenho juizo assentado sobre este particular, que se carece mui estudado e reflectido, como objecto que toca tão de perto á pobreza.

Nesta conformidade resolveu Sebastião de Castro ouvir acerca da questão ao provedor da fazenda e outros ministros da capitania ; porque era homem que se não decidia sem metter-se antes em uma barrella de conselho, para lavar da consciencia todos os escrupulos.

Opinaram os informantes que se formasse o novo termo com as quatro freguezias do Recife, Cabo, Moribeca e Ipojuca ; mas não era a porção de territorio e a commodidade dos povos, o que

mais preocupava o animo do governador, e sim a magna questão do marisco.

Parecia que sendo o marisco objecto de tamanha importancia, era de justiça, como dizia o ouvidor, reparti-lo entre a pobreza das duas villas; mas isso que se figurava tão simples, enredava-se com mil filigranas no espirito do governador a ponto de tornar-se um inextricavel labirintho ou outro nó gordio, impossivel de desatar..

As consultas de tantos informantes consumiram os dez mezes decorridos; para dar a ultima demão ao negocio chamara Sebastião de Castro os ministros e principaes á conselho para revêr a materia e assentar-se definitivamente no melhor alvitre.

Mas, durante esse lapso de tempo, não dormia o governador sobre o caso.

Por ordem sua se lavraram ás occultas e de noite no Forte do Mattos as pedras de cantaria para o novo pelourinho; de modo que sendo preciso se podesse erigir a villa de um dia para outro.

Naquelle tempo não se criavam cidades e villas como hoje, com uma pennada; era indispensavel a picota, erguida na praça concelheira, ás acclamações do povo, como padrão do governo da terra.

Com o seu peço de ingerir-se em tudo, ia o governador regularmente nos passeios da tarde, ao Forte do Mattos examinar o andamento da obra, e

ahi entendia com os canteiros sobre o corte das pedras, a ferramenta e outras minudencias do officio; pois foi elle um encyclopedico, que em tudo fallava de cadeira e dava quináo.

Esse negocio do pelourinho era um segredo que não passava do secretario Barbosa de Lima, do ajudante Negreiros, do almotacé, além dos canteiros, os quaes estavam prevenidos de que a menor indiscripção os lançaria nos subterraneos das Cinco Pontas.

Sucedeu porém que na volta da casa do Vianna, a senhora Rufina que vinha tinindo, disse para o marido :

— Fique com esta que lhe digo, senhor Simão; que o tal governador é um papa-sorda.

A verdade historica obriga-nos bem a nosso pezar a repetir as palavras descabelladas da virago recifense, sem que por isso deixemos de catar o respeito devido a memoria de D. Sebastião.

O almotacé que nem por sombra suspeitava do epigramma feito á perna cabelluda de sua cara metade, ficou estupefacto.

— São modos, senhola, de fallal do excellentissimo goveInadol, o blaço de El-lei nesta capitania?

— Eu cá, tornou a matrona ficando o punho no quadril, não tenho papas na lingua, o senhor bem sabe; nem estou mais para aturar as lérias do paspalhão de seu amo; que tão bom é um como o outro!

O Sr. Simão Ribas zozzo com essa desenvoltura de lingua de que apenas damos a amostra, assentou de applanar o fogacho que ameaçava perturbar a paz conjugal ; e não achou melhor meio do que revelar á sua digna esposa o segredo do pelourinho, recommendando-lhe porém inviolavel sigillo.

Ora a Rufina que ruminava no modo de atizar o governador contra os olindenses ; viu logo todo o partido que podia tirar do negocio do pelourinho, e no dia seguinte bem cedo apromptou-se para ir á Ignacinha.

Tratava-se de levar á Olinda a noticia do que se estava fazendo no Forte do Mattos. Era uma pedra que mettia no sapato dos nobres, com a esperanza de os instigar contra o governador e assim obrigar este a deixar-se de pannos quentes.

Ao entrar na cadeirinha que a esperava no corredor, correu a menina Martha dizendo :

— Senhora, mãi, veja uma cousa que agora mesmo atiraram da janella !

— Que é isto ?

— Um papel, respondeu a menina mostrando. Veio assim embrulhado, e tem umas cousas escriptas.

— Pois destrinça lá isso ! ordenou a senhora Rufina que estava com pressa : mas logo arrepen-

dendo-se estendeu a mão para tomar o papel. Não, que pode haver ahí alguma brejeirada !

— Não tenha susto ! respondeu Martha sorrindo.

— Então sabes o que está ahí?

— Si eu já li ! disse a maliciosa menina. Quer a senhora mãe ouvir ?

E sem esperar resposta, leu a Martha desta vez com o maior desembaraço a redondilha que na vespera fizera o Lizardo.

— Dá cá, dá cá, menina ! exclamou a senhora Rufina nadando em jubilo. Agora é que as taes remelosas se vão esconjurar ! Isso não passa de artes de padre João da Costa. Elle não é trovista ; mas anda mettido com o Tunda-Cumbe que tem o seu geito, o diacho do gallego ! Eu só estou imaginando a cara da tal Severa ! A arrenegada então que é mesmo um páo de virar tripas !

Metteu-se á final a Rufina na cadeirinha que partiu levada por dois pretos carregadores ; e pouco tempo depois parava á rotula da Ignacinha. Quem accudiu ao bedelho foi o Cosme Borrvalho, que reconhecendo a mulher do almotacé, quiz recolher-se ; mas era tarde.

Felizmente veio tira-lo dos apertos, a prima, correndo á receber na porta a senhora Rufina, enquanto o Pisca-pisca á esconsa enfiava a garnacha que havia enforcado no garabato da candeia, e

compunha um tanto a frescalhota, pois o nosso escrevente estava, com o devido respeito, de cuecas, e estas ornadas de dois rombos enormes nas partes mais rotundas do seu individuo.

Não escaparam á mulher do almotacé esses por menores, que franziram-lhe a testa, afilando o nariz já de natureza pontudo e daquelle molde que o povo na sua linguagem pittoresca chamou com muita propriedade *nariz de sovela*.

Vendo a Ignacinha arriscada sua boa fama de viuva recatada, arranjou logo uma peta para explicar a presença do Cosme em sua casa áquella hora e com tamanha sem cerimonia.

— Este é meu primo que está de escrevente de cartorio; e como chegou agora muito cansado lá do Monteiro, onde foi por uns papeis, e como estava pingando de suor, coitado!... Então eu lhe disse que tirasse a chimarra para refrescar.

Nesse momento não mentia a viuva, que o Piscapisca suava de veras para acertar com a mão na manga direita, cuja cava lhe fugia quando cuidava acertar, tão atrapalhado estava elle com a presença da esposa do almotacé. Tambem de seu lado elle via perdida, não a fama, do que pouco se lhe dava, mas a prebenda que esperava alcançar dos mascates como premio de seus prestimos.

A senhora Rufina ouvira de pescoço teso e ar empertigado, a esfarrapada mentira que lhe pregara

a viuva, sovelando com o canto do olho ao pobre do Cosme Borrvalho que estava em termos de desconjuntar o hombro e enfiar-se d'uma vez elle todo pela manga da garnacha, como o mais prompto meio de sumir-se!

— Senhora desavergonhada!.... gritou afinal a Rufina crescendo para a viuva.

Desabava a borrasca, e bem o conheceu a Ignacinha que sem dar-se por achada do epitheto que a outra lhe acabava de pregar na bochecha, achou modos de arredar o temporal desfeito que vinha sobre ella.

Pondo-se na ponta dos pés, alcançou o ouvido da Rufina, que não teve tempo de afastar-se.

— Foi elle que trouxe o verso de hontem.

Operou-se na attitude da mulher do almotacé subita mudança; não que ella desengatilhasse de todo o carão engravidado pela sua pudicicia arrufada; mas já não ameaçava disparar n'uma descalçadeira, como as sabia dar a matrona recifense.

— Então este sujeito tem partes com os de Olinda? perguntou em tom de juiz, que ella tinha mais que o marido almotacé.

— Pois si é escrevente do cartorio? E tambem copia os papeis do licenciado, o David de Albuquerque, que é o trampolineiro-mór dos taes pés-rapados. A senhora não sabe?... O maldito do entrevado, que antes Nosso Senhor lhe tivesse mirrado

a lingua e encarquilhado a mão para não fazer o mal que está fazendo, e que o ha de levar direitinho ao inferno. Oh ! si ha-de !

Em quanto fallava a Ignacinha, o Cosme que a final se havia composto fazia-lhe do canto signaes de silencio ; mas ella ia por diante sem importar-se com os esgares do rapaz.

Quanto á mulher do almotacé, prestando á tagarelice da Ignacinha ouças distrahidas, estava ruminando no caso.

Era a senhora Rufina um politicão de primeira força : basta que não tendo nada de bonita, antes sendo soffrivelmente feia, conseguia metter o seu gadanho na governança por meio do marido. Assim no trafego da sua quitanda, entravam com os cuentros e repolhos da horta, uns officiosinhos de justiça ou fazenda, e patentes das ordenanças.

A resulta das cogitações da matrona foi, que não devia transtornar o seu plano por causa de uma pouca vergonha que lhe estava inchando os bofes, mas que ao cabo não lhe tocava de perto. Fez ella o que actualmente estão fazendo todos os dias os chefes de partido, que no interesse de sua ambição servem-se do talento prostituido de um insigne tratante, com quem se atrelam e convivem na maior familiaridade, como amigos e compadres.

Pensam elles que mais tarde, quando deitarem fóra esse torpe instrumento, podem lavar a mão

que o manejou ; mas enganam-se que essa lepra moral da corrupção não ha lexivia que lhe apague a macula.

— Diz você, mulher, que foi o moço, quem trouxe aquelle desaforo da canalha de Olinda ?

— E juro, senhora ! Pelas Chagas de Nosso Senhor Jesus Christo, que, si não fôr verdade, eu não me arrede daqui ! Elle está ahi, que o diga !... terminou a viuva apontando para o Cosme, que encolheu-se como a ostra na casca.

— Estas cousas não se fallam tão alto ! observou o Pisca-pisca em tom submisso, indo á rotula espreitar pelas rejas si alguem estava á escuta.

— Pois elle que trouxe o desaforo ha de levar a resposta ; tornou a Rufina. Cahi-me a sopa no mel. Eu vinha mesmo por este particular. Chegue cá, moço !

Approximou-se o Cosme ainda sarapantado; mas sempre embiocado na ronha, que não o abandonava nos transes mais arriscados.

— Ora, exclamou a senhora Rufina, é o Cosme Borrvalho, o moço do entrevado !

— O proprio, senhora de minha veneração.

— Pois melhor. Ouça cá !

Ouviu o Cosme sornamente o recado da senhora Rufina.

— Eu... eu... Cos.. Cosme Borrvalho, disse o escrevente que gaguejava quando lhe fazia conta; eu

sou o mais humilde servo... servo dos servos... da senhora D. Rufina, muito digna e excellente esposa do senhor juiz almotacé; e sempre que precise da insignificancia do meu prestimo, me verá a seus pés, como o ultimo de seus captivos para receber as ordens, que é uma honra servir a tão virtuosa dama.

Aqui o Cosme deu um torcicolo e fez uma caramunha de lastima :

— Mas veja a senhora que eu que não tenho eira nem beira, vivo da rasa do cartorio e mais de alguns magros vintens que tiro de copista do licenciado. Ora si lá desconfiam que eu ando mettido nas contendadas dos senhores mercadores com os pernambucanos, com certeza me poem na rua á vêr navios, sem ter com que comprar um bocado para a boca.

— Não tenha medo que não desconfiam; disse a Rufina.

— Eu tambem acho ! acrescentou a Ignacinha.

— Si já elles andam de orelha em pé por certas cousas !... Agora si... si a senhora D. Rufina, senhora da minha maior veneração, que pode tudo por seu honrado esposo, o qual é pessoa principal da terra; si a minha rica senhora, quizesse... quizesse ser madrinha deste pobre coitado, para lhe arranjar um dos officios da villa que se vai crear, então... então... já eu estava mais descansado e podia fazer as cousas com geito.

— Está dito. Faça o que lhe mando, e conte com o officio que se ha de arranjar.

Feita a avença, o Cosme Borralho recebeu as ultimas recommendações da senhora Rufina, e como fosse uma dessas a presteza, botou-se á rotula para ganhar a rua.

— Espere lá, moço ! E a trova ? disse a mulher do almotacé.

— Pois a senhora não me deu para a levar ? perguntou o escrevente espantado e mettendo a mão no peito da garnacha onde guardara o papel.

— Dei sim : mas é que a gente fica sem saber o verso, e depois como se ha de espalhar ?

— Tira-se uma copia.

Sacou o Piscapisca do bolso da garnacha um desses tinteiros portateis, feitos de chifre, como usavam então, e ainda se viam nas escolas pelos principios deste seculo. Consistiam em uma boceta alta, que tinha no tampo um canudo onde se introduzia a pena para molhar-lhes os bicos.

Os outros petrechos de escrever trazia-os tambem naquelle bolso que era uma carteira ambulante. Só a penna, aquella faceira penna com a rama matisada de varias cores, estava ali provisoriamente ; pois o seu lugar era na orelha direita, onde fazia as vezes de insignia ou bandeira.

Mas tendo de pôr-se á fresca, segundo a versão

da Ignacia, elle accomodara a sua inseparavel na algibeira.

Sentando-se no paiol da janella, com a penna em cruz, e o joelho levantado para servir-lhe de banca, abriu o Cosme o papel que lhe dera a Rufina para o ler e copiar. Foi pôr-lhe os olhos e pestanejar de modo que bem justificava o appellido de Piscapisca.

— O que é? perguntou a Rufina desconfiada.

— Não... não é... não é nada. Está engraçado o remoque!

— Não... acha?... Ellas vão arrenegar-se! E' bem feito! Para que se mettem?... Repita lá para a Ignacinha que ainda não ouviu!

As duas applaudiram e commentaram com muitas risadas os versos, enquanto os copiava o matreiro do Cosme, que tendo conhecido a lettra do Lizardo, ficou-se com o original, dando á Rufina o traslado.

— Porque não leva o seu? perguntou a matrona.

— Podem conhecer-me a lettra.

Esse receio não o tinha o Cosme porque dos tres caracteres de lettra que elle dava como seus; nenhum empregara na copia, tendo ao contrario o cuidado de imitar o do nosso Lizardo, que mal sabia da tormenta que estava-se armando.

— Ah! outra cousa, moço!... disse de repente a Rufina atalhando a sabida ao Cosme. Quem foi que fez o desaforo daquella trova que você trouxe?

— Quem... quem... quem... fe... fe... fez... a...  
a... qua... qua... qua...

— Sim, sim, a quadra! gritou a senhora Rufina a quem estava agastando os nervos aquella amollação.

— Não... não sei!

— Por força que ha de saber. Você que a trouxe.

— Eu... ju... ju .. ju... eu ju...

— Estou vendo, homem, que você não, serve para escrivão; gagueja que não se entende! disse a Rufina em tom decidido.

— Eu não sei, tornou o Cosme, cuja lingua desprendeuse; mas ouvi dizer que foi um Lizardo de Albertim, um trovista, que é todo lá dos Cavalcantes.

— Lizardo?... E' um camarada do Nuno?

— Isso mesmo!

— Conheço muito! acudiu a Ignacinha. Um aluado que anda sempre a olhar as estrellas! Elle passa por aqui todos os dias com um gibão de velludo já muito surrado, que perdeu a côr; por signal tem dois batoques nos cotovellos. Logo vi que havia de ser um cousa atôa.

— Pois eu prometto-lhe fazer presente de um gibão novo, mas ha de ser de velludo verde de cançansão, que é mais chibante.

— Elle nãe fez por mal! observou o Cosme.

Tanto que os seus rendimentos são cá para o Recife, onde está a dama de seus affectos.

— E quem é esta buginica ?

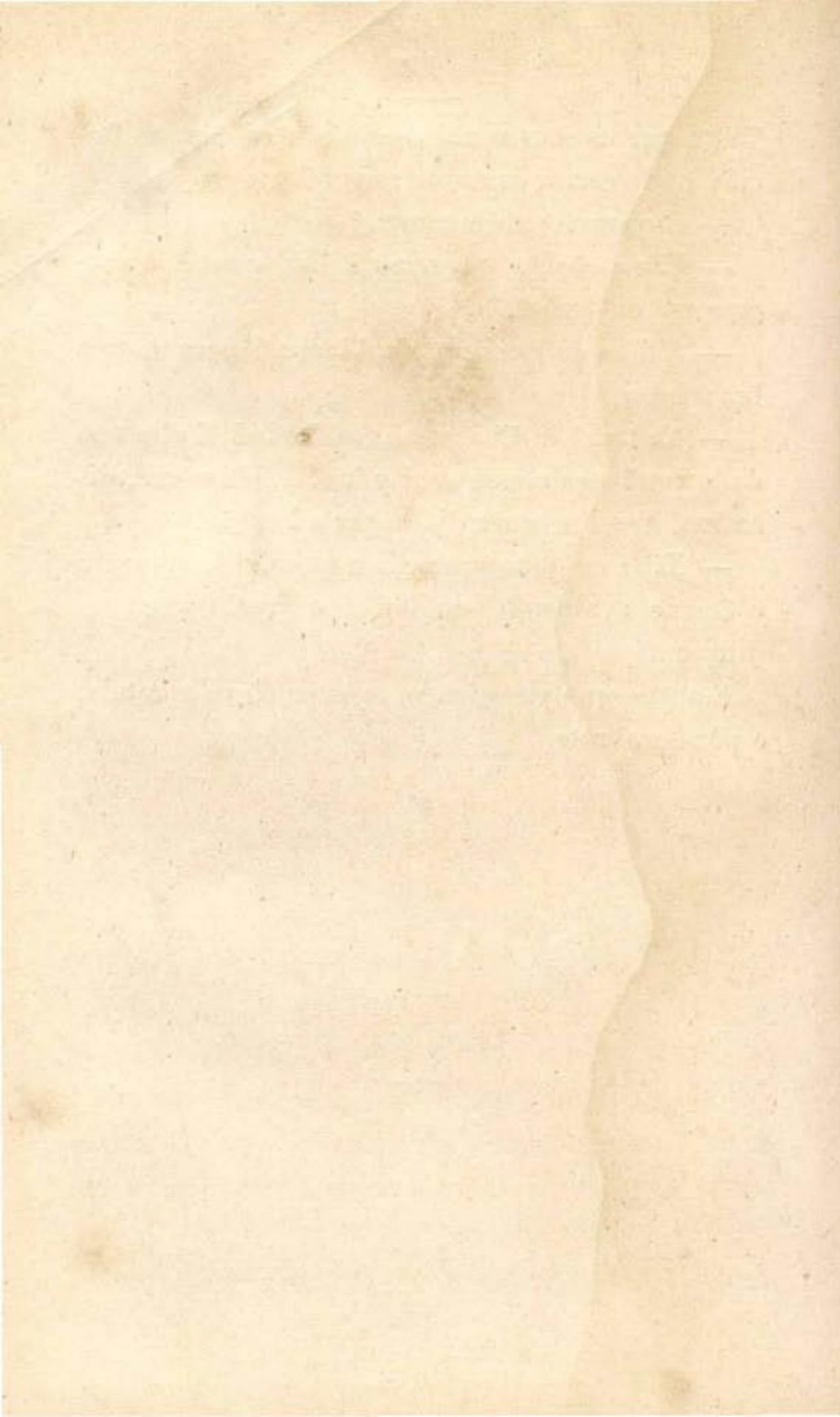
— Elle a chama em verso Belisa que é o anagramma de Izabel.

— A filha da Rosaura do Vianna ? perguntou a Ignacinha.

— Ah ! ah !... E' a minha afilhada ! E ella tem dado confiança a esse malandro ?... Diga-me, diga-me, que lhe quero já negar a benção.

— Não ; eu penso que ella nem sabe ! retorqui o Cosme apalpando no bolso o papel da redondilha.

E antes que viesse novo aperto, abriu a rotula, e pôz-se a trote.



## XI

COMO O NUNO FOI ACCRESCENTADO DE PAGEM A ESCUDEIRO,  
E O LIZARDO REBAIXADO DE POETA A VAGABUNDO.

Na sala principal da casa de André de Figueiredo estão reunidas varias pessoas.

Da banda fronteira a entrada vê-se D. Lourença Cavalcante, sentada em cadeira de espaldar, tendo junto de si um bufete pequeno coberto de colgadura rôxa que arrasta no chão. Ahi estão os recados de que serve-se a dama naquelle momento para escrever cartas.

Do outro lado do bufete, a irmã D. Antonia Barbalho, mãe de Leonor, fia em uma roca de braúna as alvas pastas de algodão que enchem o cabaz de palha posto a seus pés. Em seu benigno semblante está pintada a alma tibia e frouxa, que as irmãs dominam e affeiçoam como uma cera.

A esquerda, no intervallo das janellas, lá está

em tamborete raso, para se dar ares de donzella, a nympha olindense, a formosa Clelia, nome este porque era conhecida no Pindo a senhora D. Severa de Souza. Occupa-se ella com a leitura de seu livro favorito o Palmeirim de Inglaterra.

A direita, no longo estrada forrado de pannos de arraz, com figuras e ramagens, estão de tarefa as moças da casa e parentas, entre as quaes distingue-se Leonor, pela formosura, como pela melancolia; pois em quanto as outras vão chilreando risos e segredinhos ao ouvido, ella de cabeça baixa, absorve-se no seu trabalho.

Um escravo de libré postado em cada porta para qualquer chamado e o mais que fôr preciso, espera as ordens.

Leonor trabalha em uma touquinha de renda, que destina á neta recém-nascida de sua velha ama, a Brites. Está agora enfeitando-a de rosas de maravilhas, e essa occupação lhe encaminha o espirito para umas saudades, que ella esconde no refolho d'alma para não n'as advinharem e que são menos o recordeo de uma ventura fruida, do que a viuvez de uma doce esperanza.

Sem que ella se apercebesse, tão destrahida estava, começou-lhe o seio a desafogar em suspiros, e após elles veio um como murmurio de intenso queixume que se foi desprendendo a pouco e pouco em suave e ternissima endeixa. Cantava

em voz submissa as coplas de um romance antigo que lhe trouxera a memoria certa conformidade de pensamentos.

Filha, filha da minha alma,  
Com que te baptisaria ?  
As lagrimas de meus olhos  
Te sirvão d'agua da pia.

Chamar-te-hei minha Rosa  
Rosa, flôr de Alexandria,  
Que assim se chamava d'antes  
Uma irmã que eu queria.

Aqui a voz feneceu, para tornar pouco depois, repetindo já coplas de outra cantiga em que então se enleava a fantazia da donzella :

Nada em dôr, em dôr criada  
Não sei isto onde irá ter  
Vejo-vos filha, formosa,  
Com olhos verdes crescer.

Não era esta graça vossa  
Pera viver em desterro ;  
Mal haja a desventura,  
Que pôz mais nisso que o erro.

— Que ha de você Leonor estar sempre a amofinar-se atôa com umas tristezas tão sem proposito ! disse D. Lourença interrompendo a cantiga da sobrinha com um tom de reprehensão.

— Eu?... exclamou a donzella confusa.

— Ora que tem que a menina desafoque suas maguas, D. Lourença? Antes cante ella suas en-deixas, que os zephiros vão desfolhando pelos ares, do que as congele no seio para se derreterem em aljofares de sentido pranto.

Assim fallou a D. Severa que bem mostrava na linguagem alambicada o commercio poetico, que entretinha com o Lizardo.

— Si já é um sestro desta menina fingir-se des-venturada e viver só a lastimar-se desde que o dia amanhece? Não sabe outras cantigas sinão essas que fallam de desgraças, de pranto e quanta cousa ha de triste?

— Nisso de cantiga não ha para mim como a da *donzella guerreira!* exclamou D. Severa com enthusiasmo, e soltando a voz de flautim começou á gargantear estas coplas:

Sete annos andei na guerra  
E fiz de filho barão,  
Mas ninguem me conheceu,  
Só si foi meu capitão.

Conheceu-me pelos olhos  
Que por outra cousa não;  
Foi meu capitão na guerra,  
Agora o fiz meu barão.

Ouviram-se uns risos abafados, de que não fez o menor caso a nympha olindense.

Leonor que tivera tempo de recobrar-se da perturbação, cuidou em disfarçar o verdadeiro motivo de sua magua.

— Pois minha tia, não temos nós todos razão para affligir-nos com as desgraças que ameaçam esta terra ?...

— Que desgraças são estas agora ? perguntou D. Antonia á filha.

— Ainda hontem, minha mãe, a velha Brites me esteve contando que pela quaresma, em noite clara, se viu a lua partida pelo meio em duas bandas, uma no seu natural alumando o céu, e a outra coberta de sombra que parecia um dó, no que bem estava mostrando as guerras que hão de acontecer entre Olinda e o Recife, e o luto em que ficará uma das partes.

Estas palavras da moça causaram viva commoção no animo das pessoas ali reunidas.

— Tal e qual succedeu ! disse D. Francisca mulher de André de Figueiredo.

— Eu vi com estes olhos ! acrescentou D. Genoveva, casada com Antonio Tavares.

— Que tem isto ? acodiu D. Lourença. Guerra havemos de fazer, que assim é preciso para defender os foros da nobreza ; e sem ella de certo que não poderemos ganhar a victoria, e abater a

grimpa dos mascates. Nem outra cousa significa essa conjunção dos astros, sinão a gloria de Olinda por um lado, e a ruina do Recife pelo outro.

— Mas ha quem diga, minha tia, replicou Leonor, que a parte escura ficava para as bandas de Olinda.

— Não acredite em abusões, menina; que esta lua é pernambucana e não prognostica males aos filhos que nasceram em sua terra.

— Olha, Leonor, que tua tia sabe estas cousas dos astros, como ninguem.

— Sei, minha mãe, sei, que a tia D. Lourença é muito versada em todas as sete artes liberaes; mas tenho uma cousa que está me dizendo... E então quando me lembro da milagrosa imagem de Nossa Senhora do O', que o anno passado, na vespera de Santa Anna, suou sangue, o que todos disseram ogo ser presagio de grandes perturbações, com guerras, mortes e toda a sorte de desastres! . . .

— E por signal, que se passou a sua imagem do altar que teve na igreja de S. João para a capella do Santo Christo na Sé: disse D. Francisca.

— Para vêr si ahi perto do Senhor Crucificado ella intercedia com seu bento Filho para arredar de nós estas calamidades; accrescentou D. Geneveva.

Ouvira D. Lourença as razões da sobrinha e das

cunhadas com o modo grave e reflectido que lhe era natural ; tanto mais porque os presagios de que tratavam as damas eram tirados de factos notorios e attestados por pessoas de toda a fé. Ainda hoje dura a tradição, conservada por Sebastião da Rocha Pita e o padre Manoel Leitão, que delles dão noticia pelo mesmo teor, ou com pouca differença.

— Sem duvida que muitos males estão a cahir sobre esta terra, disse D. Lourença ; e antes dos prognosticos divinos, já era dado aos prudentes anteve-los nos humanos designios, pela soberba e arrogancia dos mascates nestes ultimos tempos. Mas esses males vem mandados do céo para castigar a culpa de agasalhar miseraveis aventureiros; e para expurgar a nossa terra dessa praga vil de forasteiros, que a está damnando. Nossa Senhora do O' que é pernambucana, e tem altar erguido nesta terra que regamos com o nosso sangue para a arrancar aos hereges e framengos, e conserva-la ao Padroado de Christo ; Nossa Senhora do O' e sua côrte celeste não hão de desamparar os defenrores da fé e cavalheiros da christandade. Si ella suou, a milagrosa imagem, não foi de lastima por nós, mas sim de pezar e tristeza por ver que se estão abatendo os antigos brios pernambucanos, por modo tal que já não haverá quem preserve esta terra de ser preza dos francezes, si como se affirma

e eu creio, andam elles correndo a costa e preparando-se com grandas emprezas a acommette-la, que, isto dizem, já chegou aviso de Lisboa ao governador.

Por esta amostra imagine-se o papel importante que devia representar D. Lourença nas assembléas politicas dos parentes. Si vivera em nossos dias, com a sua litteratura e disposições para a oratoria, com certeza já se teria mandado annunciar a rufos de tambor para a proxima *conferencia popular*.

— E' desenganar, senhora ; acudira D. Severa. Emquanto não apparecer nesta terra de Olinda outra heroína como D. Clara, que arvore a gineta das damas, os negocios hão de andar baralhados. Mas não tarda muito que não vejam apparecer aqui mesmo em Olinda uma *Ala das donzellas*, com seu capitão, que ha de escurecer a fama de Mem Rodrigues e da sua *dos Namorados*.

— O capitão, já se sabe quem é ? tornou D. Lourença com um sorriso, em que a acompanharam as outras.

Não lhe respondeu D. Severa, porque voltando-se para chamar o seu pagem de estrado, o qual como se devem recordar não era outro sinão o brejeiro do Nuno, que de mascatinho virara donzel ; apercebeu-se a dama da ausencia do rapaz. Levantou-se logo e foi-lhe na pista.

Pouco havia que sahira da sala, e ainda as outras se riam dos arreganhos marciaes da nympha; quando o lacaio da entrada veiu com recado de segredo a D. Lourença, a qual deitando os olhos para o corredor viu apparecer no fio da porta fechada a meio, um pedaço de cara de fuinha, que se havia de jurar ser a do Cosme Borrvalho.

— Está ahi o moço do senhor licenciado, David de Albuquerque: disse o escravo á puridade.

— Leva-o para o oratorio, que já ahi vou: respondeu a dama.

D. Lourença deu tempo a executar-se sua ordem e sahindo por uma porta do interior dirigiu-se ao logar indicado, que era o mais reservado e onde se tratavam os negocios de monta.

Entretanto D. Severa corria toda a casa á busca do Nuno, mas não lhe viu nem a sombra.

O brejeiro do rapaz, que era um azougue, aborrecido da estação a que o obrigava a D. Severa, em pé atraz de sua cadeira, como pagem de estrado; não perdia occasião de escafeder-se e ganhar a rua ou quintal. Naquelle dia achando aberta a casa do trem, aproveitou a occasião tão suspirada, e armando-se de uma grande catana, começou a esgrimir contra uma armadura completa que posta no meio da casa e enfiada no seu cabide, parecia um guerreiro antigo armado de ponto em branco.

Saltava o endemoniado moço como uma pulga em volta da ponoplia e desfechava-lhe cada cutilada, que feria fogo na coiraza e sobretudo no capacete.

— Defende-te, villão !... gritava elle. Que si não te corto em talhadas com esta espada como uma melancia ! Em guarda, ajudante das duzias ! Olha este golpe terçado !... Zas !... E este de ponta !... Traspassado, barbudo do inferno !... Rende-te, ou morre, negro, negreiro, negrão !...

No meio deste fero combate em que o Nuno imaginava estar pelejando com o ajudante Negreiros, o homem de sua especial birra ; ouviu elle um rumor do lado da escada, e receiando que lhe andassem á cata e o pilhassem na embrechada, foi espiar ao corredor, e bispou o Cosme que subia os primeiros degrãos.

Veiu-lhe a curiosidade de saber que novidades trazia o Piscapisca áquella casa, onde elle affirmava que não punha os pés ; e separando-se pezaroso da catana ficou de espreita ao escrevente a quem viu entrar para o oratorio, onde com pouco foi ter a D. Lourença.

Não podendo escutar o que passava dentro, pôz-se de plantão na escada para cortar a retirada ao Cosme e fallar-lhe ; sobretudo desejava ter novas do que ia pelo Recife, depois que de lá se partira. Infelizmente a D. Severa que voltava de-

senganada de o achar, veiu esbarrar com elle e arrecaudou-o.

— Ora, muito bouito! Estou eu a procura-lo; e o senhor a peraltear! Fique sabendo que um pagem bem ensinado deve estar sempre junto da dama cujo é, como seu caudatario e donzel, para defende-la e servi-la a um seu aceno.

O Nuno recebeu o sabonete de cara murcha; mas assomando-lhe a natural petulancia, levantou a crista contra as pieguices da dama que pretendia faze-lo de menino.

— Saiba tambem a senhora que eu estou prompto a servi-la e tenho nisso muito gosto, mas ha de ser como seu escudeiro e homem d'armas; que lá essa historia de pagem e donzel é para os pirraletes de quatorze annos, e eu cá ja sou um homem.

— Quede a barba?

— A barba? isso arranja-se, ainda que se pode bem dispensar, e a prova é que D. Antonio Felippe Camarão que foi insigne capitão não tinha um fio, nem a sua descendencia; e mais eu posso comprar dois mustachos bem fornidos, para compôr o rosto, como o moço que faz de Ferão Brigoso, na farça do *Juiz da Beira*.

— Mas não vê você, Nuno, que um pagem é mais proprio para uma dama?

— Pois eu de pagem não fico, nem que me serrem!

— Está bom! Fica sendo meu escudeiro.

— Isto é outra cousa.

Nisso esgueirou-se pelo corredor o Cosme que sahia do oratorio, e desceu as escadas a trote miudo. Quando o Nuno se pode desembaraçar e lhe foi no encaço já não o avistou.

D. Severa entrou na sala ao tempo em que D. Lourença de volta do oratorio, e sentando-se de novo ao bufete, lia um papel que trouxera. Era a fatal redondilha que a menina Martha obrigara o Lizardo a escrever na camera de Izabel.

D. Lourença, não se podendo chamar gorda, era uma senhora reforçada, que no seu porte cheio de dignidade dava uma idéa da matrona romana, Os versos não se podiam pois referir a ella o que a dispoz a achar-lhe chiste.

Olhou sorrindo para a D. Severa, que lhe andava sempre a disputar as primazias.

— Quer ver, prima D. Severa até onde chega o desaforo da ralé dos mascates? Pois não mandaram pregar nas esquinas estas rimas desavergonhadas? Ouça:

Escorridas como fuzo  
As damas d'Olinda são;  
Por fóra aquelle esparrame,  
Por dentro é só armação  
De panno, d'osso e arame.

Foi grande o escandalo das damas, especialmente das magras ; nenhuma porém como D. Severa, que erguendo-se de golpe, e atirando para traz com um couce a longa cauda, enristou a triumpho e bateu o pé :

— E' uma vingança daquelle villão descortez !... Do tal Sebastião de Castro !... Como não achou entre as nobres damas de Olinda os requebros das descocadas lá do Recife, manda-nos agora difamar por seus rimadores. Mas elle que não se metta !

Nesse instante souu na rua tropel de cavalleiros. Um troço de gente armada parou á porta da casa de André de Figueiredo ; e o sargento mór Leonardo Bezerra Cavalcante, com seu filho Manoel, subiram ao sobrado em busca do capitão.

Entretanto o Nuno, que voltava da caça que em pura perda tinha dado ao Piscapisca, avistou lá do outro lado, á esquina da ladeira do Varadouro, o Lizardo que vinha em busca da casa, mas que avistando a cavalgada, arrepiou caminho.

Esperou o mascatinho, que o poeta se resolvesse a ganhar a casa, cosendo-se á parede : queria communicar-lhe a grande nova de ter sido pela D. Severa acrescentado de pagem á escudeiro e homem d'armas.

O Lizardo porém vinha triste e abatido, para o que tinha sobras de razão. Na vespera, á Ave-Maria, fôra como de costume fazer de pé de muro no

beco, em adoração á rotula de seus amores ; mas quando elle esperava aquelle rufo suavissimo de unhas rosadas nas rejas de madeira, e aquelle coar da luz de uns olhos feiticeiros através das grades, abriu-se a gelosia com impeto, para logo fechar-se, batendo-lhe tres vezes com tanta ira, como si o estivesse castigando. Era o que se chama vulgarmente, bater com a porta na cara.

Nessa manhã repetira-se a crueldade da rotula, mas com um supplemento que pôz o remate á desventura do nosso trovador ; e foi que insistindo elle em abrandar, com a humildade de sua paciencia e a melancolia de sua compostura, os rigores da tyrana gelosia ; veiu de embaixada a negra Bemvinda despacha-lo por este teor :

— Moço, siga seu caminho, aqui no Recife tudo tem *perna cabelluda* !

Foi um relampago, que offuscou a alma do Lizardo ; quando cahiu em si, a negra se tinha sumido, e a rotula fechada estava muda como uma campa, e o era, de seu finado amor.

Belisa lêra a quadra que elle havia feito por ordem de D. Severa, e com razão se julgava offendida. Como porém soubera ella do autor, é o que não atinava o Lizardo, que estava bem longe de suspeitar das intelligencias do Cosme Borralho com a senhora Rufina no Recife, e com a D. Lourença em Olinda.

— Que te aconteceu por lá, que me pareces um farricoco, carregando tua propria tumba, pois a cara que trazes não é d'outra cousa? disse o Nuno ao poeta com a sua costumada galhofa, que desta vez era o disfarce da commoção ao vêr o semblante abatido do amigo.

— E não te enganas Nuno! E' uma tumba, o que estás vendo e não mais o infeliz que hontem era. E' a tumba de uma alma que nasceu para a dôr, e não viveu sinão para começar desde o primeiro instante a morrer aos poucos. Uma esperança a consolava na sua agonia e a prendia a este mundo por um tenue fio de ouro. Esse fio rompeu-se, e a alma acabou por finar-se.

Nuno abraçou-o com effusão.

— Mas diz-me, que houve que assim te mortifica?

— Belisa aborrece-me.

— Juro eu que não!

— Aborrece-me, e tem razão porque a offendi.

Ia o Lizardo referir ao amigo sua desventura, quando appareceu no saguão onde já então se achavam os dois moços, D. Lourença que andava no trafego da casa, dispondo o agasalho para os acostados de seus primo Leonardo Bezerra, que lhe pediu o aboletasse ali até a noite.

Avistando o poeta, repuchou-se a barbelha de D. Lourença, com o assomo imperioso que tomava

o seu collo nos momentos de rigor ; aproximou-se a dama com um modo tão severo que os moços estremeceram.

— Os ingratos são como as varejas, pois assim como estas empeçonham o corpo que as sustenta, elles vendem os protectores que os agazalham. Você, Lizardo, que tantos annos foi um familiar desta casa, onde nunca lhe faltou o necessario, acolhido pelos nossos com bondade, esqueceu todos estes beneficios, e fez-se com suas rimas famulo e serviçal dos mascates, a troco de alguma vil esportula.

O Albertim succumbido quiz protestar neste ponto ; não lh'o deixou a matrona.

— Tão negro procedimento devia arreda-lo para sempre desta casa, cujas portas d'ora em diante lhe estão fechadas. Si foi para ouvi-lo que tornou, pode desde já ir-se ; e é o mais prudente, porque em chegando o capitão André de Figueiredo e sabendo da sua gentileza, não ha de ter a moderação de que usei.

Albertim sorriu-se, como deviam sorrir os martyres através das chammas da fogueira ; e curvando a cabeça afastou-se com a dignidade da resignação ; que é mais respeitavel do que a do orgulho.

Nuno estava attonito ; não atinava bem com o que se passava ali diante d'elle ; parecia-lhe que expulsavam o Lizardo ; mas porque motivo ? Nesse es-

tado apenas pôde balbuciar uma palavra ao ouvido do amigo quando este lhe passou junto.

— Espera-me lá fóra !

Logo que D. Lourença arredou-se, correu o rapaz a rua ; mas apesar de todas as pesquisas não descobriu Albertim.

---



## XII

NO QUAL SE DESEMBRULHA O EMMARANHADO E PROFUNDISSIMO CASO DO MARISCO

Estamos em frente ao *Palacio das Torres*.

Assim chamavam-se naquelle tempo os paços que o conde de Nassau, principe da casa de Orange, fez construir para sua residencia na cidade Mauricia, e que depois da restauração ficaram para habitação de recreio dos governadores portuguezes.

Occupavam na ponta septentrional da antiga ilha de Santo Antonio, o mesmo sitio onde se acha actualmente o palacio da presidencia, em que successivas reparações e accrescimos transformaram a primitiva construcção.

Naquella época ainda apresentava o aspecto senhoril de um castello torreado, no estylo flamengo e de architectura superior na elegancia e solidez á grosseira alvenaria que introduziram no Braz

nossos avós, os portuguezes, já na decadencia de sua ephemera civilisação.

Compunha-se o edificio de um corpo quadrado, em dois altos pavimentos, alumiados por grandes arcadas. A frente era defendida por um reducto com duas cintas de canhões, uma á longo da escarpa e outra á cavalleiro.

De cada lado projectavam-se dois pavilhões, com as suas canhoneiras tambem guarnecidas, e após elles elevavam-se em quatro pavimentos as duas torres quadradas, cujos corucheus dominavam todo o valle do Bebiribe, desde os outeiros de Olinda, até as veigas de Santo Amaro.

No mais alto sobrado viam-se as atalaias; e logo abaixo nas amêas dormiam os morteiros que haviam defendido outr'ora contra o valor lusitano cidadella flemenga.

Tal era o Palacio das Torres, como o pintam as estampas daquelle tempo. Ahi nas casas ainda adereçadas com luxo de principe, faziam os governadores constante residencia, o que foi o primeiro escandalo para os nobres moradores de Olinda.

O senado representou a el-rei, o qual expediu varias cartas régias ordenando que os governadores assistissem na cidade com os ministros; mas estas ordens do rei velho, tiveram o mesmo effeito que hoje produz a soberania do povo menino.

Os governadores continuaram a morar no Re-

cife e só iam a Olinda para tomar ares ou para assistir ás festas de estado que celebravam-se na cathedral, e á qual mais de um fez-se conduzir debaixo de pallio.

Atravessemos a ponte levadiça abaixada sobre o largo fosso e que mais parece dormente a julgar pela ferrugem das correntes que a prendem ás columnas da frontaria. Entremos o portico do castello; e passando pelo saguão em abobada vamos ter á sala d'armas.

Deixando á direita as portas de communicação para o pavimento terreo e em frente á arcada que abre sobre o pateo; subamos a escada que fica á direita; e que nos leva em dois lanços a uma antecamara do sobrado.

Ahi estão os lacaios do governador, que dirigem os visitantes á proxima alpendrada, corrida em volta do pateo, sobre columnas de jacarandá, tão bem torneadas e burnidas, que figuram basalto.

Tres lados dessa galeria estão desertos e silenciosas; no quarto porém começam a enxamear entre os officiaes de sala do governador, a gento da governança. e muita outra da principal da terra, que vinham ao *jube dominé*, sem fallar da chusma interminavel de pedintes que nesses dias cahiam sobre o governador como um mosqueiro sobre uma forma de assucar.

São nove horas da manhã.

A concurrencia era mais numerosa ainda que de costume, porque sendo esse o dia marcado pelo governador para a junta na qual se havia de decidir definitivamente a questão da villa, que era um caso de monta, ou como se diria hoje uma *questão de gabinete*; aguçara-se a curiosidade, e todos que tinham entrada no palacio, lá foram na esperança de colher alguma cousa.

Em quanto não apparece D. Sebastião, aproveitamos a occasião para dar uma ligeira noticia do que eram então as antecameras de um palacio.

No lanço da galeria franqueado aos estranhos viam-se grupos de moradores, que rodeavam alguns dos officiaes de sala, para ouvir desse oraculo do governo as novas de importancia ou para simplesmente participar do contacto palaciano, o qual para certa gente é um estofo indispensavel.

*Officiaes de sala*, chamavam-se então certos individuos que os governadores nomeavam para ficarem de estado á sua pessoa; e como esse officio não tinha assento na folha, e por conseguinte não vencia salario nem propinas, eram para elle escolhidos de preferencia os que tinham praça na milicia, ou que desfructavam alguma tença e mercê.

Esses officiaes tinham aposento no paço, serviam ao mesmo tempo de camareiros e escudeiros, para fazerem sala ao governador como para o acompanharem em qualquer cerimonia e á passeio.

D'ahi vinha sua designação, a que elles correspondiam á risca desfiando as longas horas do dia, naquella galeria ou nos repartimentos baixos, sem occupar-se em cousa, sinão util, ao menos séria.

O tempo que lhes deixava de folga o plantão da sala, despondiam-n'o em medir com o compasso das pernas os soalbos alcatifados; recontando pela centesima vez umas anedoctas palacianas que já tinham mofo, mas em que elles achavam sempre um chiste particular, que provinha do forte sabor cortesão.

A não ser que chegassem novas do reino, o unico assumpto da pratica desses plastrões era D. Sebastião de Castro. — «O homem accordou.» — «Está almoçando.» — «Vai aos fortes.» — «Ainda não jantou.» — «Sabe á passeio.» — «Entrou para o gabinete.» Taes eram os graves acontecimentos que preoccupavam exclusivamente esses individuos, muitos dos quaes tinham familia.

Si acontecia que D. Sebastião espirrasse, esse phenomeno tornava-se o thema da palestra por muitos dias. «Estará enfermo o homem, cuja saude robusta não conhece achaques?» — dizia um. — «Quem sabe si esse intempestivo defluxo não trará alguma perturbação grave no regimen de palacio?» exclamava outro. — «A rheuma é traçoeira, e não seria máo chamar-se logo o physico em tempo:» opinava terceiro. — «Os grandes desastres nascem

muitas vezes de pequenas causas, e deste catarro pode provir a perda da capitania, que os peche-lingues andam na costa; » prognosticava o quarto. — «Fóra com os agouros; o espirro sempre foi um signal de boa saude», concluia o quinto.

D. Sebastião de Castro afóra os officiaes do costume de seus antecessores, nomeara mais uns dois ou tres, que tinham outra incumbencia especial, além de fazer sala. Esses espalhavam-se pelas ruas do Recife e Olinda, onde sua posição lhes dava entrada em qualquer casa; correndo a cochia iam colhendo quanta novidade e mexericos topavam no caminho, e com essa bagagem voltavam a palacio.

Era pela diligencia de taes alviçareiros que D. Sebastião andava sempre bem informado de tudo quanto occorria nos dois povoados e do mais que inventava a maledicencia. Assim áquella hora, já elle tinha de cór as duas trovas do Lizardo, e sorria-se do parallelo que faziam a perna cabelluda da Rufina com o caniço da D. Severa.

Apreciava Sebastião de Castro em alto gráo os seus officiaes de sala. Não os podia dispensar. Quando sahia a cavallo á percorrer as fortificações, para fazer mostra e alardo de sua actividade, levavo-os de roldão, á desfilada, por barrocas e corcovas. Fazia-os apanhar sol e chuva, de cabeça exposta ao tempo, sem a menor consideração á calva

dos pellados ou ás cãs dos velhos. Deixava-os á curtir fome e sede, enquanto elle examinava uma frandulagem qualquer, que encontrava em suas escursões.

Mas quem penetrasse no interior de Sebastião de Castro conheceria que para o fidalgo esses officiaes com raras excepções, não eram homens, porém uma cousa entre o criado e o animal; uma especie de mobilia de palacio. Não lhes tinha a menor estima; quando muito sentia por elles a afeição do habito que tomamos á um traste, pela commodidade que nos presta.

Si algum morria, era uma contrariedade e nada mais. Mandava por um companheiro dar os pesames á familia; e á noite para distrahir-se comparecia ao saráo da nobreza ou dos mascates.

Entretanto contava-se que si acontecia adocer algum dos seus criados de quarto, sahia elle com toda a comitiva, pondo de parte as cousas do estado, para visita-los ao leito. Estes factos eram depois referidos e commentados com muitos louvores á caridade do fidalgo.

Na extremidade da galeria estava uma sala com as paredes cobertas de lambeis e alcatifada com um tapete da Turquia e cadeiras estufadas de veludo de Uthretch; restos já rafados das galas primitivas. Para esta sala entravam os homens da

governança, que deviam compôr o conselho ; e iam ali esperar as ordens do governador.

Estavam todos mais ou menos impados e repletos de sua importancia como homens que tinham de dar o seu voto sobre a profunda, intrincada e campanuda questão do *marisco*.

D. Sebastião estava naquelle momento á mesa do almoço, que elle despachava com a presteza de um soldado. Essa particularidade, junta a seus habitos frugaes, apesar da profusão e variedade do serviço, tinha desde o principio de seu governo causado reparo.

O padre João da Costa, quando soube que o fidalgo tinha esse costume de que lhe resultava ficar affrontado depois da comida, augurou mal do governo ; porque em sua opinião um homem que não comia bem, e não digiria melhor, não podia conduzir convenientemente a nau do estado.

Sebastião de Castro, a quem frequentemente damos o *dom* que elle não tinha, apesar de ser da primeira fidalguia d'entre Douro e Minho, mas que de todos recebia por unanime aclamação ; era exemplar no seu viver privado. Das virtudes que fazem o homem de bem, nenhuma lhe negara a natureza, apesar de já lhe ter o atrito do governo gasto algumas.

Logo ao romper d'alva estava á pé ; e depois de composto fechava-se no gabinete que tinha em uma

das torres, onde empregava no estudo as primeiras horas do dia. Si dermos credito a Sebastião da Rocha Pita, era muito versado em cousas de guerra, que aprendera com seu tio Diogo de Caldas Barboza, nas lutas da liberdade do reino.

Algumas vezes sahia muito cedo a visjtar os fortes e prover sobre o regimento da terra, no que era de uma actividade incansavel; mas com a sofreguidão de tudo ver por si e remediar, acontecia, o que é muito commum, catar os argueiros nos olhos dos pequenos, e não enxergar as traves que lhe mettiam pelos seus o secretario e o ajudante.

Na mesa era sobrio. Seu prato usual consistia em um frangão cozido com papas de arroz á moda da India, e que lá chamavam *canjas*; mas não entrava nellas caril ou alguma outra especiaria. Raro bebia vinho; e seu postre não passava de goiabas, confeitas á maneira da marmelada, doce que já então se fabricava em Pernambuco de superior qualidade.

Ergueu-se Sebastião de Castro da mesa, e dirigiu-se á galeria. Um criado disparou para correr-lhe o reposteiro e annuncia-lo: mas não lhe deu tempo o fidalgo que appareceu de repente no meio dos ministros reunidos para a junta, produzindo nelles uma confusão e atarantamento, de que se não mostrou apercebido.

Recebendo a cortezia que lhe vinha apresentar cada um delles, e retribuindo com igual attenção, passou á galeria, onde o esperava a chusma de visitas e pretendentes. Ahi ouviu de pé o recado ou peditorio de cada um, com uma pachorra, que raros teriam em sua posição. Quando se pode desvencilhar dessa interminável audiencia, encaminhou-se á *sala do governo*, onde já estava reunida a junta á que ia presidir.

Era um vasto aposento sobre o comprido, esclarecido por janellas que davam para o rio, e das quaes se gozava a pittoresca vista de Olinda. Uma longa mesa coberta de arraz verde corria de uma á outra ponta ; na cabeceira via-se a cadeira de espaldar reservada para o governador ; e aos lados, bancos rasos cobertos de estofa, onde já estavam sentados os ministros, que se ergueram á entrada de D. Sebastião.

A direita do governador ficava o secretario Barboza de Lima, que expandia-se como uma papoila aos raios do sol. A' direita o ajudante Negreiros, sempre de viseira cahida. Seguiam-se desta e daquella banda uns escreventes ou amanuenses que o governador tinha a fantasia de chamar á pretexto de ajudarem ao secretario ; e cujo real prestimo era tomar os rinzões ao Barboza de Lima, si porum caso estupendo elle se lembrasse de soltar os pannos. Um desses era imberbe ; os outros já tinham sua bar-

bica ; mas não se induza dahi que sahiam da adolescencia, pois já estavam maduros.

Nesse traço havia sem duvida uma predestinação; pois a barba é o emblema das virtudes viris, como sejam a independencia e energia.

Sentado D. Sebastião, mandou ao Barboza de Lima que expuzesse a questão; e este desempenhou-se da tarefa com a sua habitual facundia, mostrando a summa gravidade e ponderação do negocio do marisco, pois era o principal recurso da pobreza do Recife, que em occasiões de penuria d'ahi sómente tirava o alimento.

Acabada a exposição, fez o governador um leve signal com a cabeça ; e os ministros cada um por sua vez, começando pelo almotacé, disseram seu parecer acerca do caso . Enquanto fallavam, D. Sebastião occupava-se em encher uma folha de papel de grutescos de toda a sorte, onde se viam de envolta, ramagens esboçadas, cabeças de passarinhos e outras boscagens.

Não daremos aqui a integra das tenções de cada ministro, como no-la transmittiu a chronica, pois consumiria muito papel. Basta saber-se que o almotacé provou com farta copia de textos que sendo o marisco, aquatico de sua natureza, devia caber de direito aos povos do Recife, os quaes habitavam as praias, e não aos povos de Olinda que era uma cidade montanhosa. O almoxarife, fundado na opi-

nião de Avincena e Trincavelli, foi de voto que o marisco era um alimento indigesto e pouco nutritivo, pelo que não tinham os povos de Olinda justo motivo para reclamarem a outra metade do rio ; antes deviam agradecer o beneficio que lhes faria sua excellencia, preservando-os de cruezas de estomago, flatos e outros achaques. O provedor tratou o caso *ab ovo* ; e demonstrou cabalmente com a autoridade de insignes grammaticos, que o marisco era fructo do mar, como estava dizendo a palavra *maris-esca*, isca do mar ; e estabelecido esse ponto concluiu que todos as crustaceos do rio provinham do oceano e entravam pela barra do Recife, pelo que só ao Recife competia apanha-lo. Quanto ao Vianna, na sua qualidade de provedor dos defuntos, discorreu largamente, com a tal voz de carretão ; mas ninguém percebeu o que disse ; devia ser cousa muita profunda e digna da maior ponderação, porquanto os ministros ali mesmo julgaram necessario dormir sobre o caso.

Nesse interim o ajudante Negreiros ouvindo de susado rumor na praça, obtida a venia do governador, ergueu-se da mesa e assomou-se á janella para inquirir da causa dessa agitação.

Fronteiro á palacio estava postado um cavalleiro petiço e magriço, armado de todas as peças, capacete, gorjal, coiraça, grevas, espaldeira, braçaes e guante ; com o ginete estacado e a lança em punho.

No elmo trazia elle por timbre uma aspa de vermelho com cinco estrellas de ouro, e na cotta de malha o escudo dos Barros, campo vermelho, tres bandas de prata e sobre o campo nove estrellas de ouro.

Outro cavalleiro tambem armado de todas as peças, e das mesmas côres, se adiantara até o portico; e batendo tres vezes no escudo com o conto da lança, clamou em voz alta:

— Ouçam todos este repto. O cavalleiro das estrellas, por mim seu escudeiro, te desafia a ti D. Sebastião de Castro Caldas a combate singular, onde te provará á lança e á espada, a pé e na estacada, que és um cavalleiro desleal, pois não sabes guardar a cortezia ás damas.

O escudeiro, retrocedendo, foi collocar-se atraz do cavalleiro das estrellas; donde com pouco avançou de novo para repetir o repto. Foi da terceira vez que o ajudante chegou e ouviu.

Depois disso o cavalleiro com o escudeiro deu tres voltas á praça, e de cada uma dellas, parando em frente á janella de palacio, gritou com uma voz esganiçada:

— Perante todos proclamo covarde D. Sebastião de Castro, que não se atreve a sustentar o seu dito em combate leal.

Esta scena á principio passara desaperecebida para os officiaes de sala e mais gente que estava

em palacio; quando lhe deram attenção foi tal a surpresa, que ninguem se lembrou de intervir, e já se retiravam cavalleiro e escudeiro, quando o ajudante que descia as escadas de tropel, montou a cavallo e foi-lhes no encalço.

Tomando a dianteira ao cavalleiro, gritou-lhe o ajudante :

— Levanta a viseira !

— Si vens da parte de D. Sebastião para conhecer o cavalleiro diante de quem elle fugiu, olha !

E levantada a viseira, o Negreiros ao ver a cara bem sua conhecida de D. Severa, disparou ás gargalhadas, e deu de esporas ao cavallo para tornar a palacio e contar o caso grotesco ao governador. Mas entornou-se-lhe o caldo, porque ao passar rente com o escudeiro, este que não era outro sinão o brejeiro do Nuno, agarrou-o pelo tacão da bota e o revirou da outra banda.

Ao mesmo tempo com a ponta da lança picava o rapaz a anca do cavallo da D. Severa, e partiam ambos á disparada. Mas inda assim podia sahir-lhes salgada a graça, si no momento em que o ajudante erguia-se do tombo, esbravejando como um touro, não desembocasse da ponte uma numerosa cavalgada, que se aproximava cercada de grande ajuntamento de gente a pé.

Descobrimdo á frente da cavalgada o pendão da

cidade de Olinda, nas mãos do procurador do senado, Estevão Soares de Araujo, conheceu o ajudante que havia novidade, e adiando para mais tarde a desforra do desacato inaudito que soffrera; tratou de inquirir do motivo do acompanhamento.

Acabava Sebastião de Castro de levantar a junta, declarando que á vista dos pareceres resolveria em tempo, quando chegou açodado o ajudante á communicar-lhe que ahi vinha o senado de Olinda com as varas dos officios e pendão alçado para representar sobre negocio de urgencia, o qual elle suspeitava ser o proprio da criação da villa do Recife.

Sabiu o governador á receber os juizes e officiaes: com elles vinha o ouvidor Arouche, e alguns nobres de Olinda dos mais exaltados, além do povo com seus procuradores em frente.

Então o coronel Domingos Bezerra Monteiro, vereador mais velho que servia de juiz ordinario, adiantou-se e fallou nestes termos:

— «Senhor governador, aqui vem o senado da cidade de Olinda, com a nobreza e povo, por seus procuradores nomeados, representar contra a deliberação que tomou vossa senhoria, de crear villa no Recife, para o que sabe-se com bom fundamento que se estão lavrando em segredo no Forte da Madre Deus, as pedras do pelourinho.

Não pôde de todo occultar Sebastião de Castro a contrariedade ao ver devassado o seu plano; mas

sem desconcertar-se, ouviu impassivel e com uma compostura cheia de dignidade todo o arrasoado do juiz de fóra.

Sua respôsta foi breve e consoante com a autoridade de que se achava revestido:

— Como governador desta capitania hei de cumprir as ordens de el-rei, meu senhor, a quem o senado e povo de Olinda, devem obediencia e sujeição; e o senhor juiz ordinario, primeiro que ninguem, está na obrigação de encaminha-los á este preceito.

Aquí o sargento-mór Leonardo Bezerra Cavalcante rompeu com um desabrimento improprio do lugar e da pessoa a quem se dirigia.

— Pois fique sabendo vossa senhoria que si pode por seu arbitrio erguer o pelourinho do Recife, podemos nós os pernambucanos com a justiça que nos assiste derruba-lo, e assim o protestamos.

Logo accudiu o alferes Manoel Bezerra em reforço ao pai; e seguiram-se outros discursos sediciosos e palavras de arruido, com insolito desacato á autoridade do governador.

Sebastião de Castro recolheu-se ao interior de palacio; e logo apoz quando retirava-se o senado de Olinda, á porta de palacio, apresentou-se o ajudante Negreiros com uma ronda de soldados da guarda :

— A' ordem do senhor governador e capitão general, prendo ao sargento-mór Leonardo Bezerra Cavalcante e seu filho o alferes Manoel Bezerra Cavalcante.

Momentos depois, do ajuntamento que passava pela ponte, de volta á Olinda, ergueu-se uma voz á cantorolar esta quadra muito conhecida então :

O Mendonça era Furtado  
 Pois dos paços o furtaram ;  
 Governador governado,  
 Para o reino o despacharam.

A chusma repetiu a copla em còro, e outra voz alternou :

A peste já se acabou :  
 Alviçaras, ó gente boa !  
 O xumbregas embarcou,  
 Ei-lo vai para Lisboa.

Estas coplas eram de uma cantiga popular, em voga uns quarenta annos atraz, e allusiva ao governador Jeronymo de Mendonça Furtado, de cujo appellido os garotos e praceiros tinham feito remoques e trocadilhos.

Esse, o 4.º governador da capitania, se malquistara com a nobreza e povo pelas muitas extorsões

que praticava; sobrevindo a peste das bexigas, a miuçalha entrou a chama-la pelo alcunha de *xumbregas*, que tinha o sujeito. Chegou a ponto a animosidade da gente da terra que na tarde de 31 de Julho de 1666 ao sahir o governador do palacio de Olinda, tomou-lhe o passo o juiz ordinario que o prendeu, fazendo-o recolher á palacio em custodia, até que o remetteram para Lisboa com o summario da devassa.

Foi este facto que deu thema á cantiga, a qual o popular nunca mais esquecera, e gostava de repetir sempre que se desavinha com os governadores, como aviso do que podia succeder.

---

### CAPITULO XIII

EM QUE O NUNO SE PREPAROU PARA CAVALLARIAS ALTAS, Á  
CUSTA DO ENXOVAL DE D. SEVERA

No quintal de André de Figueiredo, por baixo das janellas que deitava para o Carmo, um lanço mais comprido da casa, havia grande reboição.

Ahi estavam cerca de dez homens. Todos elles dessa casta mestiça de sangue indigena e africano, com sua mescla de europeu, a qual pela petulancia e agilidade mereceu dos colonisadores o nome de *cabras*, de que fizeram depois os vindiços um epitheto affrontoso para os naturaes, os quaes lhe responderam conforme a artinha no mesmo caso com a alcunha de *chumbos*, por allusão ao pesunho do gallego e á sua chanca de meia arroba.

Felizmente já lá vão longe estes ciumes e queira Deus que não tornem, para que possamos ambos os povos, auxiliar-nos na obra do progresso da

humanidade e da regeneração de nossa raça, a quem a Providencia não reservou debalde a mais rica porção da America.

Vestiam estes homens bragas estreitas de lona, e sobre ellas uma especie de albornoz de bertangel sem capuz e de mangas curtas; por chapéo um cofo de palha de côco, e por calçado a sola do pé, que sem duvida não cedia na rijeza á melhor alpergata de couro d'anta.

Quem estudasse bem esse traço veria nelle já muito pronunciada a transição do classico vestuario peão do seculo desesete para a *camisa e ce-roula* do nosso matuto, mais em harmonia com o clima e os costumes indigenas.

Essa gente occupava-se em varios mysteres, mas analogos; estes esfregavam com cinza, areia e limão o metal de velhos jaezes para tirar-lhes a espessa crosta de ferrugem; enquanto aquelles untavam de sebo o correame, que de secco e rijo menos parecia couro do que páu. Outros malhavam sobre uma bigorna portatil, desfazendo as mossas dos terçados e arnezes, os quaes bem mostravam o serviço que tinham prestado na guerra hollandeza.

A' parte, alguns aparelhavam cabos que mettiam nas choupas para fazer chuços e virotes. Mais adiante os ultimos pensavam os cavallos, e iam-nos arreiando á medida que os outros davam promptos os jaezes.

Além dessa gente, havia ali, mais para dentro do alpendre, uns tres rapazes que pelo geito eram al-gibebes ou pelo menos arranhavam no officio ; porque um delles armado de enorme tesoura cortava sem dó por uma peça de serafina vermelha que rolava pelo chão ; e atirava os retalhos aos dois companheiros, os quaes desunhavam-se á cozer, ou antes alinhar com ponto de palmo.

Finalmente no meio desta labutação, dirigindo a faina, e acudindo á todos os grupos, andava o nosso Nuno, arvorado em escudeiro de D. Severa, e empenhado em mostrar que,apezar de filho, neto, e bisneto de mascate, não nascera para caixeiro, mas sim para homem de armas e brigador. O bre-jeiro tomara uns ares de importancia, e caminhava tão empavonado na sua cathegoria de escudeiro, que ninguem reconheceria nêsse soldado arrogante e desempenado o antigo moço, que andava pelas ruas de borjaca ao lombo, e covado embaixo do braço.

— Oh ! sô homem ! dizia d'ali um cabra.

— Escute cá, dom escudeiro ! gritava outro.

— Que é isto lá ? perguntava o Nuno.

— Para que serve toda esta trapalhada de freio, brida e não sei que mais? Eu cá, dê-me um cabresto, e verá como tenteio o bixo, sem precisar disto.

— Eu tambem não me ageito com esta camisa de ferro... Parece que está a gente enfrascado !

— Pois quem não quizer assim, bradou o Nuno impaciente ; vá despejando o becco. E' o que não falta por ahi, mariolas que estejam morrendo por um pataco.

Em vista de este argumento peremptorio, os cabras embucharam as suas razões, mas ficaram resmungando contra essas invenções de arnezes e coiraças de que elles não comprehendiam o prestimo, dextros como eram á cavalgar em pello, e á brigar quasi nós.

Esta azafama em que estava o Nuno, carece de uma explicação.

Já vimos como D. Severa, vestida de cavalleiro, e acompanhada de seu escudeiro, lançara tres vezes em frente de palacio um desafio a D. Sebastião de Castro, pela affronta feita ás damas de Olinda, mandando pregar pelas esquinas do Recife a rondilha descortez e chocarreira ; acto este que a nympha olindense qualificara de villão, e de sua alta recreação attribuiria ao governador, pela razão de que na sucia dos mascates nada se fazia sinão por vontade delle.

Dessa façanha da nympha olindense ninguem soube em Olinda, porque ella teve o cuidado de arranjar um passeio ao engenho da tia, e em caminho, no casebre de uma velha cabocla, operou a sua transformação com a armadura e aviamentos que levara o Nuno á garupa em uma burjaca.

De volta á Olinda, o Nuno se propoz demonstrar a D. Severa que nesses tempos rusticos aquella cavallaria andante tornava-se muito arriscada ; por quanto podia sahir-lhes ao encontro um terço de gente armada, que sem nenhum respeito ás regras da nobre arte da esgrima, os iria monteando á tiro de arcabuz ; e a prova ahi estava no risco porque passaram de serem filados pela guarda do governador, que acudira em auxilio do ajudante.

O melhor alvitre era armar D. Severa uma companhia de que ella seria o capitão, e elle Nuno o alferes, e com a qual além de muitas outras prezas poderiam uma tarde prenderem o Sebastião de Castro, n'uma volta do passeio, como fizera outr'ora o tio da dama, o André do Rego Barros, com o Mendonça Furtado.

Achou D. Severa excellente a lembrança do moço escudeiro, e abrindo os cordões da bolsa, tirou do mealheiro reservado para o enxoval do casamento tres das doze moedas que lá dormiam desde trinta annos; e entregou-as ao Nuno para a leva da companhia. Com esse dinheiro assoldara o escudeiro os dez cabras, comprara em um armeiro aquella velha ferragem, e tratara um algibebe de Olinda para enroupar a sua gente.

Em quanto o Nuno andava atarefado com os aprestos da companhia, D. Severa, debruçada á janella, assistia á faina, deleitando-se já com a idéa

de commandar ella esse esquadrão, e reviver a fama de D. Clara Camarão.

Ao lado da dama appareceu Leonor que ficou surpresa da lida em que achou a tia e assustada com os preparativos guerreiros.

— Não me dirá, minha tia, para que é esta leva de gente armada ?

— E' para desaggravar-nos a nós, damas de Olinda, já que os cavalleiros de hoje esquecem o que devem á seus brios e ás regras da illustre ordem da cavallaria, tão despresada agora em nossa terra !

— Então vamos ter briga ?

— Si tanto carecemos della ! A guerra, menina, é que faz os heróes e as heroínas.

— Jezus, tia, não diga tal. A guerra traz tantas desgraças !

— Maiores proveriam da relaxação em que vivem os pernambucanos e que acabaria por entregar a terra aos hereges.

Neste ponto foi o dialogo interrompido pelo subito apparecimento de um velho que surgiu no terreiro, sem que soubesse alguém d'onde sahira elle.

— Deus o guarde, senhor escudeiro !

— Que procura meu velho ?

— Saberá o senhor, que dizendo-me ali um rapaz da ribeira, que sua mercê anda assoldando

gente para uma companhia, eu então vim me offerer tambem...

— Para que ? perguntou o Nuno.

— Para o que fôr preciso.

— Enganou-se, meu velho, nós cá precisamos de soldados e não de aio para crianças.

A resposta do Nuno tinha seu chiste, pois o velho além das cãs que lhe cobriam as temporas e o carão, bamboleava sobre as pernas tropegas, batendo com a cabeça como um camaleão.

— Ora o caruncho querendo fazer-se de duro ! disse um dos cabras.

— Sua benção, pai avô ! acudiu o outro.

E todos de rir e galhofar.

— Folguem rapazes, folguem, que estão na sua vez. Tambem eu já fui moço. Este surrão velho, que estão vendo, no seu tempo, ninguem lhe fazia frente. Pois a guerrilha do capitão Rebello, chamado o Rebellinho, era toda de gente escolhida...

— Visto isto foi você soldado do Rebellinho ? observou o Nuno.

— Como diz, senhor escudeiro. Um dia, ainda me lembro como si fosse hoje, o capitão tinha lá sua aventura, que isso de mancebos, e mais elle que era um guapo cavalheiro, acerca de amores é como rosa de Alexandria que nunca está sem flôr.

— E' galante o velho ! disse D. Severa.

— Mas o Rebellinho ? perguntou o Nuno.

— Sim, como ia dizendo, tinha lá sua aventura; e então uma noite chamou-me : — «Anda cá.» «Prompto, meu capitão» — Calçar as patas dos cavallos com botas de palha, foi um instante e toca a todo o galope. Era madrugada, quando chegamos. Os flamengos andavam de refestelo. O capitão não titubeou; foi um raio que passou entre elles. Quando correram sus, acharam a porta guardada, que lá estava eu; e trazas, zas, era um sarilho de espada, como nunca se viu. A dama, que tivera aviso, logo sahiu da camera, já apercebida para á jornada, de sorte que o capitão foi tomando-o nos braços, saltando a janella e cavalgando.

— Disto já se não vê nestes tempos de agora! disse D. Severa para a sobrinha.

Leonor que desde o principio, ao ouvir o nome de Rebello, sentira-se preza de uma commoção estranha e não tirava a attenção do velho, estremeecera mais de uma vez sob o relance d'olhos que lhe deitava aquelle em certos pontos de sua narrativa.

— Foi-se o capitão com a dama, e você como safou-se?

— Dois botes de espada, um á direita, outro á esquerda; e um ponta-pé na candeia! Ahi ficamos todos da côr de seu mestre...

— Lá delle!

— E eu, este é meu caminho !

— Já vejo que você foi um Ferrabraz de Alexandria.

— Não digo tanto ; mas fui um soldado que sabia seu officio, e ainda não o desaprendeu. Tome-me o senhor escudeiro á seu serviço, que se não ha de arrepender.

— Aguas passadas não moem moinho. Você que é antigo deve de conhecer o rifão. Não ha de ser com as bravatas do tempo dos hollandezes, que havemos de ensinar os mascates, sinão com boas cutiladas...

— Este braço apezar da tremura ainda arranha !

— Vá-se andando, meu velho que temos mais que fazer.

— Sempre quero mostrar que ainda não estou molambo que se bota fóra.

E o velho, apanhando uma das catanas que rolavam pelo chão, apanhou-a como quem entendia do officio, e fez com a espada um molinete que ninguem por certo esperaria de semelhante podão.

Riu-se Nuno desses floreios, e levando a mão á cinta crusou o ferro, certo de em dois tempos desarmar o velho ; mas sahio a cousa as avessas, pois foi a sua espada que saltou-lhe da mão.

— Oh ! senhor escudeiro, não dê barrigada !

— E então o velhinho não é da carepa ?

Apanhou o Nuno a espada e vinha cego sobre o

velho para despicar-se; mas este como si o grande esforço que fizera o houvesse extenuado, se abor-doara a um tronco d'arvore para não cahir, e mal podia tomar folego.

— Eis em que dão as fanfarronadas! disse o Nuno.

O velho como que envergonhado da sua bravata, foi-se esgueirando pelo corredor, não sem lançar um olhar significativo á Leonor, cujas faces se cobriam de uma lividez mortal.

Sob aquelle disfarce, reconhecera a donzella Vital Rebello, sobretudo quando brandindo a espada o velho perfilou o talhe: da aventura do tempo dos hollandezes comprehendeu ella que o marido se preparava á arranca-la do poder de seus parentes, e dava-lhe aviso por aquelle meio em falta de outro.

E não se enganara. Vital não contando sinão comsigo resolvera libertar sua mulher do captiveiro em que a traziam; e antes de levar a cabo a empreza julgou prudente explorar o campo e dar aviso a Leonor. Com esse fito se disfarçou, valendo-se do pretexto que lhe offereceu a leva do Nuno.

Deixando Olinda, foi o alferes em busca de seu cavallo, que deixara occulto em uma palhoça de pescador perto do Brum, e só a tarde ganhou o Recife. Ia dispôr as cousas para realisar o seu plano naquella mesma noite.

Vidal receiava que de um momento para outro as cousas politicas se baralhassem de moio á trazer um rompimento entre os nobres e os mascates; o que não deixaria de estorvar-lhe a empreza, pelo reforço de que se haviam de cercar os moradores de Olinda.

Naquelles dias passados o negocio parecia ter chegado ao desenlace, com a imprudencia do Leonardo Bezerra e seu filho, de que se tratou no capitulo anterior. Quando chegou a Olinda a noticia da prisão dos dez pernambucanos, a voz geral foi pelo levante.

Mas um official de sala do governador fora a visita em casa do capitão-mór; e abi affirmou que Sebastião de Castro não se tinha decidido ainda a favor dos mascates, pelo que fora rematada indiscripção dos olindenses o provocarem á medidas de rigor. Acrescentava que ainda assim a prisão dos dois Bezerras não tivera por causa o desacato de palacio: mas um homicidio que elles haviam perpetrado na noite antecedente.

A ultima accusação, sabia-se em Olinda que tinha todo o fundamento; pois fora para tomar uma vingança barbara de pretendidas offensas que o coronel e seu filho tinham na vespera chegado a casa de André de Figueiredo com um troço de gente armada.

Essas insinuações de palacio serenaram os ani-

mos, e os trouxeram á concordia. O sargento-mór e o filho tiveram carta de seguro para se livrarem soltos da querella, e as cousas voltaram ao pé em que anteriormente se achavam, e nas quaes as desejava por muito tempo ainda Sebastião de Castro, que era avesso a toda complicação ou *crise*, como se diz na actual aravia politica.

Os mascates, que já contavam infallivel o despique do governador contra a arrogancia dos nobres de Olinda, ficaram de orelha murcha. A senhora Rufina, essa quando soube que o seu plano tinha gorado, enfiou; e arregaçando o vestido até a cannella calçada com meia azul de Guimarães, exclamou :

— Aquillo é um songa-monga de um papa asorda ! Mas deixa-lo comigo, que eu lhe chegarei a mostarda ao nariz !

Bem nos peza trasladar para aqui estes destemperos de lingua da varôa recifense, mas a verdade historica assim o exige.

Era a senhora Rufina mulher decidida. Si ella tinha cabello na perna, como o abelhudo do Nuno andou enredando das recifenses lá por Olinda, não sabemos; mas que o tinha na venta, isso podemos assegurar-lo.

Sem mais rodeios mandou chamar o Tunda-Cumbe que lhe viesse fallar áquella mesma tarde.

Esse Tunda-Cumbe era um labrego, ha annos

chegado do reino, sem eira nem beira, nem ramo de figueira. Chamava-se elle Manoel Gonçalves, e tinha a cara lanhada por um gilvaz, tropheu de certas façanhas, pelas quaes deixara na terra fama de parteiro jubilado.

Apenas desembarcado, os patricios o arranjaram de feitor para o engenho Cumbe, do sargento-mór Mathias Vidal, em Goyana; e ahi taes artes fez, que os negros um bello dia o amarraram á um toco de pau e assentaram-lhe tremenda pisa, que elles na sua lingua de Angola, chamam *tunda*. E d'ahi veiu ficar o Manoel Gonçalves baptisado por *Tunda-Cumbe*.

A sova de pau não o desgostou do officio de feitor, que ainda serviu por algum tempo na Varsea; depois fez-se almocreve de peixe, que ia comprar á ribeira e andava pelas portas a vender em um cargueiro. Mas como era homem de *dar e tomar*, e dessa ultima qualidade fazia prova plena a *tunda* de Goyana, occupava-se o latagão em outros negocios, que lhe rendiam mais que a regatice, embora lhe custassem as vezes um arranhão na pelle ou alguma escovadella no lombo. Para isso tinha elle o couro rijo, e a fevera massiça.

Em todos os tempos agitados ha dessa estofa de gente, que a fortuna se compraz de agarrar pela orelha, e atirar no meio dos acontecimentos, d'onde não é raro vê-los subir pelos degraus das

honras e do poder. O nosso Manoel Gonçalves estava fadado a representar um papel importante na Guerra dos mascates; e a historia que o viu almocreve de peixe naquelle anno de 1710 devia dois annos mais tarde encontra-lo coronel e cavalleiro do habito de Christo, com as congratulações que da parte de El-rei lhe dirigiu o governador.

Tal foi o homem com quem teve a senhora Rufina larga pratica no telheiro da cacimba; do que ahi se passou, não reza a chronica.

Isto occorria dias antes daquelle em que Vital Rebello, disfarçado em soldado velho fôra a Olinda, e que se contava 17 de Outubro.

---

## XIV

DA ESPECIE DE MOSTARDA QUE A SENHORA RUFINA LEVOU  
AO NARIZ DO GOVERNADOR, E DO ESPIRRO QUE SAHIU

Quando Vital chegou á Porta do Recife, pouco faltava para quatro horas.

Morava elle da outra banda do rio, logar que fora outr'ora o *Carmo Velho*, e que os hollandezes chamavam *Boa-Vista*, de uma quinta que ahi construiu o conde Mauricio de Nassau; nome esse que os nossos conservaram.

Para ganhar a casa atravessou o Recife e veio sair á Porta de Santo Antonio, donde passando a ponte tomou para o Rosario na direcção de Cinco-Pontas, que era então o caminho da Boa Vista, pois ainda não existia a ponte, e a passagem se fazia pelo aterro dos Afogados.

Ao voltar para o Rosario, avistou o mancebo uma cavalgada que atravessava de S. Francisco para as Trincheiras.

Era o governador Sebastião de Castro e sua comitiva. Sahia elle ao costumado passeio da tarde e dirigia-se para as Cinco Pontas pela rua das Agua Verdes.

Ao chegar por meio dessa rua, e no momento em que o fidalgo voltava-se para fallar ao Barbosa de Lima, ouviu-se a detonação de dois tiros disparados de uma rotula onde ainda se pode ver um froco de fumaça.

Os officiaes e soldados da guarda arremetteram contra a rotula, mas nada encontraram. A casa, deshabitada desde muito tempo, estava deserta.

Todavia si tivessem corrido logo ao quintal, ainda avistariam dois vultos de cara pintada que escaparam-se pela cerca com os mosquetes fumegantes, e que momentos depois eram vistos atravessarem de corrida da rua do Horta para o Rosario na direcção da Praia, onde a ser verdade o que espalhou-se mias tarde, os esperava uma canôa.

O governador estava ferido, o que derramando o susto e a consternação nas pessoas da comitiva, dera aso á fuga dos espoletas. Apenas se pode obter uma liteira, foi elle transportado para palacio, e entregue aos cuidados dos phisicos da terra.

Os ferimentos eram na coxa direita, onde viam-se quatro excoriações, que não pareciam ter a menor gravidade por serem quasi superficiaes. Não pen-

savam porém desta sorte os garnachas, que abanavavam magistralmente a doutoral guedelha, resmungando um latinaço :

— *Vulnus intoxicatus* !...

Com o alicate, um dos da mestrança extrahia das excoriações particulas brancas e crystalisadas, que aproximava a luz da janella ; onde cada um, limpando as canastras e cavalgando-as de novo no beque, procedia ao profundo e esculpulo examé.

— *Mercurius sublimatus corrosivus* ! disse afinal o deão dos guedelhas irriçando as grossas sobrançelhas como dois accentos circumflexos.

— *Ita veró* ! affirmou o segundo alongando a guisa de ponto de admiração a já esguia caraça.

— *Sane quidem* ! echoou o terceiro esparrando as bochechas na mais doutoral interjeição.

Elucidado devidamente o abstruso caso, com formidavel reforço de latim, e succulentas illustrações de Boheravio e outros luminares da cirurgia ; foi decidido pela junta dos physicos, e annuciado em boletim, « que o estado de sua excellencia o senhor capitão general D. Sebastião de Castro devia se considerar melindroso e gravissimo ; visto como os ferimentos embora razos eram feitos por balas oucas, cheias de um veneno terrivel, o sublimado corrosivo, com que os sicarios contavam empeço-nhar o precioso sangue do excellentissimo gover-

nador, e assim assegurar por uma morte infallivel o exito de seu nefando e sacrilego trama ; mas a Divina Providencia que vela sobre os destinos dos povos, permittiu que os assassinos não empregassem nos mosquetes a carga sufficiente, de modo que sendo as feridas superficiaes, restava essa esperança de salvação para o excellentissimo enfermo ; sendo ella todavia tão precaria que a sapientissima junta não se animava ainda a formular um diagnostico favoravel. »

Para que o leitor possa aquilatar bem d'esta sandice doutoral, vamos confiar-lhe um segredo, que até agora escapou ás laboriosas investigações do Instituto Historico , deixando na sombra a verdade sobre o facto culminante da *Guerra dos Mascates*.

O tal sublimado corrosivo que a mestrança achou na perna de Sebastião de Castro, aqui á puridade, não era outra cousa sinão sal de cozinha, com que o Tunda-Cumbe e seu companheiro tinham carregado os mosquetes á mandado da senhora Rufina. A mulher do Simão Ribas, que no fundo e apezar dos epithetos um tanto pittorescos com que o mimoseava, não tinha raiva ao Sebastião de Castro ; e só inquistillava com elle por querel-o mais homem e mais governador, especialmente depois do desaforo da perna cabelluda ; a digna almotacé,

bem longe de attentar contra a vida do fidalgo, maquinara n'esse meio de despertar-lhe os espiritos vitaes, fustigando-lhe a pelle. O sal ahi fazia a vez da pimenta : com a differença que a applicação do primeiro era mais consoante com a dignidade do cargo.

Hoje em dia, dado o desconto aos costumes, ainda se usa do mesmo processo empregado pela senhora Rufina, para intrigar um partido com o supremo dispensador das graças. Em vez de tiros de sal dados de emboscada na esquina da rua, faz-se isso mais limpamente com artigos mascarados de gazetas anonymas.

Ao tempo em que a mestrança destrinçava o caso cirurgico, os estadistas jubilados proviam ao caso politico. Foi summaria a deliberação, pois urgiam as circumstancias melindrosas da *republica*, que é a cousa de *nós todos*.

O Barbosa de Lima que por gosto e necessidade fallava portuguez correntio, abriu a conferencia com um texto latino, *res vestra agitur*, que arregalou o olho ao Negreiros, o qual dando um puxão á memoria sacou o exemplo da artinha do padre Padre Antonio Pereira : *Vita, decus et anima nostra in dubio sunt*. O almotacé que era rigorista acrescentou—» ou *in dubio est*.» Quanto ao almoxarife, não ajustando-se ao caso o unico texto de Tacito que elle salvara do

naufragio de seu latinorio, apoiou com a cabeça.

Ficou assentado que em desagravo do negro, infame e execrando insulto que soffrera a Magestade na excellentissima pessoa do senhor governador e capitão-general, seu braço régio, cumpria dar um exemplo tremendo que ficasse para memoria; e como medida preliminar ordenou-se a prisão immediata dos principaes de Olinda. Esta providencia era ainda reclamada pela salvação commum; pois quando os rebeldes ousavam atacar a primeira authoridade da capitania, o que não attentariam contra os subalternos?

Bem se vê que os estadistas não ficavam atraz dos physicos. Si estes haviam presuppuesto a existencia de balas para affirmarem que eram poucas e cheias de sublimado corrosivo; aquelles davam por averiguado, que os authores do barbaro desacato eram os nobres de Olinda.

Entretanto a noticia do attentado se havia derramado pelas ruas, incutindo na população o espanto, acompanhado do vago terror que presagia as catastrophes.

Os animosos pensavam nas consequencias funestas desse crime que ia accender a guerra civil e cobrir de luto e ruinas a já decadente capitania. Os pusillanimes só pensavam na propria segurança

e estremeciam ao menor rumor, cuidando que os *pés rapados* depois de terem ferido o governador se espalhavam pelas ruas decididos á deixarem tudo raso.

Entre estes ultimos distinguia-se o nosso capitão Miguel Corrêa, que apesar do lombo massiço e da gineta das ordenanças, não podia de modo algum vencer a instinctiva repugnancia por tudo quanto lhe cheirava a chamusco. Por isso, quando veiu a primeira nova surprehendel-o na rua, tratou de metter-se em casa do mercador Vianna, onde além das paredes, contava elle com os escondrijos do vasto armazem.

Na sala encontrou a senhora Rosaura e a filha, que tambem estavam assustadas com a noticia; e espiavam pela rotula á espreita de algum conhecido para inquirir sobre os pormenores do caso. O mercador ao primeiro aviso correrá a palacio, d'onde ainda não voltara; e assim em falta do Nuno, tinham enviado como batedor, a Bemvinda.

A chegada do capitão foi pois acolhida com satisfação até pela formosa Bellinhas, que de ordinario o recebia de longe com uma graciosa carranca, mas nesse momento chegava-se perto com o rostinho alvoraçado de curiosidade. Si não fossem uns calafrios que lhe corriam pelo fio do lombo e uns repuxamentos que lhe pregavam a barriga no es-

pinhaço, o nosso Miguel Corrêa se animaria á de-  
sejar novos barulhos, que lhe trouxessem esses  
ares da graça de sua futura.

— Diga-nos o que sabe, Sr. Miguel Corrêa ? foi  
a pergunta com o que a Rosaura lhe abriu a porta.

— Eu, senhora, só sei dos tiros, e que o se-  
nhor governador lá foi ferido para palacio.

— Talvez a esta hora esteja com Deus.

— Que me diz, senhora ? exclamou o capitão  
cujas pernas começaram á abanar.

— Não ouviu tocar ao Sanctissimo? Pois foi para  
o senhor governador. Pelo que fallava uma gente  
que passou, parece que envenenaram as balas.

— Jesus ! Que malvados !

— O senhor então ainda não foi á palacio ? per-  
guntou Bellinhas com reparo.

— Ainda não... Eu... Eu quiz ir... mas como  
havia de ter muita gente, pensei que...que não era  
bom... podia atrapalhar.

— Pois deve ir ! tornou a moça.

— A senhora acha ?

— Um capitão de ordenanças ! Para que serve  
então esta espada sinão é para defender o seu  
general ? disse a moça com desdem.

A senhora Rosaura que tinha corrido á rotula  
por ouvir um borborinho, exclamou.

— Ai, minha Nossa Senhora, que lá vem uma  
tropa !

— E é para cá ! disse Bellinhas lançando os olhos a rua.

— Para cá ?... balbuciou o capitão procurando com a vista a porta do interior.

— Será dos nossos ? Deus o permitta ! tornou a Rosaura.

— Hade ser, hade ser ; disse o Miguel Corrêa recobrando-se com essa idéa. Aposto que foi o Vianna que pediu ao ajudante para guardar sua casa...

— O' mãe, gritou Bellinhas, é de Olinda !... E estamos cercados.

O bando de homens armados, em numero de vinte, desembocando na rua da Moeda, dirigiu-se rapidamente á casa do mercador Vianna, onde acabava de pôr cerco, apeando-se logo um cavalleiro que parecia o cabo.

Esta esquadra não era outra sinão a que o Nuno estava na manhã d'aquelle mesmo dia esquipando e arreiando no quintal da casa de André de Figueiredo. O que de mais notavel havia nella eram os trajos. Vestiam os sujeitos uma pantaloua, como ainda ha pouco tempo se via nos palhaços dos circos, o que lhes dava o aspecto de marmanjões de sungas vermelhos, marchetados de estrellinhas de amarello fingindo ouro.

A cabeça traziam-na coberta com uma carapuça de lã azul, que esticada por dentro com arames,

tomava a feição de um funil. Quanto ás pernas e pés, não usavam meias, nem sapatos; mas uma especie de polaina preta de original invenção.

Fôra o caso que não querendo os cabras admittir cousa que se parecesse com calçado, pois era o mesmo que pea-los, aventou o Nuno mettel-os até o joelho em um tejuco preto, que depois de secco fingia botas de longe, sem, estropear os seus soldados.

Tendo concluido os aprestos de sua companhia, lembrou-se o escudeiro da D. Severa de sahir com ella para adestral-a desde logo; e seriam quatro horas da tarde quando aquella mascarada desfilou pelas ruas de Olinda com grande alvoroço da meninada, que tomou a cousa por festa mourisca.

Seguiu o bando pelo isthmo com direcção ás portas do Recife, onde o Nuno queria dar mostra da sua luzida esquadra.

Antes de chegar ao forte do Brum ha no isthmo uma pilastra conhecida por *Cruz do Patrão*, que serve de balisa aos mereantes quando demandam o porto. Passando por ali ouviu a tropa alguma cousa que excitou-lhe a attenção. Era uma especie de psalmo ou recitativo, pronunciado por uma voz debil e extenuada. Dir-se-hia um canto de igreja, talvez um *responso*, tão lugubre eram os accents d'aquelle rithmo.

Os cabras se benzeram, esconjurando o máo

agouro ; e Nuno, um tanto agitado apesar da sua temeraria impetuosidade de rapaz, adiantou-se para averiguar o caso.

Sentado no respaldo da pilastra, pela face do mar, via-se um homem com o olhar engolphado no vasto horisonte que se abria pela immensidade do oceano. Seus olhos pasmos e hirtos pareciam exhalar os ultimos lampejos d'alma que se estava despreendendo do seu espejo mortal, para embeber-se no céu. Moviam-se frouxamente os labios despendendo aquelles psalmos tristes, em que de perto se reconhecia a cadencia soluçante de uma trova.

Era só o que a vida ainda não desamparára nesse corpo já quasi morto, que a não ser a pilastra onde se derreava, estaria rojando no chão. Mas esse mesmo crepusculo da vida, que ainda pairava nos olhos e nos labios do infeliz, bruxuleava já, apagando-se intermittente como o clarão de lampada á extinguir-se.

Ao ver-lhe o semblante que jaspeava a lividez da morte, Nuno deu um grito, e apeando-se rijo correu ao moribundo.

— Lizardo !

O poeta não poudo volver os olhes para o amigo; mas um raio perpassou-lhe no rosto, como a luz de um sorriso.

— Acudam ! gritou o Nuno para sua gente. De-

pressa! E' preciso salvá-o! Vão buscar o licenciado!

Um dos cabras mais decididos approximou-se, e tirou do coz da pantalona uma borracha delgada e comprida que facilmente se accommodava ao corpo á guiza de cinta, e na qual trazia a inseparavel *branca*, sua fiel companheira. Para elle, como para muita gente, esse era o elixir milagroso capaz de ressuscitar um morto.

Assim tratou sem mais cerimonia de introduzir o gargalo da borracha na boca do poeta e despejar-lhe um gole. Reanimou-se de subito a physionomia do moribundo, mas logo apoz cahiu elle estorcendo-se de dôres e soltando gemidos pungentes no meio dos quaes escapou-se a final uma palavra que parecia sahir das entranhas dilaceradas:

— Fome!... A fome!...

— Morto de fome, meu Deus! gritou o Nuno. Corram! A' Olinda!... Voem!... Ah! Lizardo!... Pois não me tinhas a mim!...

## CAPITULO XV

### O NUNO ESTREA-SE NA CARREIRA DAS ARMAS PELO RAPTO DAS SABINAS

Com pouco chegou um dos camaradas trazendo um côco verde, que apanhara alli perto. A agua e depois a gelêa reanimaram o Lizardo, e deram-lhe forças para esperar a refeição que veio de Olinda, e constava de uma assorda e vinho.

Instado por Nuno, o poeta referiu-lhe em poucas palavras o segredo de sua desesperada posição :

— Naquelle mesmo dia, em que á tua vista me correram de Olinda, como um ingrato e falso, tornando ao Recife para beber nos olhos d'ella um conforto de que precisava, fui tambem despedido a seu mandado como um mendigo importuno !

— Bellinhas ?...

— Ella !...

— Soube não sei como, que eram meus os versos contra as damas de Olinda... E eram ; mas tinha-os feito por ordem de D. Severa ; e jamais com intenção de offender aquella que eu adorava, como a luz de minh'alma.

Nuno cogitava.

— Então, concluiu o poeta ; pensei que já não tinha que fazer na terra, e chegando aqui, me deixei morrer. Porque me chamaste de novo á este mundo, onde nada mais sou do que um espectro ?

— Has de ser marido de Bellinhas, que o mando eu ! exclamou o Nuno com um entono picaresco.

Um dos camaradas passou para a garupa do outro, e no cavallo devoluto acomodou-se o Lizardo, que apesar da fraqueza pôde manter-se na sella.

Por ordem do azougado rapaz, seguiu a esquadra para o Recife, que achou em alvoroço com a nova do horroroso insulto feito ao governador.

Em vez de hesitar no plano que traçara, o Nuno ao contrario mais se apressurou.

Já vimos como chegou á casa do pai, onde não o conheceram nem a mãe, nem a irmã, por causa da viseira que trazia descida ; pois o escudeirinho não relaxava a coiraça e o capacete, que apesar de já não serem da moda, davam-lhe ares mais guerreiros.

Foi reconhecendo Lizardo, que a menina Bellinhas soltara o grito de espanto, que afugentou da sala, como sombras que se evaporam, a senhora Rosaura e o insigne capitão Miguel Corrêa.

A menina porém deixou-se ficar, ainda que tremula e perturbada. Apesar do susto sentia uma vontade irresistível de saber o que desejava ali aquella tropa que tinha por um dos cabos, o Lizardo.

Entrou na sala o Nuno, com um tremendo espalhafato guerreiro, de arrastado de espada, batido de esporas, e roncarias de peito, puxando pelo braço o Lizardo que fazia o possível por desvençillar-se da corriola.

— A senhora Izabel Vianna, ou a menina Bellinhas, que no Parnaso é conhecida por Belisa, está presa á minha ordem por ter praticado certa ingratidão com o seu poéta e adorador aqui presente. E como tão barbaro crime não ha de ficar sem punição vai a ré d'este passo acompanhar o senhor Lizardo de Albertim á primeira igreja, onde conjugará com elle o verbo matrimonio. Tenho dito.

Bellinhas, que havia conhecido a voz do irmão, riu-se máo grado das garotices do rapaz ; e consentiu, toda envergonhada, que elle pozesse na mão fria e tremula do Lizardo, a ponta de seus dedos mimosos. Pensava ella que tudo aquillo não

passava de uma comedia, e tinha razão; mas a comedia não acabava ali.

Emquanto na sala isto occurria, os cabras, entrando no armazem por ordem do Nuno á busca de uma liteira, deram com uma pipa de torneira assentada sobre o tendal á geito de escorrer o liquido.

Um dos cabras logo poz-se de gatinhas á mamar n'aquella teta apoiada e os outros impacientes esperavam sua vez. Um porém mais soffrego deitou os olhos ao redor e descobriu um pichel de lata :

— Isso de bica atraza muito. Eu cá vou com o pucaro á fonte.

Dito e feito. Trepando no cavallete para deitar o tampo dentro, viu com surpresa que já a pipa fôra arrombada; porém maior foi seu espanto descobrindo alli uma cabeça.

— Olá, temos conserva !

— Que historia é essa ?

— Uma cabeça de molho !

— Um corpo inteiro !

— Oh ! diabo !

— Não me matem ! murmurou a pipa ! Eu prometto...

Sabidas as contas era o nosso capitão Miguel Corrêa que se posera de conserva na pipa de vinho.

O que lhe valeu foi a pressa com que estava o

Nuno, a quem não fazia conta a volta do pai. Bem desejava elle dar um abraço a mãe ; porém temia as ternuras da velha.

Dois cavallos da tropa foram mettidos nos varaes da liteira, que em poucos momentos ficou prestes.

— Toca á andar. Senhor Lizardo de Albertim offereça o braço á sua dama.

O nosso poeta que ainda não proferira uma palavra, estava alheio á quanto se passava em torno, e enlevado na contemplação de Bellinhas.

— Onde me quer você levar, Nuno ?

— A' casa de Martha.

— Sem a mãe?... Não vou.

— Vaes, te digo eu, que não estou para ver o Lizardo morrer segunda vez !

— Elle?... balbuciou a menina lançando ao amante um olhar de exprobação.

— Quem traz dentro de si morta toda a esperança, já não é mais homem, e só fantasma de uma alma penada, que pede a sepultura ; disse Lizardo.

A menina enxugou uma lagrima, e Nuno aproveitando-se da commoção, tomou-a nos braços quasi sem resistencia e levou-a á liteira, que logo partiu para Santo Antonio.

A menina gritou pela mãe ; esta porém, escondida na cosinha, não a ouviu.

A casa do Perereca estava fechada. Ao rijo bater da lança do Nuno acudiu um escravo, que ficou espantado vendo a patrulha.

— Arreda tição, quero entrar.

— O senhor não está ahí.

— E a mulher?

— Tambem foi com elle para palacio.

— E a filha?

— Essa está ahí, sim, senhor.

— E' quanto basta.

Entrou o Nuno com o costumado arreganho e esparrame na sala onde estava Martha.

— Venho buscar a menina por mandado de sua mãe.

— Para palacio?

— Sim! roncou o cavalleiro.

Martha aborrecida e assustada de estar sózinha em casa, preparou-se logo e entrou na liteira onde ainda mais contente ficou por encontrar Bellinhas.

Nesse momento um vulto que viera da Penha e esbarrara com a casa cercada de gente armada se esgueirava ao longo da cerca. O Nuno o descobriu e deu ordem de agarral-o :

— Que é isto, Cosme? Foge dos amigos?

— Eu... eu... Nuno...

— Tenho que agradecer-lhe umas amizades que fez aqui ao nosso Lizardo. Ponham-no de garupa; e olho no meco.

A tropa de novo poz-se de marcha, mas em vez de tomar para o lado do palacio, seguiu pela praia na direcção dos Affogados ; e pouco depois atravessava a Boa-Vista caminho de Santo Amaro. O Nuno preferira para voltar á Olinda esse rodeio que era mais seguro.

Martha que já sabia pela amiga quem era o fanchudo cavalleiro armado de ponto em branco, e desconfiava da embrechada, vendo assomarem as torres do palacio ao longe, pela esquerda, abriu a cortina da liteira:

— Oh! senhor, este não é o caminho do palacio ?

— Não ; mas é o da igreja de Santo Amaro.

— E que vamos nós lá fazer ?

— A senhora vai despozar-se com o escudeiro Nuno, Peito d'aço ; sua amiga com Lizardo de Albertim, nobre trovador olindense.

— Eu não quero, não quero, não quero ! disse a menina batendo com a mãosinha fechada na borda da liteira.

— Quero eu ; e basta.

— Eu te mostrarei !

E a gentil menina, escondeu-se amuada dentro da liteira, para fugir ao olhar do Nuno, que nesse momento ella detestava.

Entretanto chegava o pelotão a Santo Amaro, e acampava em frente da Ermida.

Tinha anoitecido ; mas fazia um d'esses luares esplendidos do norte que parecem auroras boreaes.

O Nuno despachou dois cabras em busca do capellão, ou de qualquer outro padre mais proximo, com ordem terminante de trazer-o alli, ainda que fosse amarrado.

Emquanto se fazia a deligencia, deixou elle o Lizardo com alguns homens de guarda á liteira, e afastou-se com o Cosme Borralho e um dos cabras para o mato vizinho. Alli chegando mandou pelo camarada cortar um grande mólho de cansação.

— Cosme Borralho, meu amigo, você desde certo tempo a esta parte anda cheio de máos humores.

— Não ha tal !... acodiu o escrevente.

— E por falta de mezinha, essa reima está-lhe atacando a lingua com achaques de enredeiro e maldizente.

— E' um falso testemunho, Nuno ; não acredite !

— Pois eu não hei de acreditar que você anda achacado ? Si não fosse por molestia, o Cosme, nosso camarada, havia de andar intrigando o Lizardo aqui no Recife e em Olinda ?

— Juro que não fui eu !

— E' doença, não digo ? Sou seu amigo Cosme ; quero cural-o d'essa ruim praga. Dispa-se até

ficar em pello, para levar uma fricçãozinha, com que você sara logo.

— De cansação ? exclamou o escrevente sapantado.

— E' uma planta medicinal; produz na pelle umas coceiras que acabam com as comichões da lingua.

— Está bom, Nuno, já você se divertiu com suas chacotas ; agora deixe-me ir.

— Alto lá ! Desate os calções.

— Nuno !

— Deixe-se de sestros. Se você não quer que eu, seu amigo, lhe sirva de enfermeiro, e lhe applique o emplastro com todo o cuidado; então deixo-o nas mãos d'este machacás e com elle se avenha.

O Cosme engrolou, sophismou, e remanchou quanto pôde ; mas afinal fazendo boa cara a má fortuna resignou-se a levar a surra da cansação, que o Nuno administrou-lhe conscienciosamente.

— Vá consolado, Cosme, que você agora fica são como um pero.

O escrevente fez uma careta de raiva, mas não a viu o Nuno, cuja attenção nesse momento foi reclamada por clamores que partiam do lado da povoação. Correu elle á ermida, inquieto ácerca da liteira.

Ao chegar á praça a achou cercada por um bando armado ; e viu que uma peleja renhida se

travara junto á liteira, onde o Lizardo esgrimia uma catana com o desespero de um cégo. De um salto achou-se o rapaz ao lado do amigo, prompto a morrer com elle.

N'esse ponto porém um cavalleiro, que escoltava uma formosa dama appareceu na praça.

— Que temos ? perguntou o cavalleiro com o tom imperioso.

Os assaltantes dominados por aquella voz recuaram, suspendendo o combate ; e as cortinas da liteira abriram-se de repente, mostrando o lindo rostinho de Martha, amarrotado do susto:

— Primo Vital Rebello, accuda-nos !

— A menina Martha ?

— A propria.

— Que faz por aqui ?

— Isso é uma historia.

Do como ahi se achava o Rebello, vamos sabel-o.

Testemunha do insulto que soffrera o governador, Vital depois do primeiro momento dado a surpresa e desgosto que lhe causava o triste acontecimento ; pensou que seu plano ficaria frustrado si o não realizasse immediatamente. Correu á sua casa da Boa Vista, fez montar a gente que já tinha preparada e correu á Olinda.

A nova do desacato já ahi tinha chegado e a todos deixara attonitos. O bispo, os principaes da

nobreza e entre elles André de Figueiredo, tinham acodido pressurosos a palacio para visitar o governador e dar solemne testemunho de que não tinham a menor parte no criminoso intento.

A escolta de Vital Rebello chegou á rua de S. Bento sem o menor contratempo. Leonor estava a janella. Vital subiu, arrebatou a esposa nos braços e desceu á rua. Ahí montou-a no palafrem, que a esperava, e partiram para Olinda pelo caminho de dentro para evitar encontros.

Na frente ia uma ronda para segurar o caminho, e evitar á Leonor o susto de achar-se envolvida em alguma peleja. Foi essa vanguarda que vendo gente armada no pateo, cercou-o com intenção de approximar-se á liteira, ao que se oppôz o Lizardo.

Sabedor das façanhas do Nuno, o Vital mais ou menos atinou com a explicação d'aquella salsada; além de que o Nuno não se fez rogado para confessar. A' pergunta do que alli fazia aquella hora respondeu.

— Estou á espera de um padre para casar Bel-linhas com Lizardo, e Martha conmigo.

— E o consentimento de meu primo Simão Ribas e do senhor Vianna, já o deram?

— Em tempo de guerra, não ha necessidade disso? Estas damas foram libertadas por mim e podem dispor livremente de sua mão.

Riu-se Vital.

— Pois que estamos em tempo de guerra, declaro-os meus prisioneiros, e ponho estas damas sob a protecção de minha esposa. Vinde D. Leonor, que vos apresente uma linda priminha, a quem não conheceis, e sua amiga que não é menos formosa. Vereis que no Recife também como em Olinda viçam as rosas.

A resistencia era impossivel. Nuno o reconheceu vendo os seus sequazes agarrados pela gente de Vital mais numerosa e melhor armada. Assim teve elle de entregar-se prisioneiro com o Lizardo, e acompanhou a liteira á casa do alferes na Boa-Vista.

Martha, que estava desesperada com a diabrura do Nuno, ficou um tanto desconsolada por não ver até onde iria o atrevimento do rapaz, e Bellinhas a acompanhava nesse pezar.

Por aquelle tempo eram presos ao sahir de palacio o capitão André de Figueiredo e Luiz Barbalho, escapando de igual sorte muitos outros dos principaes de Olinda, que lograram fugir a tempo.

## CAPITULO XVI

NO QUAL SE ACABA A CHRONICA JUSTAMENTE QUANDO IA  
COMEÇAR A GUERRA DOS MASCATES.

Amanhecera o Recife em alvoroço.

Os moradores desde o nascer do sol, percorriam as ruas em bandos, com ares festivos e trajos domingueiros.

A maior affluencia era para o largo da Cadeia, no centro do qual via-se uma fabrica recente, á semelhança de columna, que se havia erguido durante a noite, e ali estava coberta por um grande panno de raz desde o cimo até a sapata.

Esse objecto excitava no mais alto ponto a curiosidade da populaça, que parecia contempla-lo como um tropheu. N'esse momento, nenhum dos arruadores lembrava-se da infamia e dos tratos com que o ameaçava talvez o sinistro monumento.

Era um pelourinho.

Depois do desacato á sua pessoa, decidiu-se o governador a castigar a rebeldia dos pernambucanos, a quem seus intimos injustamente imputavam o crime. Ameaçados de sorte igual a de André de Figueiredo e outros, os principaes da nobreza tinham fugido do Olinda, e andavam foragidos pelos engenhos, onde os buscavam as escoltas que Sebastião de Castro lhes mandara no calço.

Uma das medidas em que logo se cogitou, como a mais propria para abater a arrogancia dos nobres, foi a da immediata creação da villa do Recife; e como as pedras do pelourinho desde muito estavam lavradas no forte da Madre Deus, dispuzeram-se as cousas para a cerimonia.

Era este o dia destinado para a festa da proclamação da villa; e por isso o povilhéo do Recife, ancho e presumido de si, regozijava-se pelo triumpho que haviam alcançado sobre a velha e fidalga Olinda.

Por volta das oito horas da manhã, desfilou pela rua de S. Francisco, o prestito que sahia do Palacio e dirigia-se a praça da Cadeia. Abria a marcha, sobre o seu andor, a imagem de Santo Antonio, o padroeiro da futura villa a que se ia levantar a povoação do Recife.

Seguiram-se logo as irmandades das duas fre-

guezias com seus guiões e balandrãos; e a apoz ellas o Santissimo Sacramento, que o vigario de S. Pedro Gonçalves conduzia debaixo do pallio, acompanhado pelos ministros de el-rei, officiaes, milicianos, e mais pessoas da governança da terra. Sebastião de Castro ainda enfermo dos ferimentos, não assistia a cerimonia; e fazia-se representar pelo secretario Barbosa de Lima e o ajudante Negreiros.

No couce, os terços de infantaria, em um dos quaes, o dos homens brancos, empunhava a gineta de capitão, o nosso Miguel Corrêa, bizarro e desempenado como devia ser um guerreiro curtido em vinho da Figueira.

Chegada a procissão em frente a cadêa deu tres voltas ao redor do largo, e entrou a cerimonia religiosa. Em um altar volante que se levantara em face do pelourinho, e onde foi depositado o sacrario, celebrou-se a missa, que terminou com a benção do padrão da villa.

Concluindo a consagração, o ministro segurou uma ponta do panno de raz, que abrindo-se descobriu o pelourinho. Então o Dr. Luiz de Valenzuela Ortiz, que substituiu na ouvidoria ao Dr. Arouche, subiu os degrãos de pedra, e do alto acclamou a villa com as palavras do costume:

— Real, real, por ei-rei de Portugal!

Repetido mais duas vezes este brado, e em todas

correspondido pela multidão, disse afinal o ouvidor :

— Está creada a villa de Santo Antonio do Recife !

Ahi proromperam os vivas e clamores festivos, subindo ao ar os fogos de artificio, que se dispararam de varios pontos da cidade, e os repiques alegres dos sinos de todas as igrejas.

Passou-se á lavrar o auto da creação, e para esse fim arrumaram junto ao pelourinho uma banca onde veiu aboletar-se a figura sempre esconça e refohada do Cosme Borralho. O Pisca-pisca tocara a meta, obtendo por empenho da senhora Rufina a serventia do officio de tabellião do novo conselho.

Nessa qualidade fôra chamado para fazer na cerimonia as vezes de escrivão da camara, emquanto se não elegia quem servisse o officio. Já de todo livre dos effeitos do cansanção, o Cosme enfrochado em garnacha nova, trazia a cavallo na orelha direita uma penna de ganso com a rama tão garbada e matizada, que parecia uma bandeira.

Lavrado o auto, lido perante ao povo e assignado pelos ministros, officiaes e gente principal ; mandou o ouvidor apregoar á conselho chamando os vizinhos e moradores para a eleição dos juizes, vereadores, almotacés e mais officiaes da nova Camara.

Juntos na casa do conselho os homens bons da nobreza e povo, que se tinham dado a rol anteriormente, procedeu-se á escolha dos eleitores que deviam formar os pelouros, servindo n'este acto de juiz ordinario, o Simão Ribas, por nomeação do ouvidor.

Teremos outra vez occasião de assistir a uma eleição do tempo do rei velho, e então veremos que as tricas e manejos da cabala tem origem mais antiga do que geralmente se pensa.

Vamos agora áquella casa tão garrida, onde começou esta chronica, e onde por traça da sorte devia ella terminar.

As janellas estão abertas; ha dentro alegre borboborinho; e toda a casa respira tal ar de festa, que até a parede da frente parece mais sarapan-tada, ou para usar da phrase do estudante, mais *perereca* do que de costume.

Si a miuçalha que se apinha na frente e invade as portas e janellas, nos deixasse olhar para dentro da sala veriamos duas filas de damas e meninas, todas no maior apuro, com roupas de sêda, e cintos broslados de prata e ouro.

Felizmente abre-se n'este momento a chusma para dar passagem ao Sr. Simão Ribas, o qual volta do conselho, onde acaba de ser eleito juiz ordinario, e vem entufado como um perú de roda. Acompanham-n'ò seus amigos, o Vianna e o Costa Araujo,

que também sahiam do pelouro de vereadores, e o Rev. Padre João da Costa, além de outros mercadores da primeira plana.

Entremos apoz elles, com o nosso Cosme Borralho, o qual vem ao cheiro do banquete com que o chefe dos mascates se propõe a festejar a sua eleição.

Passada a primeira confusão produzida pela entrada do dono da casa e açoitamento com que o foram receber á porta seus hospedes e parentes ; podemos dar uma breve descripção da sala que apresenta todas as mostras de grave cerimonia.

Em frente acha-se o venerando almotacé, como seus dignos collegas e amigos, enfronhado em um gibão carrança de belbute, com uma volta de laçada, cujas tiras pendentes ao peito tem as amplas proporções de toalhas.

Traziam todos a indispensavel cabelleira russa e alto bengalão de rotim com castão de prata dourada, o que n'aquelle tempo era um traço imprescindivel no traço senatorial. Com essas cabelleiras e bengalas, á crermos o author dos Martyres Pernambucanos, tinham os respeitaveis senadores de serem escovados algumas semanas depois pelo capitão-mór Pedro Ribeiro da Silva.

A' esquerda alinha-se pelo estrado uma fila de damas entre as quaes, além de Leonor, cuja formosura captiva a attenção, distinguem-se logo

a senhora Rufina pelo seu empertigamento, e a senhora Rosaura pela pachorrenta gordura. Entre as respeitaveis matronas ficavam suas filhas, n'esse dia mais lindas que nunca. Ambas tinham a cabeça baixa ; mas uma não tirava a vista do chão, e era Bellinhas ; enquanto os olhinhos travesos de Martha andavam besbilhotando todos os cantos da casa.

A' direita estava arrumada de pé a chusma dos convidados. Via-se ahi toda a especie de cara, como toda a casta de vestuario, desde o casquilho alfacinha e o folgazão do minhoto até o arrevesado gallego, que ainda não tivera tempo de polir-se ao attrito da bôa roda.

Tambem lá apareciam no meio d'essa galeria reinicola os typos da terra, como fossem o sertanejo e o matuto, representados em alguns exemplares preciosos que os mascates haviam attrahido a seu partido.

Quando o venerando ex-almotacé e agora juiz ordinario tomou assento, Vital Rebello que se achava na sala e havia saudado a chegada, foi ao interior da casa, d'onde logo voltou, guiando dois mancebos, em que apezar do traço garrido, facil era conhecer o Nuno e o Lizardo.

O ex-escudeiro de D. Severa tinha perdido todo o seu arreganho marcial e caminhava sobre brasas, em quanto o timido e sensitivo poeta expandia-se

n'essa athmosphera de sala para a qual nascera sua alma.

Seria fazer pouco na perspicacia do leitor, supôr que elle já não percebeu do que se trata. Todavia sou capaz de apostar que ainda não atinou com a verdade inteira ; e si assim não é, feche o livro, pois sabe mais do que elle.

A noite, em que Vital Rebello de volta de Olinda com sua noiva, aprisionou os dois casaes de namorados em Santo Amaro ; não cuidou sinão em dar-lhes hospitalidade, e de tão boa vontade e por modo solícita, que se não lembrassem elles nas horas mortas de bater a linda plumagem, sobretudo o Nuno, afamado por suas estrepolias.

O mais do tempo consagrou-o á sua felicidade. E quem, depois de um anno tão curtido de amarguras e desesperos, lhe podia pedir conta d'essas poucas horas de egoismo ? E demais devia elle deixar só n'aquella noite a sua Leonor, a esposa querida que acabava de conquistar ao odio dos parentes ? Não seria expo-la a qualquer temerario arrojô dos nobres, excitados pelo sentimento da vingança, e pelo rebramo do orgulho offendido ?

No outro dia, cedo, depois de tomar todas as precauções necessarias para defender sua habitação de qualquer assalto de fóra, como para guardar a sabida aos seus prisioneiros, partiu elle a cavallo

para casa do primo Simão Ribas, com quem teve uma longa pratica.

O resultado dessa pratica foi partirem immediatamente as senhoras Rufina e Rosaura para a casa de Rebello; e trazerem em cadeirinhas bem fechadas as filhas, que já choravam perdidas ambas, suppondo as roubadas pelos *Pés-rapados*, sedentos de vingança contra os mercadores.

Quanto ao Nuno e ao Lizardo, continuaram hospedes de Vital Rebello até aquelle dia em que o mancebo fornecendo-lhe trajos de gala e cavallos ajaezados os trouxera a casa do Simão Ribas, onde os achamos n'este momento.

Vital Rebello tomou pela mão ao Nuno e levou-o á presença do Vianna, que o esperava com severa carranca. Ajoelhou o filho aos pés do pai, e balbuciou algumas palavras pedindo-lhe perdão de sua culpa, e a restituição da benção.

— Está perdoado; disse o Vianna em barytono, dando ao filho a mão beijar. Levante-se, e agradeça ao Sr. Vital Rebello que intercedeu em seu favor.

Voltou-se o Nuno para o alferes o qual lhe deu um abraço. O Vianna continuou.

— A pedido do mesmo Sr. Rebello consinto que sente praça na milicia com o posto de alferes que elle cede em seu beneficio.

Desta vez foi o Nuno que abraçou com enthusiasmo seu protector.

— Agora chegue-se cá, moço ; disse a senhora Rufina e ouça-me bem. Você está muito criança ainda para casar...

— Dezoito annos... quiz protestar o Nuno.

— Deseseis, menino ! acudiu a senhora Rosaura.

— Está vendo. Lá para os vinte, si comportar-se como homem, não digo que não, Até então póde ver sua noiva, na missa aos domingos, ou aqui em casa nas quatro festas ao anno.

Martha ao ouvir fallar em noiva fez-se de lacre e Nuno escondeu a careta que lhe merecera o programma da senhora Rufina.

Entretanto Rebello que não concluíra ainda a sua missão de patrono dos namorados, fora buscar o Lizardo para apresental-o ao Vianna.

— Quanto ao senhor, disse o mercador, fica em minha loja no lugar de caixeiro que deixou o tonto de seu camarada ; e nessa qualidade si me servir bem, e for regrado, trabalhador e economico, prometto-lhe a mão de minha filha Isabel aqui presente.

— Poltando, accrescentou gravemente o Simão Ribas, não precisa mais fazer *vels*os.

— Contra os de Olinda, póde fazer ; acodiu a senhora Rufina.

— Nada de versos ; tornou o Vianna. Aprenda-me á fazer contas e á conhecer o valor dos algarismos. Com isso sabe-se tudo.

-- Tem *lazão*, tem muita *lazão* o meu *lespeitavel* amigo. Vamos *pala* a mesa que nos *espela*.

Deixemos que o excellente senhor Simão Ribas e seus convidados festejem nas delicias do succulento banquete o triumpho alcançado pelos *mas-cates* com a *creação* da villa ; e aproveitemos estas ultimas paginas para dar alguma breve noticia dos outros personagens da chronica.

Toda a nobreza abandonara Olinda e se refugiara nos engenhos, onde preparava-se não só para a resistencia, como para a *desforra* que em poucos dias ia começar com o levante do capitão-mór de Santo Antão, Pedro Ribeiro da Silva.

D. Severa acompanhara os parentes, inconsolavel pela perda de seu poeta e de seu escudeiro, porém ainda mais por não ter podido chamar Sebastião de Castro á *combate* singular, onde se despicasse da *affronta* que elle mandara fazer á sua *belleza*.

Poucos dias depois da *creação* da villa do Recife, Vital Rebello aproveitando a *sahida* de um navio para a Bahia, levou a sua querida Leonor ás *pittorescas* assomadas do Salvador, onde se deslisou serena e florida a sua *primavera* nupcial.

Induziu-o a esta viagem, não sómente o desejo de *desvanecer* no espirito de Leonor a *lembrança* da opposição de seus parentes ; como a *previsão* dos successos que iam enlutar a capitania, e nos quaes,

elle presente, não podia eximir-se de tomar uma parte dolorosa ao coração de sua esposa.

Effectivamente a revolta dos pernambucanos tomara de dia em dia maior incremento.

Sebastião de Castro, já de todo restabelecido dos ferimentos, começava a sentir em palacio o isolamento, infallivel symptoma dos desastres iminentes. As catervas de homens tem o mesmo instincto dos rebanhos, que pressentem o temporal, e fogem ao perigo.

Elle reconheceu, então já tarde o erro. Seu immenso poder e a sua politica dissolvente haviam tudo esmagado e deluido em torno d'elle; de modo que no dia da provança, quando se julgava cercado de amigos e alliados, não viu ao redor sinão miragens de sua propria vontade, que elle animara com seu prestigio e com este se apagavam.

Não eram homens aquelles vultos que ainda povoavam as salas do palacio; e sim os manequins do governo ainda movidos pela mola da ambição e da cobiça. Mas como a corda do maquinismo estava prestes a acabar, já os movimentos eram frouxos e incertos.

O Barbosa de Lima acompanhou-o até o ultimo instante com uma fidelidade nunca desmentida; mas continuou no cargo de secretario, e nelle atravessou todo o periodo da guerra dos mascates, até 1712 em que partiu para Lisboa.

Espalharam então que fora a mandado dos mascates, e ganhando pingue esportula; mas isso não passou de uma das muitas calumnias tão frequentes naquelle tempo; e a que não escapou o proprio Sebastião de Castro, apezar de seu proverbial desinteresse.

Não é este o momento de referir os successos que pozeram termo ao governo de Sebastião de Castro Caldas, e que pertencem á chronica seguinte. Esta termina com o primeiro e ephemero triumpho dos mascates, e com a installação da villa do Recife.

Anteciparemos porém este ponto; que Sebastião de Castro mostrou-se na adversidade. o varão forte de Horacio, á quem as ruinas de seu fastigio não esmagam, mas ao contrario exaltam, como um pedestal.

E' o destino dos homens fadados para a dominação. O poder e a fortuna os expande; e elles absorvem ou repellem quantos se lhe approximam. O revez e a desgraça os concentra; e então elles acham dentro em si um mundo, onde se isolam.

Na noite em que Sebastião de Castro embarcava na rampa de palacio para transportar-se a bordo do navio que devia conduzil-o á Bahia, diversas pessoas o acompanhavam.

Destas algumas eram os principaes mercadores que temendo as represalias dos nobres, fugiam á

má fortuna : outras eram gente da governança e officiaes de sala, que desempenhavam pontualmente uma obrigação de seu officio, vindo prestar ao fidalgo aquelle ultimo dever.

Só uma era estranha ao governo, e desconhecida para aquella gente. Sebastião de Castro Caldas reconheceu Carlos de Eneia, seu antigo secretario; e comprehendeu que o trazia ali o desejo de render a homenagem de seu respeito á adversidade, já que não lhe era dado conjura-la.

**FIM**

# ERRATA

---

PAG.	LIN.	ERRO	EMENDA
20	18	o desamparou	a desamparou
»	19	entregando-o	entregando-a
25	18	<i>verbis magistris</i>	<i>verbis magistri</i>
27	19	memoria	memoria
»	21	que maneira	que de maneira
28	20	compete	compelia
30	23	mercadores, de	mercadores de
31	2	é primeira idea	á primeira idea
32	21	a a cutis	a cutis
33	23	nobreza de Olinda	nobreza
43	5	<i>asperissimamente</i>	<i>asperrissimamente</i>
53	23	mulher e filho	mulher e filha
54	17	espiação	expiação
58	25	que sinão	que se não
59	23	escutavam	escutaram
60	13	já si não	já se não
64	13	tocadas	tocada
65	9	repimpara	repimpava
»	18	aquella	aquelle
»	21	urdindo, ali era	urdindo ali, era
71	13	Rabello	Rebello
74	1	e um movimento	e á um movimento
75	24	se eu não etc.	si eu não etc.
76	1	crusava	crusara
79	17	si não	sinão
80	13	Leonor,	Leonor.
83	1	Barbosa Lima	Barbosa de Lima
87	5	que me Vital	em que Vital
91	7	a mão esquerda	a mão esquerda,
93	7	do seu tio	de seu tio
105	11	bonito ramalhete	vistoso ramalhete
108	18	e sendo, preciso	e sendo preciso,
110	9	novo	nosso
114	10	Barbosa Lima	Barbosa de Lima

PAG.	LIN.	ERRO	EMENDA
117	5	queria	queira
128	1	desafrontamento	desaforamento
144	13	rejas	reixas
147	3	paiol	poyal
153	21	a desventura	esta desventura
156	18	ogo	logo
160	13	novidades	novidade
164	3	rejas	reixas
169	15	Bra	Brazil
171	22	gento	gente
173	6	despondiam	despendiam
178	2	ado-escencia	adolescencia
191	13	prezas	proezas
»	»	prenderem	prender
196	25	deixara	ficara
»	26	a tarde	á tarde
205	24	padre Padre	Padre Mestre
211	11	desprendendo	desatando
221	18	da cansansão	de cansansão

---

 DO 1º VOLUME

PAG.	LINH.	ERRO	EMENDA
XIII	26	boa politica	de boa politica
109	9	louçainha	garridice
133	12	D. João	O capitão-mór
»	13	dos Barros etc.	dos Coelhos, Barros etc.
141	13	D. João	João
155	9	Barbosa Lima	Barbosa de Lima

---